



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras

NORIKO LÚCIA SABANAI

**Brasília
2016**

NORIKO LÚCIA SABANAI

Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof^ª Dra. Daniele Marcelle Grannier, LIP/UnB

.

Brasília

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Sabanai, Noriko Lúcia

SA113a Aspectos gramaticais e discursivos da
narrativa na Libras / Noriko Lúcia Sabanai;
orientador Daniele Marcelle Grannier.
-- Brasília, 2016.
120 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística)
-- Universidade de Brasília, 2016.

1. Libras. 2. Sintaxe. 3. Transitividade.
4. Argumentos. 5. Corpo como sujeito. I. Grannier,
Daniele Marcelle, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier, LIP/UnB – Presidente

Profa. Dra. Stella Virginia Telles de Araujo Pereira Lima, UFPE
Membro efetivo externo

Profa. Dra. Edineide dos Santos Silva, UnB/LIP – Membro efetivo externo

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves, LIP/UnB – Membro efetivo interno

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes, LIP/UnB – Membro efetivo interno

Profa. Dra. Marina Maria Silva Magalhães, LIP/UnB – Suplente

BRASÍLIA

2016

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese de doutorado primeiramente a Deus todo poderoso, que tornou possível este momento. Aos meus pais, Noriyuki Sabanai (*in memorian*) e Yaeno Sabanai (*in memorian*); pais que sempre me incentivaram, carinhosamente, até a data de seus falecimentos. E que, por ironia do destino não terão a oportunidade de participar deste momento tão gratificante e único da minha vida acadêmica. Ao meu amor, marido amigo e companheiro de todas as horas, Milton Shintaku, e a minha filha amada Lumie Sabanai Shintaku que com muito amor, dedicação, esforço e carinho sempre me apoiaram e trabalharam incansavelmente para construir o meu futuro acadêmico. Por terem propiciado a realização deste sonho, a todos eles a minha gratidão e meu eterno obrigado

AGRADECIMENTOS

- Agradeço primeiramente a Deus por tantas oportunidades oferecidas;
- A São Francisco de Assis e a Nossa Senhora de Fátima;
- Aos meus pais já falecidos, que me deram vida, amor;
- À minha orientadora, Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier , mulher determinada e incansável que, com muita paciência, educação, sabedoria, inteligência e conhecimento acadêmico sempre me orientou com carinho e competência;
- Ao meu marido, Milton Shintaku, meu amor, pelo carinho, paciência, apoio e incentivo incansável em todos os momentos;
- À minha amada filha, Lumie Sabanai Shintaku que desde sempre me acompanha com sua paciência, amor e carinho;
- Aos Professores Doutores, meus sinceros agradecimentos por aceitarem o convite para compor a Banca Examinadora.
- A todos os professores do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília pelos conhecimentos transmitidos;
- Aos funcionários da Secretaria do Departamento pela atenção;
- Às alunas surdas, sem cuja colaboração, esta pesquisa não poderia ser realizada;
- Às mães dos alunos surdos que participaram desta pesquisa;
- A Rita de Cássia Cardoso;
- A Andréia Cristina Costa Lima;
- Aos meus amigos, pelo apoio;
- Ao Riquelme Araújo Ferreira que gentilmente desenhou a figura 24: Espelhamento da oração ativa e passiva;

- A todas as pessoas que, de alguma forma, me ajudaram na realização desta pesquisa.

RESUMO

O presente estudo analisa e descreve aspectos da transitividade da Libras falada em Brasília. Para esta pesquisa, foram coletados dados em uma escola pública situada no Distrito Federal (DF). Realizaram-se gravações de alunas surdas que produziram textos narrativos baseadas em filmes. A análise se desenvolveu em um quadro teórico funcionalista. Os aspectos da transitividade da Libras analisados apontam para uma língua de proeminência tanto de tópico quanto de sujeito, correspondendo ao segundo tipo de Li e Thompson (1976), o que é evidenciado pela presença de topicalização, por um lado, caracterizada pela posição inicial nos enunciados e por marcas morfológicas – a repetição do sinal, e, por outro lado, pela existência de processos nos quais se requer do sujeito uma função destacada, tais como a passivização e a reflexivização. A Libras é uma língua de transitividade complexa, apresenta estruturas transitivas nominativas / acusativas (no espaço real) e, estruturas nominativas / absolutivas (nos espaços subrogado e token das narrativas). A transitividade se apresenta cindida, pois há (1) sujeitos do tipo A e S_a, nominativos, com o mesmo tipo de marcação de sujeito, que na Libras se manifesta pelo corpo como sujeito, conforme Meir *et al.* (2006); assim como (2) sujeitos do tipo S_o, absoluto, no qual a marca que os caracteriza é idêntica à dos objetos (O) de verbos transitivos – os classificadores –, representados por configurações de mão. Há dois tipos de orações bitransitivas: o primeiro, com dois objetos, um objeto paciente e um objeto beneficiário, e o segundo, um caso especial de bitransitividade, em cujas orações ocorrem um objeto instrumento [inanimado], que recebe o mesmo caso absoluto que um objeto único de oração transitiva, e outro [animado], o objeto paciente. Apresenta-se também uma análise e descrição de marcadores discursivos e atos de fala que antecedem o núcleo da narrativa, com destaque para a construção do cenário, um tipo de componente característico das línguas de sinais, essencial para a referenciação anafórica dos argumentos nas orações que o seguem. A função identificada nesse cenário alinha-se com a topicalização, daí sua caracterização como um “supertópico”. Verificou-se que tanto os predicados nominais como os verbais podem ser destacados pela repetição (de três a quatro vezes) se estiverem em foco: os

predicados nominais na construção do cenário, e os predicados verbais na narrativa, onde a atenção se concentra na ação.

Palavras-chave: Libras, sintaxe, transitividade, argumentos, corpo como sujeito.

ABSTRACT

This study analyzes and describes aspects of transitivity of Brazilian Sign Language (BSL) spoken in Brasilia. For this study, data were collected in a public school located in the Distrito Federal (DF). There were recordings of deaf students who produced instructional texts, as well as film-based narratives. The analysis is developed in a functionalist theoretical framework. Aspects of transitivity of BSL were analyzed and they show prominence for both topic and subject, so that it corresponds to the second type of Li and Thompson classification (1976). This is evidenced by the presence of topicalization on one hand, characterized by the initial position in the sentence, and by morphological marks – such as the repetition of a sign, and, on the other hand, as the existence of processes in which the subject must have a prominent role, such as the passivization and reflexivization. BSL is a complex transitivity language, presenting nominative / accusative transitive structures (in real space) and nominative / absolutive (in the spaces subrogated and token, in narratives). Transitivity is a splitted system, because there are (1) subjects of the type A and S_a, nominatives, with the same mark of subject. In the BSL this phenomenon is manifested by the body-as-a-subject, as defined by Meir et al. (2006); as well as (2) subjects of the type S_o, absolutive, which marks are the same as those of objects (O) of transitive verbs: in both they are classifiers - represented by hand configurations. Two types of ditransitive sentences were found: the first, with two objects, a patient object and a recipient object, and the second, a special case of ditransitivity, in which there is a [inanimate] instrument object that receives the same absolutive case of the unique object of a transitive sentence, and another [animate] object, the patient object. Furthermore, it presents an analysis and description of discourse markers and speech acts that precede the core of the narrative, and, in particular, it describes the construction of the scenario, a type of component that is characteristic of sign languages, which is essential for anaphoric referencing arguments in subsequential sentences. The function identified in this scenario aligns with topicalization, hence its characterization as a "supertopic". It was found that both the nominal and verbal predicates can be highlighted by repetition (three to four times) if they are in focus, such as the nominal predicates in the

construction of the scenario, and the verbal predicates in the narrative, where the attention is focused on action.

Keyword: Libras (BSL), syntax, transitivity, arguments, body-as-a-subject.

Sumário

FICHA CATALOGRÁFICA.....	III
FOLHA DE APROVAÇÃO	IV
BANCA EXAMINADORA.....	IV
DEDICATÓRIA	V
AGRADECIMENTOS	VI
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT	X
LISTA DE FIGURAS.....	XIV
LISTA DE EXEMPLOS	XV
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	XVII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - QUADRO TEÓRICO	4
1.1 ASPECTOS GERAIS DA TEORIA FUNCIONAL-TIPOLOGICA.....	4
1.2 CONSTITUINTES NA ORAÇÃO.....	5
1.3 VALÊNCIA VERBAL	11
1.4 TÓPICO E TOPICALIZAÇÃO.....	13
1.5 CLASSIFICADORES VERBAIS	15
1.6 ESTUDOS SOBRE LÍNGUAS DE SINAIS	19
1.7 OS ESPAÇOS MENTAIS NAS LÍNGUAS DE SINAIS	22
1.8. A APONTAÇÃO NO ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO	24
1.9. O ESPAÇO, O <i>LOCUS</i> E OS VERBOS EM LÍNGUAS DE SINAIS.....	25
1.10 TIPOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS	31
1.11 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS).....	33
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	42
2.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA	42
2.2 COLETA DE DADOS.....	43
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DESCRIÇÃO: NÍVEL DO DISCURSO.....	45
3.1 A DELIMITAÇÃO.....	45
3.1.1. PARADAS DELIMITADORAS DO DISCURSO	466
3.1.2 PARADAS E MARCADORES: DELIMITAÇÃO DE ATOS DE FALA.....	48
3.2 MARCADORES DE MUDANÇA	54
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DESCRIÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO	56
4.1 COMPONENTES DO CENÁRIO	57
4.2 ORAÇÕES PLENAS E ORAÇÕES REDUZIDAS	59
4.2.1 ORAÇÕES TRANSITIVAS PLENAS.....	59

4.2.2 ORAÇÕES TRANSITIVAS REDUZIDAS	62
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DESCRIÇÃO: A TRANSITIVIDADE	65
5.1 ALINHAMENTO DE ARGUMENTOS	65
5.2 FLEXÕES DOS VERBOS	68
5.3 FORMAS GENÉRICAS E FORMAS REDUZIDAS	72
5.4 A EXPRESSÃO DA TRANSITIVIDADE	74
5.5 PROCESSOS DE REDUÇÃO DE VALÊNCIA	76
5.6 A RECIPROCIDADE	82
5.7 O BENEFICIÁRIO	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
SITES CONSULTADOS	94
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO EMITIDA PELO COMITÊ DE ÉTICA.....	95
ANEXO B – CONFIGURAÇÃO DE MÃOS	96
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PAIS OU RESPONSÁVEIS)	97
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA O PARTICIPANTE SURDO).....	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama de possibilidades de marcação de caso.....	6
Figura 2: Exemplo com S_a	7
Figura 3: Exemplo com A	7
Figura 4: Exemplo com S_o	8
Figura 5: Exemplo de agente humano	10
Figura 6: Exemplo de tópico	15
Figura 7: O classificador verbal refere-se a um substantivo na função O	17
Figura 8: Classificador referido como O	18
Figura 9: Classificador numeral com funções dêiticas.	18
Figura 10: Espaço real.....	23
Figura 11: Espaço sub-rogado	23
Figura 12: O espaço físico "locus" (apontação para o referente).....	24
Figura 13: O sinal do pronome pessoal EU	25
Figura 14: Nominal associação com um "locus" de um referente ausente.	25
Figura 15: Verbo COMER	27
Figura 16: 'Mulher dá uma bola para o homem.' em ABSL.	29
Figura 17: A localização real dos referentes.....	33
Figura 18: Ordem dos constituintes em Libras	34
Figura 19: Verbo emprestar.....	35
Figura 20: ONTEM	36
Figura 21: Concordância e marcas não manuais	38
Figura 22: Formas pronominais utilizadas com referentes que não estão presentes.....	40
Figura 23: Topicalização e redução de valências	80
Figura 24: Espelhamento da oração ativa e passiva	81

LISTA DE EXEMPLOS

Exemplo 1: JMC [Oi, tudo bem? (...) 'é difícil!'] OK BLC	46
Exemplo 2: BLC [Tudo bem? (...)] OK BLC	47
Exemplo 3: BLC [O pato (...)] OK JMC	48
Exemplo 4: JMC [Oi! Tudo bem?] OK	49
Exemplo 5: [MEU *****]	50
Exemplo 6: SINAL *****	51
Exemplo 7: [O título é "Patinho feio"]	51
Exemplo 8: [NOME P-A-T-I-N-T-O] MUDE-1 [F-E-I-O].....	52
Exemplo 9: [Eu vou explicar] JMC ESPERE [eu sou o pai do Patinho Feio].....	53
Exemplo 10: [CORPO]-PEGAR^Clredondomédio] MUDE-2 HOMEM	54
Exemplo 11: ÁRVORE 'havia uma árvore.'	58
Exemplo 12: HOMEM CAVANHAQUE BIGODE 'havia um homem com cavanhaque e bigode'(...) HOMEM BIGODE 'o homem de bigode (...)'	58
Exemplo 13: ÁRVORE HOMEM CAVANHAQUE BIGODE / [CORPO]-PEGAR- Clarredondado médio / FGpera FRUTA FRpera DIVERSAS. 'havia uma árvore e um homem de cavanhaque e bigode ele1 (o homem) pega (fruta) diversas peras.....	60
Exemplo 14: UM HOMEM CAVANHAQUE E BIGODE '[...] um homem com cavanhaque e bigode'(...) HOMEM BIGODE 'o homem de bigode [...]. '	62
Exemplo 15: [CORPO]-PEGAR-Clarredondadomédio-ÁRVORE [CORPO]-PEGAR- Clarredondadomédio^COLOCAR-Clrecipientegrande 'ele1 (o homem) pega ele2 (a fruta) na árvore e ele1 (o homem) coloca ele2 (a fruta) em recipiente grande.....	63
Exemplo 16: [CORPO]-PEGAR-Clarredondado médio ÁRVORE.....	66
Exemplo 17: [CORPO] ESPERA. 'ele1 (Pato) espera'	66
Exemplo 18: HOMEM Clhumano-2-DESCER-Clcilíndrico 'o homem desce'	67
Exemplo 19: FIO BRANCO 'fio branco'	69
Exemplo 20: [CORPO]-ENMOLHAR PARA CIMA-PEGAR-Clarredondado médio 'ele1pega ele2'	69
Exemplo 21: [CORPO] ENMOLHAR PARA CIMA-SEGURAR-Clarredondado grande.....	70
Exemplo 22: HOMEM ANDAR-Clhumano1 'o homem (vem) andando'	70

Exemplo 23: Clhumano2-DESCER-FRÁrvore ‘ ele1 (o homem) desce’	71
Exemplo 24: TRÊS HOMEM Clhumano3-VEM. ‘ três homens (vem) vindo’	71
Exemplo 25: Clveículo2-IR ‘a bicicleta (está) indo’	71
Exemplo 26: [CORPO]-Clroliço fino-SACUDIR / [...] / [CORPO]-FRBATER ‘ele (o homem) do bate-bate.	73
Exemplo 27: Clhumano2-DESCER-FRÁRVORE ‘ ele1 (o homem) desce’	73
Exemplo 28: CHIFRE^BARBA(tópico) [CORPO]-OLHAR- ENMOLHARPARABAIXO -PUXAR-Clroliço fino / [CORPO]-OLHAR-ENMOLHARPARACIMA-PUXAR-Clroliço fino - BRAÇO/MÃODIREITA -PASS ‘ bode, ele1 (o homem) puxa ele2 (o bode) por ele3 (a corda), ele2 (o bode) está sendo puxado pela corda.	74
Exemplo 29: [CORPO]-OLHAR-ENMOLHAR PARA BAIXO-PUXAR-Clroliço fino ‘ele1 (o homem) puxa ela2 (a corda) (Foto 25).	77
Exemplo 30: [CORPO]-OLHAR-ENMOLHARPARACIMA-PUXAR-Clroliço fino--BRAÇO/MÃODIREITA-PASS ‘ele2 (o bode) é puxado pela corda’	79
Exemplo 31: HOMEM^PATO MULHER^PATO (tópicos) BEIJAR (2X) BEIJAR (2X) LOCALI ‘quanto ao pato e à pata, eles se beijavam ali’	82
Exemplo 32: [CORPO]-ENMINTENSO-BEIJAR-LOCBOCHECHA-COMPLAGENTE ‘ela (a pata) foi beijada intensamente na bochecha por ele (o pato)’	83
Exemplo 33: FGpera TRÊS AQUI [CORPO]-PEGAR-ALGO-AQUI ENMOLHAR PARA A ESQUERDA [CORPO]-DAR-ALGO ENMOLHAR PARA A ESQUERDA [...] [CORPO] OBRIGADO. ‘Ele1 deu três peras para ele2. [...] a outra pessoa agradece ’	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
A	Sujeito transitivo
ABSL	Língua de Sinais Al-Sayyid Beduína
ASL	American Sign Language (Língua de Sinais Americana)
Cl _{arredondado grande}	Classificador arredondado grande
Cl _{arredondado médio}	Classificador arredondado médio
Classificador-objeto (Cl-o)	Classificador objeto
Cl _{cilíndrico}	Classificador cilíndrico
Cl _{humano-2}	Classificador humano 2
Cl _{humano3}	Classificador humano 3
Cl _{recipiente grande}	Classificador grande
Cl _{redondo}	Classificador redondo
Cl _{roliço fino}	Classificador roliço e fino
Cl _{veículo}	Classificador veículo
Cl _{veículo1}	Classificador veículo 1
Cl _{veículo2}	Classificador veículo 2
CM	Configuração de Mão
COMPL _{AGENTE}	Complemento agente
E	Transitiva estendida
ENM _{BICO}	Expressão não manual bico
ENM _{INTENSO}	Expressão não manual intenso

ENM _{OLHARPARABAIXO}	Expressão não manual olhar para baixo
ENM _{OLHARPARACIMA}	Expressão não manual olhar para cima
FG _{pêra}	Figura genérica
Fluid - S	S - fluido
FR	Forma reduzida
FR _{ÁRVORE}	Forma reduzida árvore
FR _{SACUDIR}	Forma reduzida sacudir
ISL	Língua de Sinais Israelense
L2	Segunda língua
Libras	Língua brasileira de sinais
LIBRAS	Língua de sinais brasileira
LOC _{BOCHECHA}	Locativo bochecha
LS	língua de sinais
O	Objeto transitivo
OM	Orientação de mão
P	Argumento paciente
Rep	Repetições
RG	Relações gramaticais
S	Sujeito intransitivo
S _a	S, marcado da mesma maneira que (A)
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
sg	singular
S _o	S, marcado da mesma maneira que (O)
Split - S	S - cindido
UnB	Universidade de Brasília

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo analisar e descrever aspectos da transitividade da língua brasileira de sinais, a Libras.

A motivação para pesquisar a Libras surgiu ao longo dos últimos dezoito anos da vida profissional como professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), que, atualmente, totalizam vinte e cinco anos. Na interação com os alunos surdos profundos¹ falantes da Libras, sentimos que os professores ouvintes careciam de descrições linguísticas que permitissem um aprofundamento do conhecimento sobre a língua. Um dos aspectos que mais saltaram aos olhos foi a questão da ordem dos constituintes dentro da oração. Num primeiro levantamento, observamos que alguns desses constituintes, como os objetos diretos de orações transitivas, pareciam ocorrer em posições contrárias à expectativa. Surgiram também indagações sobre o que poderia causar uma repetição de sinais aparentemente desnecessária. Assim, acabamos nos envolvendo com aspectos sintáticos da Libras e, em particular, com a transitividade, o que nos motivou a empreender esta pesquisa.

Nos últimos anos, temos verificado, no Brasil, um crescente interesse pelo estudo da Libras, além do surgimento de formas institucionais para o uso e a difusão dessa língua, definidas pelo Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, regulamentado pela Lei n. 10.436/2002.

Conforme esse último documento, a Libras foi considerada uma das línguas de instrução que deve ser utilizada no desenvolvimento de todo o processo educativo, visando ao acesso das pessoas surdas à educação.

Assim, justifica-se a necessidade desta pesquisa não só para um melhor conhecimento da Libras, mas também para beneficiar as práticas pedagógicas, atendendo às diretrizes relativas ao direito do surdo à educação, conforme as recomendações a seguir.

Cabe a todos, principalmente aos setores de pesquisa, as Universidades, o desenvolvimento de estudos na busca dos melhores recursos para auxiliar/ampliar a capacidade das pessoas com necessidades educacionais especiais de se comunicar, de se locomover e de participar, de maneira cada vez mais autônoma, do meio educacional, da vida produtiva e da vida social, exercendo, assim, de maneira plena, a sua cidadania. Estudos e pesquisas sobre inovações na prática pedagógica e desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias ao processo educativo, por

¹ Surdo profundo – indivíduo que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal, que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir naturalmente a linguagem oral. (RINALDI, 1997).

exemplo, são de grande relevância para o avanço das práticas inclusivas, assim como atividades de extensão junto às comunidades escolares. (Direito à Educação, 2004, p.330)

A Libras é a língua de sinais falada pelas comunidades surdas no Brasil. Conforme Ferreira Brito, as línguas de sinais são línguas que se articulam espacialmente, que são percebidas visualmente e são naturais como as demais línguas humanas, pois

surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque, devido à sua estrutura, permitem a expressão de qualquer conceito – descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato – enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. (FERREIRA BRITO, 1997, p. 19)

Para esta pesquisa, foram coletados dados em uma escola pública situada no Distrito Federal (DF). Realizaram-se gravações de alunas surdas que produziram textos instrucionais, assim como narrativas baseadas em filmes.

A análise desenvolveu-se em um quadro teórico funcionalista, e foram enfocados aspectos da transitividade da Libras falada em Brasília².

Procuramos identificar as estruturas sintáticas transitivas e, por meio delas, definir os diferentes estratos do fenômeno da transitividade, a saber, o número e a natureza dos argumentos que uma oração requer, quais são as convenções utilizadas para marcá-los e que tipos de oração derivam dessas premissas.

Com base na análise sintática, classificamos as orações de acordo com a proeminência de tópico ou de sujeito e também de acordo com os padrões recorrentes de marcação morfológica dos argumentos dentro das orações.

Pretendemos analisar e descrever aspectos especiais das línguas de sinais relacionados à transitividade, como (a) a construção do cenário e sua função na sintaxe da língua e (b) os atos de fala que antecedem uma narrativa propriamente dita.

No capítulo 1, apresenta-se o quadro teórico que fundamentou a análise e a descrição dos dados coletados, assim como as análises disponíveis sobre a Libras.

O capítulo 2 descreve-se a metodologia utilizada para a coleta de dados, as condições em que a coleta foi realizada e o perfil das participantes da pesquisa.

² Brasília – “Capital do Brasil, sede do Governo da União, sede do Governo do Distrito Federal, Patrimônio Cultural da Humanidade, referência nacional e internacional.” Lassance (2002, p.75)

A análise e a descrição dos aspectos relevantes nesta tese são apresentados em três capítulos: no capítulo 3, são descritos marcadores discursivos e delimitadores de atos de fala, no capítulo 4 apresenta-se a construção do cenário e, no capítulo 5, a descrição de aspectos transitivos encontrados na Libras. Por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais serão apresentados os destaques deste estudo.

Em anexo, encontram-se (A) a autorização emitida pelo comitê de ética, (B) o termo de consentimento livre e esclarecido (pais ou responsáveis) e (c) o termo de consentimento livre e esclarecido (para o participante surdo).

CAPÍTULO 1 - QUADRO TEÓRICO

Neste capítulo, apresentaremos, na primeira parte, uma revisão do quadro teórico adotado para a análise linguística, a saber, da teoria funcional-tipológica e, na segunda parte, enfocaremos os estudos sobre as LS em geral e sobre a Libras, em particular.

1.1 Aspectos gerais da teoria funcional-tipológica

Nesta pesquisa, os aspectos morfossintáticos dos predicados verbais da Libras serão apresentados no quadro teórico funcionalista, representado por autores como Dixon (1994), Dixon (2010a), Dixon (2010b), Givón (1984 e 2012) e Payne (1997), para apresentar os principais conceitos que serão utilizados neste trabalho.

Dixon propõe uma caracterização das estruturas das línguas humanas fornecendo um quadro teórico e procedimentos para análise das línguas naturais. Além disso, acrescenta que o seu foco é a gramática, o núcleo organizacional de todas as línguas. Para o autor, a tarefa da linguística é explicar a natureza da linguagem humana, mediante uma participação ativa na descrição de línguas (2010a, p. 01). Segundo ele, cada língua deve ser vista como um sistema integrado, no qual a função central, ou seja, a comunicação do significado deve ser o foco de atenção em qualquer estudo linguístico (DIXON, 2010a, p. 22). Assim, nessa abordagem, o linguista deve iniciar a sua coleta de dados para a realizar a descrição de qualquer língua, devendo gravar, transcrever e analisar os textos coletados. Ao longo de vários meses, poderá descobrir regularidades e irregularidades gramaticais dessa língua. Gradualmente, as estruturas da língua emergem da análise dos dados (DIXON, 2010a, p. 57).

Givón (1984, p. 85-86) também defende uma abordagem empírica baseada em dados naturais para a análise e a descrição de línguas. Nessa linha, Payne (1997, p.129) adota o conceito basilar de relações gramaticais (RG), afirmando que as RG devem ser definidas como as relações entre argumentos e predicados em uma estrutura linguística que é independente das influências semânticas e pragmáticas. As propriedades formais que mais diretamente identificam as RG são as seguintes: marcação de caso, a menção dos participantes marcada no verbo e a ordem dos constituintes. Segundo o autor, os termos frequentemente

usados para referir-se as RG são: sujeito, objeto direto, objeto indireto, nominativo, acusativo, ergativo, absolutivo e dativo.

Desse modo, entendemos que empreender a análise da morfossintaxe implica examinar os componentes das orações, definindo as RG que permitem identificá-los com base nas marcas de caso e na referência aos participantes da oração indicada pelo verbo.

1.2 Constituintes na oração

Dixon (2010a, p. 5) relata que a oração envolve um predicado e um número de argumentos nucleares (*core arguments*): um argumento para um predicado intransitivo e dois para um predicado transitivo, ressaltando que o elemento núcleo (*head*) de um predicado transitivo é tipicamente um verbo, mas que, em algumas línguas, esse elemento pode ser um adjetivo, um substantivo ou um pronome. Segundo o autor, não existem duas línguas precisamente iguais. Embora os mesmos rótulos sejam utilizados para descrever categorias gramaticais semelhantes em diferentes línguas, elas podem conter especificidades únicas para cada língua. Capítulo 1 seção 1.2

Como observa o autor (DIXON, 2010b, p. 115), cada oração (i) tem um valor de transitividade, que determina o número de argumentos nucleares necessários; (ii) pode ter seus argumentos representados por símbolos convencionais, além de poder indicar qual é seu argumento núcleo; e (iii) pode apresentar verbos de diferentes classes, dependendo do tipo de transitividade da oração.

Para Dixon (2010b, p. 116), as duas principais estruturas oracionais encontradas nas línguas do mundo são:

(i) **orações intransitivas**, com um único argumento obrigatório identificado como estando na função de sujeito representado convencionalmente por S;

(ii) **orações transitivas**, com dois argumentos: sujeito transitivo, indicado por A e o objeto transitivo por O. Segundo o autor, “a definição das funções A e O para os dois argumentos nucleares de uma oração transitiva tem uma base semântica.” (2010b, p. 116)³.

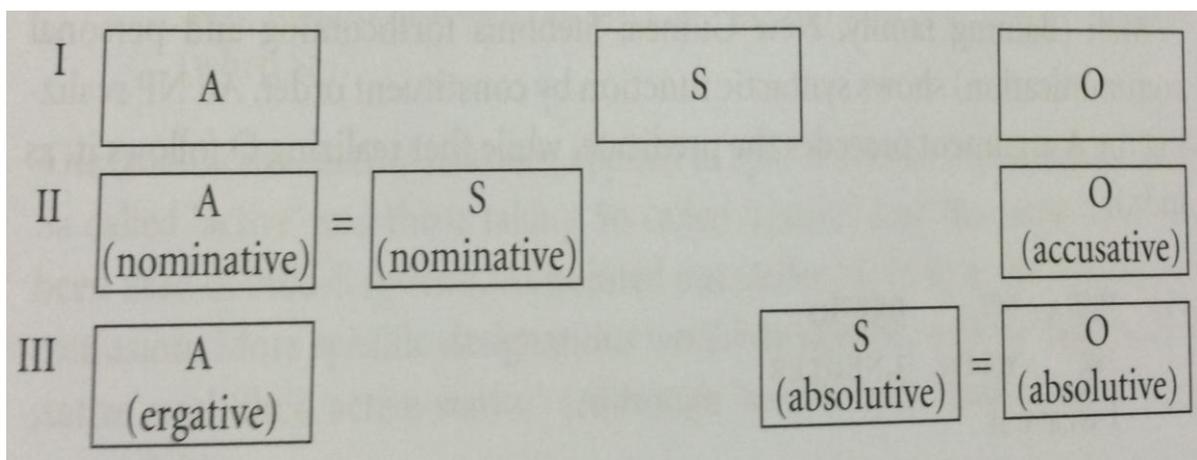
³ Allocating functions A and O to the two core arguments in a transitive clause has a semantic basis. (Tradução nossa)

Assim, o **argumento A** é o mais importante para consecução da ação (*activity*) e na maioria das vezes é uma referência animada, um agente que pode iniciar ou controlar essa ação na oração. O **argumento O** indica geralmente o afetado (*affected*) pela ação.

Consequentemente, espera-se encontrar na gramática das línguas do mundo três tipos de argumentos: sujeito intransitivo (S), sujeito transitivo (A) e objeto transitivo (O).

Os argumentos nas funções A e O ocorrem nas orações transitivas e os argumentos na função S, nas orações intransitivas, desde que o S nunca ocorra com A ou O. Os argumentos nucleares são marcados nas orações, de acordo com as suas possibilidades combinatórias nas línguas do mundo, que, segundo Dixon, são as seguintes:

Figura 1: Diagrama de possibilidades de marcação de caso



Fonte: Dixon (2010b, p. 119)

Assim, conforme o tipo de língua encontram-se orações transitivas e intransitivas nas quais os argumentos podem ser marcados diferentemente:

(i) os argumentos A, S e O são marcados de maneiras diferentes (linha I da figura 1). Esse tipo de sistema de marcação de caso, segundo o autor, é extremamente difícil de ser encontrado nas línguas do mundo;

(ii) os argumentos A e S são marcados da mesma maneira (linha II da figura 1). Nessa situação, tem-se o caso nominativo na ocorrência de cada um deles. E se o objeto transitivo O for marcado diferentemente, identifica-se o caso acusativo nesse argumento;

(iii) o argumento A é marcado de maneira diferente de O e de S (linha III da figura 1). Nesse sistema, trata-se do caso ergativo e os argumentos S e O marcados da mesma maneira,

tendo-se então o caso absolutivo. Esse sistema, menos comum, é encontrado somente em um quarto das línguas do mundo.

Há línguas, segundo Dixon (2010b, p. 120), que marcam diferentemente os argumentos Ss de diferentes tipos de verbos intransitivos, dependendo de propriedades específicas desses argumentos. Caso o argumento S tenha volição, poderá receber as mesmas marcas que A (S_a). Enquanto um argumento S, cujo referente não tenha volição, será marcado como um O (S_o). Tal tipo de língua, segundo o autor, tem um sistema de marcação de sujeitos divididos (*split-S*).

O autor exemplifica, na figura 2, a marcação de caso nas orações da língua Mali (Nova Guiné). A indicação da função sintática é pela ordem dos constituintes. Na oração intransitiva (figura 2) o S_a é como o **A** da oração transitiva (figura 3), como se pode observar no exemplo a seguir:

Figura 2: Exemplo com S_a

ngu_{sa}		namas
1sg		lie.down
		(I lie down)
		(Eu me deito)

Fonte: Dixon (2010b, p. 120 adaptado)

Figura 3: Exemplo com **A**

ngu_A	ser	ngeeto
1sg	weave	3.NEUTER
		(I weave it)
		(Eu o teço)

Fonte: Dixon (2010b, p. 120 adaptado)

A primeira pessoa do singular (1sg), **ngu**, é volitiva (refere-se à vontade do agente). Por isso **ngu** (Eu) recebe a marcação de sujeito S_a . (v. figura 2)

Na figura 4, o S_o é semelhante a O, por isso **ngo** recebe a marcação S_o .

Figura 4: Exemplo com So

<p style="text-align: center;">irees ngos_o be.sad 1sg (I am sad) (Eu estou triste)</p>

Fonte: Dixon (2010b, p. 120 adaptado)

Para o autor, existem também algumas línguas estruturadas com base em outro sistema de marcação de argumentos, que recebe o nome de ‘*fluid-S*’. A língua Bats (Família Caucasiana) apresenta tal tipo de sistema: o argumento S de um verbo intransitivo pode ser marcado como A (S_a) ou como O (S_o), dependendo do significado específico do verbo em determinada circunstância de uso (DIXON, 2010b, p. 120)⁴.

Como é possível ver no exemplo (i) a seguir, nessa língua, segundo o autor, o pronome da 1sg tem a forma *as* para a função A e *so* para a função O, dentro de uma oração transitiva. Os pronomes *as* ou *so* podem ser usados como S no verbo intransitivo *wož* ‘*fell/cair*’, dependendo da ação do referente do argumento S. Se o referente caiu por sua própria vontade, será S_a . Mas se caiu sem ter nenhuma implicação de vontade própria, será S_o .

Seguem os exemplos dados por Dixon (2010b, p. 121):

(i) <i>as wože</i>	I (S_a) fell'	[it was may own fault that I fell down.]
	'Eu (S_a) cai'	[foi culpa minha] (Tradução nossa)
(i) <i>so wože</i>	I (S_o) fell'	[no implication that it was my fault]
	'Eu (S_o) cai'	[não há indicação de que a culpa foi minha] (Tradução nossa)

Dixon explica, ainda, que o rótulo ‘ativo/estativo’ (*active/stative*) tem sido aplicado aos sistemas de sujeito cindido (S-cindido: *split-S*) e de sujeito fluido (S-fluido: *fluid-S*). Os verbos que recebem S_a são tratados como ativos (*active*) e os que recebem S_o , são rotulados estativos (*stative*). Isso, conforme o pesquisador, pode confundir os leitores. Para maior clareza, serão necessárias designações, tais como a cisão ativo-estativa (*split active-stative*) e

⁴ Em Libras, é possível que exista também a situação de ‘*fluid-S*’, dependendo dos espaços de realização dos sinais. Essa é uma questão que ainda precisa ser aprofundada.

a fluidez ativo-estativo (*fluid active-stative*), podendo ser reduzidas a ‘*split-S*’ e ‘*fluid-S*’, quando o contexto permitir.

De forma muito semelhante, Payne (1997, p. 133) assegura que, para definir adequadamente as RG é preciso identificar três papéis semântico-sintáticos, denominados S, A, e P, sendo o S definido como o único argumento nominal de uma oração de argumento único. O A é definido como o argumento de natureza agentiva (*AGENT-LIKE*) em uma oração com múltiplos argumentos (*multi-argument clause*), permitindo identificar uma oração transitiva. O P é um argumento semelhante a um paciente (*PATIENT-LIKE*) em uma oração de argumento múltiplo, sendo tratado como um paciente prototípico.

Payne (1997, p. 134) observa ainda que a relação gramatical **sujeito** pode ser definida como a reunião de S e A, enquanto o **objeto direto** pode ser definido como P. As línguas podem tratar S e A da mesma maneira e o P diferentemente. Esse tipo de sistema é denominado "**nominativo/acusativo**". Visto que se um caso morfológico marcar os papéis (*roles*) S e A da mesma maneira será o caso **nominativo** (*nominative*), ao passo que o **caso acusativo** (*accusative case*) marca somente o papel P. Havendo um caso morfológico que marque somente o A, ele será identificado como o **caso ergativo** (*ergative case*). Paralelamente, o caso morfológico que tratar tanto o S como o P da mesma maneira representará o **caso absolutivo** (*absolutive case*). Línguas organizadas dessa maneira são reconhecidas como possuidoras de um sistema ergativo/absolutivo (*ergative/absolutive*).

Payne (1997, p. 134) trata a questão do sistema cindido (*split*) de modo semelhante ao de Dixon (2010b), denominando-o estativo/ativo, ativo, cindido-S e fluido-S (*stative/active, active, split - S e fluid- S*), entre outros.

Ainda com relação aos sistemas cindidos, Payne (1997, p. 149) aponta que na vasta maioria das situações transitivas, um dos participantes é pragmaticamente mais provável ser A do que o outro, e que contenha o traço [humano], a menos que pistas específicas contrárias sejam fornecidas. Considerando os exemplos hipotéticos da figura 5, o autor demonstra como o conhecimento pragmático pode determinar a identificação de A e P, independentemente da ordem em que apareçam na oração.

Nesse caso, a propriedade [+ humano] ou [- humano] é relevante. Os humanos são mais propensos a ser agentes de mudanças que controlam a ação da oração do que os não humanos.

Nos exemplos da figura 5, a seguir, a situação envolve a ação de comer (*ate*) e um argumento que é uma pessoa (*Anna*), o outro argumento, uma comida (*food*), de modo que a chance de a comida ser agente (*AGENT*) e a pessoa ser o paciente (*PATIENT*) é igual a zero. Pessoas comem comida, mas comidas não comem pessoas. O conhecimento pragmático do mundo é suficiente para permitir que os ouvintes deduzam qual é o argumento A e qual é o argumento P.

Figura 5: Exemplo de agente humano

<p>a. Ate <u>Anna</u> <u>food</u>. A P</p> <p>b. Ate <u>food</u> <u>Anna</u>. P A</p>

Fonte: Payne (1997, p. 149)

Payne concluiu que nenhuma marca (concordância verbal, marcação nominal de caso ou ordem de constituinte) é necessária para expressar esse fato. Alguns tipos de entidades (*entities*) ou dispositivos gramaticais são por natureza mais propensos a ser agentes que outros.

Os humanos possuem mais agentividade (*agent-worthy*) que os não humanos. Esse tipo de propriedade se apresenta de forma escalar, podendo ser caracterizado ao longo de uma hierarquia de agentividade (*agent-worthiness*) ou, por extensão, de topicalidade (*topic-worthiness*). Não existe língua em que um argumento mais baixo na hierarquia seja automaticamente entendido como aquele que age em um argumento mais alto da hierarquia. Sinais morfológicos ou gramaticais serão empregados para expressar tal situação. Esta hierarquia (e outras similares) tem sido chamada de hierarquia de agentividade (*agentivity hierarchy*) ou hierarquia de animacidade (*animacy hierarchy*). (PAYNE, 1997, p. 150)

Com relações às construções passivas, Dixon (2010, p. 165-166) situa o processo de voz passiva como uma mudança de valência e explicita quatro características para uma passiva prototípica:

(i) aplica-se a uma oração transitiva subjacente e forma uma oração intransitiva derivada.

(ii) o argumento O subjacente passa a ser o S da passiva.

(iii) o argumento A subjacente vai para uma função periférica ou pode ser omitido.

(iv) Há uma marcação formal explícita para a construção passiva, que pode ser um processo morfológico aplicado ao verbo, entre outros.

1.3 Valência verbal

Os verbos podem ser organizados em classes conforme os tipos de orações em que ocorrem. Assim, Dixon classifica os verbos em quatro grupos, definindo-os de acordo com esse critério:

(i) Rigorosamente intransitivos os verbos - que podem ocorrer somente em orações intransitivas. [...];

(ii) Rigorosamente transitivos os verbos - que podem ocorrer somente em orações transitivas. [...];

(iii) Ambitransitivos do tipo $S = A$. Estes verbos podem ocorrer em qualquer oração intransitiva ou transitiva, com o S de intransitiva correspondendo a A de uma transitiva. [...] e

(iv) Ambitransitivos do tipo $S = O$. Estes verbos podem ocorrer tanto em oração intransitiva como em transitiva, com S correspondendo a O. (DIXON, 2010b, p. 123-124).⁵

Podemos observar nas definições de cada grupo que o critério do autor é a possibilidade de o verbo ocorrer em determinado tipo de oração, o que requer, por sua vez, a identificação desses tipos.

O autor ainda garante que, em algumas línguas, todos os verbos têm uma transitividade fixa, e cada verbo é estritamente transitivo ou intransitivo, exemplificando - as com o latim e o dyirbal. Além disso, nessas línguas espera-se encontrar "processos de mudança de valência derivando radicais transitivos de raízes intransitivas e/ou derivando radicais intransitivos de raízes transitivas." Entretanto, segundo Dixon (2010b, p. 123-124), muitas línguas têm um número razoável de orações ambitransitivas. A língua manambu, da

⁵ Tradução nossa do original em inglês: (i) *Strictly intransitive verbs - may occur only in intransitive clauses. [...];* (ii) *Stricly transitive verbs - may occur only in transitive clauses. [...];* (iii) *Ambitransitive of type S=A. These verbs can occur in either an intransitive or a transitive clause, with the S of the intransitive corresponding to the A of the transitive. [...];* (iv) *Ambitransitive of type S= O. These verbs can occur in either an intransitive or a transitive clause, with S corresponding to O.*

Nova Guiné, tem mais de 80% de raízes verbais ambitransitivas do tipo S = A, com um número pequeno de raízes rigorosamente intransitivas e transitivas.

Conforme Dixon & Aikhenvald (2000, p. 04-06), a maioria das línguas do mundo tem alguma derivação verbal que afeta os argumentos dos predicados. Tipicamente, eles podem reduzir ou aumentar o número de argumentos nucleares. Como, por exemplo, na passiva e na antipassiva aplicadas aos verbos transitivos, o argumento O torna-se S na passiva e o argumento A torna-se S na antipassiva. Nas causativas e nas aplicativas aplicadas aos verbos intransitivos obtêm-se transitivos derivados, com S tornando-se O em uma causativa e A em uma aplicativa. Cada uma das derivações tem vários aspectos: o sintático, o semântico e o pragmático, e os autores são favoráveis a uma abordagem que integre estes três aspectos.

Outra visão dos mesmos fatos nos vem de Payne (1997, p. 01), para quem cada língua tem várias maneiras de ajustar a relação entre relações gramaticais e papéis semânticos em termos de valência. O autor (1997, p. 169 – 170) considera que a valência (*valence*) pode ser considerada um conceito semântico, sintático, ou uma combinação das duas. Considerando que: (i) a **valência semântica** (*Semantic valence*) refere-se ao número de participantes que devem ser expressos pelo verbo em uma oração. Como, por exemplo, o verbo comer (*eat*), em inglês, tem valência semântica, uma vez que para determinado evento de comer (*eating*) deve haver pelo menos um **comedor** e uma **coisa comida**;

(ii) **valência gramatical** ou **valência sintática** (*Grammatical valence or syntactic valence*) refere-se ao número de argumentos presentes em qualquer oração. Um argumento sintático de um verbo é um elemento nominal (incluindo a possibilidade zero, se este for um dispositivo referencial em uma língua) que tem uma relação gramatical com o verbo.

No verbo comer, do exemplo: Você já comeu? (*Have you eaten yet?*) podemos observar que não existe objeto direto. O único argumento do verbo é o comedor (*eater*). As operações de ajuste de valência (*valence adjusting operations*) são operações morfossintáticas que ajustam a valência gramatical de uma oração.

Para Payne (1997, p. 170), existe uma diferença importante entre a omissão de um argumento verbal em uma oração, exemplo (1). E um pronome zero, exemplo (2) a seguir:

"(1) John já comeu. (*John already ate.*)"

"(2) John chegou e **0** sentou-se. (*John came in and 0 sat down.*)"

No exemplo (1), a omissão do objeto é uma operação de ajuste de valência, enquanto no exemplo (2) ocorre uma pronominalização, não é zero. A falta de um objeto direto no exemplo (1) é devido à pouca importância da identificação da coisa comida (*eaten thing*) na oração. Entretanto, no exemplo (2), a identificação do item zero (**0**), que preenche o papel do segundo argumento, não foi estabelecida. Nesse caso, o segundo argumento não precisa ser estabelecido na oração para que o falante alcance a sua meta comunicativa, uma vez que ele está implícito.

1.4 Tópico e topicalização

Como observa Crystal (2008, p. 255), o termo tópico "é usado na semântica e na gramática como parte de uma caracterização binária da estrutura de sentença, alternativa à caracterização tradicional de sujeito-predicado". O tópico de uma oração é uma entidade (pessoa, coisa etc.) sobre a qual se fala algo. Ele frequentemente coincide com o sujeito de uma oração. Para o autor, algumas línguas, como o japonês, marcam o tópico de uma sentença com partículas. A topicalização, conforme o autor, é um termo "usado na sintaxe gerativa para indicar uma transformação que transpõe um constituinte do meio ou final da cadeia para a posição inicial. Por exemplo, a regra de topicalização de *wh-*, em inglês, coloca uma palavra iniciada em *wh-* (*where, why, etc.*) no começo da sentença".

Para Shopen (2008 p. 404), o tópico é "tipicamente, uma sentença expressa um comentário sobre alguma entidade. Esta entidade é realmente o que a sentença irá tratar – seu pressuposto ponto de partida."⁶ A entidade é referido por um sintagma nominal e constitui o tópico da sentença. O autor também faz a seguinte observação quanto ao tópico (2008, p.404)⁷,

O tópico é o elo que une a informação comunicada nesta sentença com o que a precedeu. Está é a fonte de coerência que faz com que a sentença seja relevante e interpretável dentro do contexto de uma interação verbal em curso. O tópico é fundamentalmente a informação pressuposta da oração que o restante da sentença comenta.

⁶ Shopen (2008 p. 404), "*Typically, a sentence expresses a comment about some entity. This entity is really what the sentence is about, its presupposed starting point. It is referred to by an NP which corresponds to the topic of the sentence.*" (Tradução nossa)

⁷"*The topic is link which ties the information communicated in this sentence with what has preceded. It is the source of coherence which makes the sentence relevant and interpretable within the context of the ongoing verbal interaction. The topic is fundamentally the presupposed information of the sentence that the remainder comments upon.*" (Tradução nossa)

Shopen (2008 p. 404) argumenta que, em muitas línguas, o tópico tipicamente ocorre em posição inicial na oração (*clause-initially*), como podemos verificar no exemplo, a seguir, na **língua russa**:

"Tópico: Com relação ao Victor. (*Topic: concerning Victor*).

Comentário: Maxim o defende (*Comment: Maxim defends him.*)".

Para o autor, o tópico na língua russa precede o comentário. Assim, observa que (2008, p. 405) ⁸:

O tópico prototipicamente denota um pressuposto estabelecimento da da entidade, enquanto o *focus* fornece parte do comentário dessa entidade, no caso uma informação nova. Logo, uma sentença russa prototípica procede daquilo que é conhecido, já estabelecido e pressuposto no tópico, e o que é desconhecido é fornecido pelo focus como informação nova.

Li e Thompson (1976) defendem uma tipologia linguística baseada na proeminência do sujeito ou do tópico. Os autores identificam quatro tipos de línguas: (1) de sujeito proeminente (línguas indo-europeias, semíticas, etc.), (2) de tópico proeminente (chinês, lahu, etc.), (3) de sujeito e tópico proeminentes (japonês e coerano) e (4) em que essas proeminências não atuam (tagalog, illocano etc.).

Entre os diversos critérios apresentados pelos autores, destacamos os que são relevantes para a análise da Libras:

(a) uma importante propriedade do **tópico** é a não necessidade de ter sido selecionado pelo verbo (1976, p. 461), ou seja, ele não se constitui como um argumento, como se pode ver em um dos exemplos apresentados:

⁸ "The topic prototypically denotes a presupposed established entity, while the focus supplies part of the comment, newly provided information, on that entity. A Russian sentence then prototypical proceeds from what is know, already established and presupposed in the topic , to what is unknown and only now supplied as new information by the focus." (Tradução nossa)

Figura 6: Exemplo de tópico

hɔ	ɔ	na-qhɔ	y i	ve	yò	(Lahu)
elephant	topic	nose	long	prt.	declarative	
	marker				marker	
“Elephants (topic), noses are long.”						
‘Elefantes (tópico), narizes são longos.’						

Fonte: Li & Thompson (1976, p. 461)

(b) o papel funcional do **tópico** é constante dentro da sentença, especificando o domínio no qual a sentença ocorre, anunciando o tema do discurso (LI & THOMPSON, p. 463-464);

(c) o tópico sempre envolve a posição inicial da sentença, podendo ser marcado morfológicamente ou não, e deve ser entendido como estratégia discursiva (LI & THOMPSON, p. 465);

(d) o **sujeito**, por sua vez, tem um papel proeminente em processos, tais como reflexivização, passivização, apagamento de Equi-NP, verbos seriais e a imperativização.

1.5 Classificadores verbais

Embora haja divergências sobre a existência de classificadores nas LS, não se pode deixar de considerar essa hipótese na nossa análise.

Para Schembri (2003, p.9), a configuração de mão (CM) foi descrita como um morfema classificador pelo fato da CM parecer variar de acordo com as características semânticas do referente.

Segundo o autor (2003, p. 9-10) observa que, Frishberg em 1975, parece ter sido a primeira a usar o termo classificadores para se referir à unidade de CM quando discutiu os exemplos dos verbos de movimento e localização em ASL. O autor cita ainda pesquisadores, tais como Supalla (1978) e McDonald (1982), que propuseram uma analogia entre essas formas da ASL e os assim chamados ‘predicados com classificadores’ (*classifier predicate*) ou ‘verbos policomponenciais’ (*polycomponential verbs (PVs)*) da língua atabaskan. Para Schembri, três circunstâncias motivaram essa analogia: (a) a necessidade de padronização de

uma terminologia adequada; (b) a intenção de reforçar que as línguas de sinais, como as línguas orais, também são línguas naturais e (c) a necessidade de aprofundar a compreensão da gramática das línguas de sinais.

Para Schembri (2003, p.3) "mesmo que as unidades de configuração de mão (CM) das línguas de sinais pareçam ter muito em comum com classificadores e outras formas de classificação nominal das línguas orais, eles apresentam um conjunto distinto de propriedades que podem torná-los um fenômeno exclusivo das línguas de sinais".⁹

Segundo o autor, na língua de sinais australiana - Australian Sign Language (auslan) existe uma categoria de classificadores verbais (de movimento, localização, manipulação e descrição visual-geométrica). Construções similares têm sido identificadas em várias outras línguas de sinais pelo mundo afora.

O autor (2003, p.3) observa ainda que, "nas descrições dessas línguas, a unidade significativa expressada pela CM nos predicados com classificadores foram descritos como um morfema classificador, porque a escolha da CM pode variar de acordo com as características mais salientes do referente, especialmente a sua forma"¹⁰.

Segundo Schembri (2008, p. 28):

[...]. como as classes nominais (*noun classes*) ou os termos de medidas (*measures terms*), o uso de unidades de CM [...] em predicados com classificadores parece representar um tipo de subsistema morfossintático que é motivado por propriedades semânticas similares, como os morfemas classificadores encontrados em algumas palavras das línguas orais. Isso também parece claro, no entanto, que essa unidade de configuração de mão nestas construções apresenta um número de características únicas.

O autor argumenta que, "este tema está longe de uma conclusão e requer mais investigação".¹¹

⁹ Para Schembri (2003, p.3), "Although these handshape units appear to have much in common with spoken language classifiers and other forms of nominal classification, they exhibit a cluster of distinctive properties that may make them a phenomena unique to signed languages." (Tradução nossa)

¹⁰ O autor (2003, p.3) observa que: "In descriptions of these languages, the meaningful unit expressed by the handshape in polycomponential verbs has generally come to be described as a classifier morpheme, because the choice of handshape appears to vary according to the salient characteristics of the referent, especially its shape". (Tradução nossa)

¹¹ Segundo Schembri (2008, p. 28), [...], like noun classes or measure terms, the use of handshape units in [...] appear to represent a type of morphosyntactic subsystem that is motivated by similar semantic properties as the classifier morpheme found in some of the word's spoken languages. It also seems clear, however, that the

Nas línguas orais, são considerados classificadores verbais os morfemas que categorizam o referente e seus argumentos verbais em termos de forma, consistência, tamanho, estrutura, posição ou animacidade (AIKHENVALD, 2008, p. 149). Trata-se, portanto, de uma categoria gramatical definida com base em critérios semânticos:

(i) Incorporação do classificador nominal - é a incorporação de um substantivo dentro de um verbo para caracterizar um argumento externo, geralmente, na função de um S ou O. Para Aikhenvald (2008, p. 150), o classificador verbal descreve o referente de um substantivo em termos de animacidade, forma e consistência. A autora indica o exemplo da língua mayali (australiana) de Evans (1996)¹². No exemplo da figura 7, o classificador verbal refere-se a um substantivo na função O.

Figura 7: O classificador verbal refere-se a um substantivo na função O

<p>Ga-yaw-grrm-e 3/3-GEN.CL:BABY-have-NP</p>	<p>al-daluk CLII-WOMAN</p>
<p>She has a baby girl. Ela tem uma filha.</p>	

Fonte: Aikhenvald (2008, p.150) (Tradução nossa)

Podemos observar que o classificador verbal (CLII - WOMAN) na função O (al-daluk) caracteriza um referente animado.

(ii) Classificador verbal como afixo - os classificadores verbais podem ser realizados com prefixos e com sufixos e caracterizam um substantivo na função O ou S. Na figura 8, temos o exemplo de W. Seiler, de 1985¹³, indicado por Aikhenvald (2008, p.152), no qual um classificador *pōt* "fruta que pode ser colhida em árvores" ("*fruit which can be picked from trees*") é referida como O.

handshape unit in these constructions exhibits a number of unique characteristics. [...], this topic is far from closed and requires much more investigation. (Tradução nossa)

¹² EVANS, N. (1996). *The problem of body parts and noun class membership in Australian Language*. University of Melbourne Working Papers in Linguistics 14: 1-8. (1996).

¹³ SEILER, W. (1985). *Imonda, a Papuan Language*. Canberra: Pacific Linguistics.

Figura 8: Classificador referido como O

Sa	Ka-m	põt-ai-h-u
Coconut	1SG-GOAL	CL:FRUIT-GIVE-RECIPIENT-IMPERATIVE
		'Give me the coconut.'
		'Dê me o coco.'

Fonte: Aikhenvald (2008, p. 152) (Tradução nossa)

(iii) Classificadores verbais podem ser usados para categorizar os argumentos S e O em termos de propriedades inerentes a eles (animacidade, forma etc.) e podem ser usados para categorizar os argumentos S e O em termos de orientação ou posição no espaço.

Os classificadores verbais servem para manter a referência de diferentes participantes dentro de uma narrativa e, por isso, podem ser usados como elementos anafóricos que desempenham a função de retomada ou de reinserção desses participantes, ao longo do texto.

Segundo Aikhenvald (2008, p. 330), funções anafóricas são muitas vezes acompanhadas de usos dêiticos. Temos o exemplo da língua Tzotzil (DE LEON, 1987, p. 57)¹⁴, que ilustra o uso do classificador numeral com funções anafóricas e dêiticas.

Figura 9: Classificador numeral com funções dêiticas.

jay	ch'ix	cha-k'an
INTER	NUM.CL:LONGISH	2p-want
		'How many (longish ones) do you want?'
		'Quantas (alongadas) você quer?'

Fonte: Aikhenvald (2008, p. 330) (Tradução nossa)

Na figura 9, o exemplo trata da compra de velas em uma loja. O vendedor da loja no momento que pergunta ao comprador: - "Quantas alongadas você quer?", ele não usa a palavra 'velas' na sua pergunta. O vendedor substitui a palavra 'velas' pelo classificador *ch'ix* (objeto alongado) para referir-se às velas.

¹⁴ DE LEON, M. de L. (1987). *Noun and numeral classifiers in Mixtec and Tzotzil: a referential view*. PhD thesis, University of Sussex.

1.6 Estudos sobre línguas de sinais

As pesquisas das línguas de sinais (doravante LS) são recentes. Segundo Liddell (2003, p. 04), essas pesquisas tiveram início em 1957 com uma análise da American Sign Language (doravante ASL) por William Stokoe, publicada três anos depois com o título *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*.

Essa foi a primeira análise linguística de uma língua de sinais. Nela, Stokoe demonstrou que a ASL é uma língua natural como qualquer língua oral. Para Liddell (2003, p. 26), Stokoe foi o primeiro a sugerir que os sinais podem ser analisados da mesma maneira que as unidades das línguas faladas.

Em 1960, Stokoe propôs que a forma dos sinais têm três partes (parâmetros) que se combinam simultaneamente. Os três parâmetros são: (i) a localização do sinal, que ele chamou de *tabula* ou *tab*, (ii) a configuração de mão, que chamou de *designator* ou *dez*; e (iii) o movimento, que ele denominou *signation* ou *sig*.

A orientação da palma da mão e os sinais não manuais foram tratados indiretamente no sistema apresentado. Ele nomeou as unidades desses três parâmetros como *cheremes*, com base na palavra grega *cheir*, “relativo à mão”. Os *cheremes* seriam elementos desprovidos de significados próprios, que se combinam para formar as unidades significativas da língua, os sinais, da mesma maneira que os fonemas se combinam para formar palavras nas línguas orais.

O estudo da ASL, desde então, vem sendo aprofundado. Em 1965, Stokoe, Dorothy Casterline e Croneberg Carl publicaram o *Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles*.

Na década de 1970, muitos outros linguistas e psicólogos começaram a estudar as propriedades da ASL. A ênfase desses trabalhos era a demonstração de que a ASL era uma língua como qualquer outra. Segundo Liddell (2003, p. 26), essa preocupação é compreensível, uma vez que, a maioria das pessoas pensavam que as línguas de sinais não passavam de mímicas e não constituíam sistemas linguísticos. Em meados de 1970, e no início dos anos 80, o peso das descrições publicadas sobre a ASL e a sua gramática foram suficientes para mudar o curso das opiniões sobre o estatuto da ASL. Estudos de diversos

aspectos da gramática da ASL não deixaram dúvidas de que os usuários da ASL utilizavam uma língua, no sentido pleno da palavra.

Para Valli & Lucas (2000, p. 49), o trabalho de William Stokoe claramente representa um marco decisivo no estudo científico das línguas de sinais.

Segundo Sandler & Lillo-Martin (2001, p. 02), a maioria das evidências encontradas nas LS são provenientes da ASL, uma vez que é a LS que tem mais dados empíricos analisados. Conforme os autores, a ASL é falada pelas pessoas surdas nos Estados Unidos e também pelos surdos de grande parte do Canadá, já há 200 anos. Valli & Lucas (2000, p. 14) enfatizam que a ASL é uma língua natural usada por membros da comunidade surda norte americana, ou seja, é uma língua que se desenvolveu ao longo do tempo no seio de uma comunidade de surdos. Como não se sabe muito sobre as pessoas surdas que viviam na América do Norte antes de 1817, supõe-se que alguns usuários de LS tenham vindo da Grã-Bretanha ou da Europa e, assim, contribuíram para a formação da ASL. Outra hipótese é que as pessoas surdas que viviam na América provavelmente desenvolveram espontaneamente sua própria LS.

Com relação as construções passivas na ASL, Janzen et al. (1997, p. 434)¹⁵ observam que:

A existência da construção passiva na ASL tem sido aludida na literatura, mas a discussão é rara, e a conclusão usual é de que o passivo não se realiza, [...]. ASL tem sido tradicionalmente descrita como tendo apenas voz ativa. Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) estavam entre os primeiros a propor que as construções passivas não foram encontradas na ASL, embora vários autores aludirem sobre a possibilidade da existência de uma forma passiva.

Segundo os autores (1997, p. 434), o pesquisador Wilbur (1987) destaca que todas as conclusões dadas por Stokoe são significativas, mas não necessariamente, devido ao fato de suas conclusões não terem sido baseadas em pesquisas morfológicas similares ao passivo do inglês.¹⁶

¹⁵ Segundo Janzen et al. (1997, p. 434): *The existence of a passive construction in ASL has been alluded to in the literature, but discussion is infrequent, and the usual conclusion is that a passive does not, [...]. ASL has traditionally been described as having only active voice. Stokoe, Casterline and Croneberg (1965) were among the first to propose that passive constructions were not found in ASL, although several authors [...] do allude to the possibility that a passive form may exist.* (Tradução nossa)

¹⁶ Wilbur (1987) *points out that Stokoe et al's conclusion is significant, not necessarily because they conclude that ASL does not have a passive, but because their conclusion is not based on a search for morphology similar to the English passive.* (Tradução nossa)

Os autores propõem que, "as construções passivas e ativas são distintas na ASL, e as passivas são caracterizadas por um arranjo particular de traços no predicado".¹⁷

Para os autores (1997, p. 435-436), uma passiva prototípica é caracterizada da seguinte maneira:

1. Há a demissão do agente, de modo que ele não é mencionado.
2. O evento é visto pela perspectiva do paciente mais do que pela perspectiva do agente.

3. A demissão prototípica do agente (*defocusing*) em vez de ser especificada sintaticamente em associação com o *locus*, é indicada por um *locus* vazio (o que difere de um argumento nulo onde, no qual itens lexicais não são sinalizados, mas foram especificados anteriormente, de modo que, na passiva, o agente, tipicamente, não é identificado. A perspectiva do paciente é indicado na ASL por um recurso gramatical no qual o sinalizador usa o seu próprio corpo como o *locus* para a terceira pessoa referida.

Os autores argumentam (1997, p. 443) que:

A construção passiva nem sempre exibe todos esses traços, no entanto, nesse caso isso possa ser considerado menos prototípico, mas ainda não é ativo. Como tal, é apropriado sugerir que, as construções ativas e passivas definem um contínuo na ASL da seguinte maneira:¹⁸

Prototípico < -----> Prototípico	
Ativo	Passivo
-o agente é sujeito	-agente demovido
-perspectiva do agente	-perspectiva do paciente
-o agente fornece informações	-paciente fornece informações
- semanticamente preenchido, sintaticamente especificado agente <i>locus</i>	- não é semanticamente preenchido, sintaticamente especificado agente <i>locus</i>

¹⁷ Janzen et al. (1997, p. 434) "We propose that active and passive constructions are distinguished in ASL, and that the passive is characterized by a particular arrangement of features in the predicate". (Tradução nossa)

¹⁸ A construction may not always display all of these features, however, in which case it may be considered less than prototypical, but still not active. As such, it is appropriate to suggest that active and passive construction lie along a continuum in ASL in the following manner: (Tradução nossa)

A seguir trataremos sobre os espaços mentais nas línguas de sinais.

1.7 Os espaços mentais nas línguas de sinais

A teoria dos espaços mentais de Fauconnier (1994, p. 03) tem uma aplicação direta para a análise do comportamento dos pronomes e dos verbos na ASL. Na ASL, segundo essa proposta, a pessoa durante o discurso pode construir estruturas mentais. Qualquer trecho narrativo dependerá de um determinado número de distintos espaços mentais (espaço real, espaço sub-rogado e espaço token). Os primeiros estudos sobre esta questões foram realizados por Van Hoek em 1988¹⁹ (LIDDELL, 1995, p. 21).

Identificar os espaços é importante nas LS para Liddell (1995, p. 21). Liddell definiu três categorias de espaços, a saber:

(i) Espaço real - tudo neste ambiente é fisicamente real. Este espaço não precisa ser construído pelo narrador no momento do seu discurso. Ele existe de forma independente e é perceptível fisicamente (v. figura 10).

¹⁹ VAN HOEK, K. *Mental space and sign space*. Unpublished manuscript, The Salk Institute for Biological Studies. 1988.

Figura 10: Espaço real

'This book explains everything you need to know. (Spoken while holding up a book.)'
 'Este livro explica tudo o que você precisa saber. (Falou enquanto segurava o livro.)'

Fonte: Liddell (1995, p. 23) (Tradução nossa)

Na figura 10, este livro (*This book*) refere-se a um elemento no espaço real. Portanto, referentes presentes no momento da sinalização estão no espaço real do sinalizador.

(ii) Espaço sub-rogado - neste espaço o sinalizador cita pessoas e coisas que não estão presentes fisicamente. Na figura 11 temos a descrição de um bebê chorando. O bebê não está presente fisicamente. Por isso, Liddell usa o termo *surrogate* para fazer a descrição de uma entidade invisível (*full-sized*).

Figura 11: Espaço sub-rogado

BABY CRY continuidade ALL-NIGHT
 'BEBE CHORAR continuidade A NOITE TODA'
 'The baby kept crying all night long'
 'O bebê não parava de chorar a noite toda.'

Fonte: Liddell (1995, p. 27) (Tradução nossa)

O autor argumenta que²⁰ "o *surrogate* tem a propriedade de ser invisível, este referente invisível tem tamanho normal, e possui a capacidade de assumir o papel da primeira, da segunda ou da terceira pessoa no discurso".

(iii) Espaço *token* - no espaço *token* o tamanho do sinal está limitado ao espaço físico no qual os sinais são articulados. Um sinalizante pode utilizar-se de dois espaços Tokens. A

²⁰ Liddell (1995, p. 28) "argues that surrogates have the properties of being invisible, being normal size, and having the capability of assuming either second person or third person roles in the discourse. And argue later that a surrogate can also a first person role in discourse". (Tradução nossa)

pessoa poderá fazer a descrição de duas situações diferentes, uma descrição do seu lado direito e a outra descrição do lado esquerdo do seu espaço sinalizante. E o *surrogate* neste espaço pode assumir o papel de uma terceira pessoa.

1.8. A apontação no espaço de sinalização

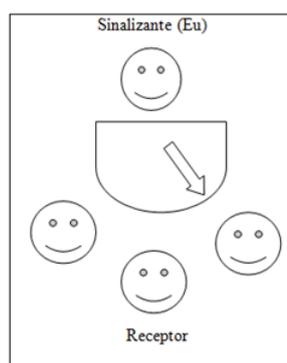
Sandler & Lillo-Martin (2006, p. 24) pesquisaram sobre o espaço físico que circunda o sinalizador. Eles notaram que inclusive o sinalizador e o seu interlocutor podem ser explorados referencialmente, pela apontação. Em um discurso, a presença física de outra pessoa no espaço físico que circunda o sinalizador estabelece uma nova localização relevante para a referenciação.

Nessa situação, como podemos observar na figura 12, a seguir, temos a seguinte situação; a seta representa o dedo do sinalizador apontando para que lado/para quem o sinalizante estende seu dedo indicador. É a **apontação para o referente**.

Esta indicação o sinalizador a faz sem tocar fisicamente o referente, ele somente **aponta** para o referente.

Um "*locus*" no espaço é associado ao referente, e todos os sinais serão direcionados para este "*locus*".

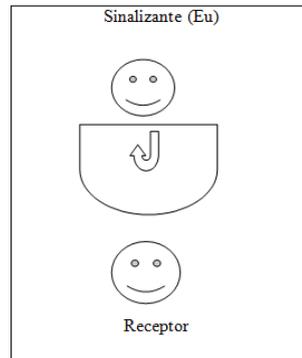
Figura 12: O espaço físico "locus" (apontação para o referente).



Fonte: (Adaptada de Lillo-Martin & Klima, 1990, p. 192)

Na figura 13, o **sinal do pronome pessoal eu (I)** é feito da seguinte forma, a seta preta na figura representa o dedo indicador do sinalizante apontando para o seu próprio peito (ele será um componente no momento da formação do sinal EU).

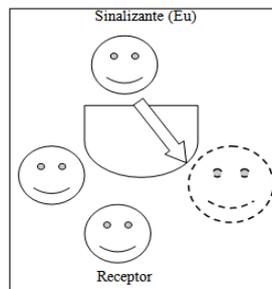
Figura 13: O sinal do pronome pessoal EU.



Fonte: (Adaptada de Lillo-Martin & Klima, 1990, p. 192)

Estabelecimento nominal (*nominal establishment*) ou **nominal associação com um locus** (*association of a nominal with a locus*). É a denominação dada por Sandler & Lillo-Martin (2006, p.25), quando um **locus** é associado a um referente fisicamente ausente. Para representar o referente ausente utilizamos a seta e o desenho de carinha tracejada, como podemos observar na figura 14, a seguir.

Figura 14: Nominal associação com um “locus” de um referente ausente.



Fonte: (Adaptada de Lillo-Martin & Klima, 1990, p. 192)

1.9. O espaço, o locus e os verbos em línguas de sinais.

Como ressaltam Sandler & Lillo-Martin (2006, p. 27) na sinalização de verbos, a mão move do **locus** do sujeito para o **locus** do objeto. Esse processo recebeu vários nomes no meio acadêmico, dizem os autores, como por exemplo: Fischer (1975) observou os verbos que incorporam a localização dos pronomes e os chamou de *incorporate the locations*, Edge e

Hermann (1977) estudaram alguns verbos que incorporam os seus argumentos e os descreveram como multidirecionais (*multidirectional*) ou multiorientacionais (*multiorientational*). Fischer e Gough (1978) relataram os processos de direcionalidade (*directionality*), reversibilidade (*reversibility*) e locacionalidade (*locationality*), além de sugerirem que a direcionalidade pode ser considerada como um processo de incorporação de um pronome no verbo. E Klim e Bellugi (1979) os nomearam "*indexical inflection*".

Sandler & Lillo-Martin (2006, p. 29) destacam que morfológicamente a concordância verbal é bem mais complexa do que essa proposta revela. Não são todos os verbos que participam dessa forma de descrição.

Este grupo é bem pequeno e os verbos são tradicionalmente organizados em três classes, segundo Padden (1988): (i) verbos simples (*plain verbs*) – são os verbos que não marcam os seus argumentos sujeito ou objeto (alguns verbos simples que não exibem concordância envolvem contato com o corpo, ou seja, são ancorados no corpo); (ii) verbos espaciais (*spatial verbs*) – são aqueles que denotam movimento e localização no espaço e (iii) verbos de concordância (*agreement verbs*), são os que apresentam marcas de concordância pessoal.

Meir et al. (2006, p.83), no artigo intitulado Repensando classes verbais em LS: o corpo como sujeito (*Re-thinking sign language verb classes: the body as subject*), notam que os meios linguísticos utilizados para transmitir um evento na LS são as mãos, o corpo do sinalizador (que pode ser associado com um significado particular ou com uma função particular) e o espaço ao redor do sinalizante, e fazem uma interessante proposta, de que a função básica do corpo nas formas verbais em uma LS é a de representar o argumento sujeito. Ao examinar os itens lexicais que denotam eventos na ASL, na língua de sinais israelense (doravante, ISL) e na língua de sinais al-sayyid beduína (doravante ABSL), esses autores descobriram que a mão e o corpo podem ser usados separadamente e sistematicamente para codificar a referência de diferentes participantes de uma narrativa.

Para Meir et al. (2006, p. 83), nos verbos icônicos ou parcialmente icônicos articulados sobre o corpo (verbos ancorados ao corpo), o corpo representa o sujeito, como por exemplo, no verbo COMER, a correspondência entre a localização do sinal na boca da pessoa que come indica o agente no evento, mesmo se o sujeito de comer for uma primeira, segunda ou terceira pessoa verbal. Na ASL e na ISL, esse verbo não pode remeter a referentes inanimados. O corpo constitui um dos componentes formativos da oração, ele é o agente.

Figura 15: Verbo COMER

Fonte: Meir et al. (2006, p.84)

Podemos observar, na figura 15, que o corpo da sinalizante não representa apenas a primeira pessoa do singular (eu como). O sinal COMER poderá ser o mesmo para: 'EU COMER', 'TU COMER' ou 'ELA/ELE COMER'. Meir et al. (2006, p. 85) examinaram na ISL uma série de verbos ancorados ao corpo e observaram que, em sinais icônicos, o corpo é um argumento participativo no evento. Como no exemplo dado pelos autores:

(i) nos verbos psicológicos - FELIZ, AMAR, SOFRER, ESTAR CHATEADO COM, MACHUCAR - o sinal é sinalizado no peito do sinalizante (o peito corresponde ao local das emoções no argumento experienciador);

(ii) nos verbos de atividades mentais - SABER, LEMBRAR, ESQUECER, APRENDER, PREOCUPAR, PENSAR, SONHAR, ENTENDER, COMPREENDER, INFORMAR (uma ideia) - a localização do sinal é nas têmporas e na testa (representam o local da atividade mental do experienciador);

(iii) nos verbos de percepção, como - VER, OLHAR, OUVIR, ESCUTAR, CHEIRAR - a localização do sinal pode ser nos olhos, nas orelhas ou no nariz (os órgãos dos sentidos representam o local da atividade do experienciador);

(iv) nos verbos que indicam fala - FALAR, DIZER, PERGUNTAR, RESPONDER, EXPLICAR, GRITAR, SUSSURAR - a localização do sinal é na boca (a boca representa a parte relevante do corpo do argumento-agente);

(v) nos verbos de mudança de estado - CORAR, MELHORAR, ACORDAR - a localização do sinal pode ser no rosto, no peito ou nos olhos (o rosto, o peito e os olhos representam a parte relevante do corpo do argumento-paciente).

Com tais exemplos, os autores asseguram que, o corpo do sinalizante pode ser ligado a papéis temáticos, como agente, paciente, experienciador e receptor. O corpo representa um componente do evento, o argumento sujeito (que tem sentimento, sensibilidade e tem uma boca para comer etc.).

As mãos, ao contrário do corpo, podem movimentar-se com muita liberdade no momento da sinalização e podem representar componentes relevantes de uma oração.

Segundo Meir et al. (2006, p. 85):

Os aspectos do movimento podem corresponder aos aspectos temporais do evento, (telicidade), a direção do movimento geralmente codifica papéis temáticos espaciais dos argumentos, tais como ponto de partida e destino e a localização final do sinal sendo associada ao argumento-recipient. A Configuração de mão (CM) geralmente representa o argumento em movimento (o tema) ou a manipulação do argumento (paciente) pelo sujeito. [...] A CM específica representa o ato de segurar ou manipular um objeto sólido, a comida, no caso de 'comer'.

Para Meir et al. (2006, p. 96), o corpo não se movimenta como as mãos, codificando, portanto, um número menor de aspectos do evento. Ele codifica o argumento sujeito, representando-o apenas para seres animados. Os eventos que envolvem sujeitos inanimados são articulados pelas mãos no espaço à frente do sinalizador, na maioria das vezes. Assim, as mãos são importantes e versáteis no momento da sinalização, mas, devemos também levar em consideração o corpo como sujeito no momento da sinalização de uma narrativa em LS.

Na sequência (MEIR et al., 2006, p.96), exemplificam um estudo sobre a comunidade beduína Al-Sayyid, fundada há aproximadamente 200 anos, em Negev, atual Israel. Atualmente, os autores informam que al-Sayyid é composta de aproximadamente 3.500 membros e o casamento consanguíneo é uma norma desde a sua terceira geração. Os cem membros surdos da comunidade são integrados à estrutura social e não são estigmatizados ou marginalizados, e a LS dessa comunidade é a língua de sinais al-sayyid beduína (ABSL). Essa língua possui duas classes verbais, os verbos simples e os verbos espaciais.

Participaram do estudo nove sinalizadores da segunda geração (28 a 45 anos) e doze sinalizadores (4 a 24 anos) da terceira geração. Houve uma coleta de dados para a qual foi utilizado "um clipe designado a colher uma variedade de verbos transitivos e intransitivos

perpassando diferentes categorias semânticas foi mostrado aos sinalizadores" (Meir et al., 2006, p. 97). Foram analisadas, no total, 201 formas verbais e 176 envolveram movimento em relação ao corpo. Os movimentos dos sinais partiram do centro do corpo do sinalizante para fora do seu corpo (de dentro para fora) quando o sujeito é a fonte (nos verbos DAR, ATIRAR e ALIMENTAR), ou de fora para dentro, quando o sujeito é o destino (como em verbos reversos, LEVAR e PEGAR).

Com base em um clipe onde uma mulher dá a bola a um homem e os atores transferiram o objeto de um lado para o outro da tela, participante da pesquisa sinalizou que a mulher estava no lado direito da tela e o homem à sua esquerda, mas a forma verbal sinalizada por ele não utilizou nenhum desses locais. O movimento do verbo DAR partiu do centro do seu corpo (dentro) para fora do seu corpo. Veja o exemplo dos autores na figura 16, a seguir.

Figura 16: 'Mulher dá uma bola para o homem.' em ABSL.



Fonte: Meir et al. (2006, p. 97) (Tradução nossa)

Os autores observaram que os sinais envolviam segurar ou manipular um objeto e movê-lo para outro local, como podemos observar na figura 16. Essas produções verbais foram tratadas como verbos espaciais.

Os autores concluíram que, nos verbos de transferência da ABSL, o corpo representa o argumento-sujeito, seja ele a fonte da transferência (como nos verbos DAR, ATIRAR e ALIMENTAR) ou o seu destino (LEVAR e PEGAR).

Para Meir et al. (2006, p. 97), essas formas comportam-se como verbos simples. O sistema verbal da língua não codifica diretamente diferentes pessoas gramaticais e os dados evidenciaram o padrão 'corpo como sujeito'.

Diferentemente da ABSL, a língua de sinais israelense (ISL), de acordo com Meir et al. (2006, p. 97), desenvolveu-se uma situação de *pidgin* há aproximadamente 70 anos. As primeiras gerações de surdos eram provenientes de contextos diferentes. Alguns indivíduos de outros países falavam as LS de seus respectivos países, outros não sabiam LS ou usavam sinais caseiros. Atualmente, quatro gerações de sinalizadores convivem na mesma comunidade. A primeira é composta de pessoas que têm mais de 65 anos. Essas pessoas não flexionam os verbos de transferência, usam verbos simples, tal como os resultados obtidos nos estudos da ABSL. Os sinalizadores com 40 e 50 anos usam verbos de concordância, partindo do corpo e concordando com o objeto (recipiente). Os mais jovens com 30 anos ou menos flexionam verbos de concordância para o sujeito e para o objeto.

Meir et al. (2006, p. 89) garantem que podem oferecer uma classificação verbal alternativa para a ASL e para a ISL levando em consideração o papel do corpo e o papel das mãos, como podemos observar na sequência:

(i) verbos simples (especialmente os ancorados no corpo) podem ser um conjunto de verbos onde o corpo é o sujeito e a categoria de pessoa gramatical não é codificada;

(ii) verbos de concordância, o corpo é a 1ª pessoa e as localizações no espaço de sinalização são associadas a referentes que não são de 1ª pessoa. As mãos (direção e orientação) codificam os papéis sintáticos e semânticos dos argumentos;

(iii) verbos espaciais (incluindo as construções com CL) possuem pontos iniciais e finais determinados por referentes espaciais. O movimento do sinal começa em um local e termina em outro (a trajetória do movimento do sinal é descrita). A(s) mão(s), nos verbos espaciais e nas construções com CL representa(m) entidades que se movem no espaço e o corpo não é envolvido no evento, em nenhum momento.

Observamos que os estudos de Meir et al. (2006, p. 97) trazem um novo olhar sobre a classificação dos verbos em LS, pois levam em consideração não somente o que as mãos podem fazer no momento da sinalização, mas também consideram o papel que o corpo tem nas narrativas e como isso influi na classificação verbal de algumas LS.

Embora a identificação do *corpo como sujeito* constitua um avanço na análise da morfossintaxe da Libras, é necessário ainda identificar, à luz das teorias linguísticas, a função desses argumentos nas orações. Veremos, na nossa análise, que o reconhecimento de uma

classe de verbos de movimento é relevante para a análise sintática. Notaremos ainda, que a morfossintaxe da Libras requer a discriminação dos espaços nos quais os verbos são realizados. A concordância eu-tu, por exemplo, ocorre apenas no espaço real, quando os participantes do ato de fala são os argumentos de um verbo de ação. Assim, adotaremos outra classificação dos verbos, mais condizente com o quadro teórico funcionalista.

1.10 Tipologia das línguas de sinais

Zeshan (2006, p.30), em seu artigo "Raízes, folhas e ramos - a tipologia de LS" - aponta que a tipologia de LS é influenciada por duas disciplinas: a pesquisa em LS e a tipologia linguística. Pois, desde a metade do século 20, os tipologistas têm se preocupado em avaliar as diferenças e semelhanças entre as línguas do mundo. Greenberg (1963) é citado por Zeshan, como um ponto crucial no desenvolvimento da tipologia linguística. Para o autor, à medida que a pesquisa em tipologia de LS progride, podemos mapear a diversidade estrutural das LS, de forma cada vez mais detalhada.

As publicações com os resultados do primeiro estudo tipológico comparativo das LS foram feitas por Zeshan (2004a, 2004b, 2005 e 2006). O estudo tratou das construções interrogativas e negativas de 37 LS. Nas construções negativas, por exemplo, o autor observou que a principal diferença é a relativa proeminência da negação manual e não-manual nos sistemas gramaticais das LS. Todas as línguas estudadas produziram tanto sinais negativos com as mãos, quanto marcações não-manuais de orações negativas, principalmente na forma de movimentos de cabeça (para a esquerda e para a direita).

A língua de sinais alemã (DGS) estudada por Zeshan (2006, p. 38) envolve apenas a negação não-manual (na língua não é gramaticalmente correto omitir o movimento da cabeça para os lados), não havendo necessidade de um sinal manual negativo. A negação manual e a não-manual podem ocorrer simultaneamente nessa língua. Na língua de sinais turca (TID), a forma usual de expressar a mesma sentença envolve tanto negação manual quanto não-manual. Ao contrário da DGS, na TID não é possível negar essa sentença usando-se apenas um movimento da cabeça negativo. Na língua de sinais indo-paquistanesa (IPSL), as orações podem ser negadas tanto de maneira manual, quanto não-manual.

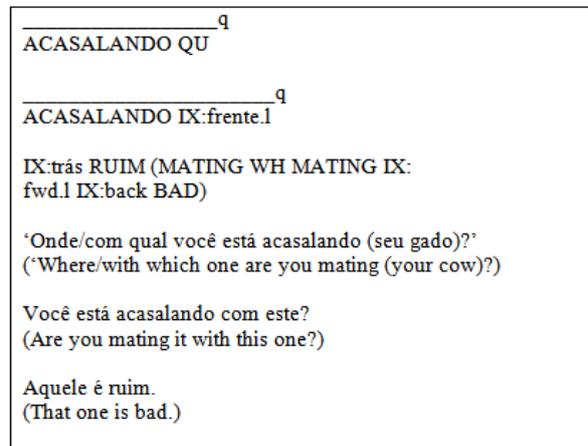
Além das LS mencionadas anteriormente, Zeshan e seu grupo de pesquisa *Sign Language Typology Research Group*²¹ investigaram, em 2004, a língua kata kolok (língua de sinais surda) falada em uma vila do norte de Bali. Ela é usada como segunda língua (doravante L2) pela maioria dos ouvintes da localidade. A LS não teve influência da língua oral local nem de qualquer outra LS conhecida. A população acredita que ela é falada há vários séculos.

Os estudos revelaram que a língua kata koloke usa o espaço de sinalização de maneira diferente. O espaço de sinalização é muito maior do que os espaços utilizados nas LS de comunidades surdas urbanas e geralmente tende a incluir movimentos com os braços totalmente estendidos, movimentos do corpo inteiro (por exemplo, virar-se, inclinar-se para baixo) e “representação” de movimentos (por exemplo, “caminhar”).

Como em outras línguas de sinais, os sinalizantes de kata kolok podem criar disposições espaciais complexas, incluindo construções de duas mãos. O espaço de sinalização é frequentemente usado para expressar o movimento e a localização de referentes e as relações espaciais entre os referentes. Entretanto, a **escolha de locais** para estabelecer referentes em Kata Kolok é bem peculiar, pois a língua utiliza referência espacial absoluta [...]. A referência espacial absoluta significa que em vez de selecionar locais arbitrários no espaço para estabelecer referência, por exemplo, à direita ou à esquerda do sinalizante, a localização dos referentes no mundo real determina para onde o sinalizante irá apontar. Para que isso funcione, os sinalizantes precisam sempre saber a localização dos referentes no mundo real (por exemplo, a casa das pessoas de quem os sinalizantes estão falando). (ZESHAN, 2006, p. 44),

Nessa língua é fundamental que o sinalizante saiba a localização real dos referentes da narrativa. Por isso, o narrador faz uso da referência espacial absoluta. Na Figura 17, o autor exemplifica como isso acontece.

²¹ Max Planck Instituto de Psicolinguística (*Max Planck Institute for Psycholinguistics*) e a Universidade do Centro de Lancashire (*University of Central Lancashire*).

Figura 17: A localização real dos referentes

Fonte: Zeshan (2006, p. 45).

No exemplo dado por Zeshan (v. figura 17), o sinalizante aponta para **dois loci** (IX) usando o dedo indicador. E estabelece dois touros, um bom para procriar (aponta para um local à esquerda com o braço levantado e quase esticado) e outro, não tão bom para esse fim (aponta para trás de si mesmo). A razão disso é que no mundo real (na vila), esses eram os lugares onde os dois touros viviam. Assim, tanto o sinalizante como o destinatário estão cientes da localização das casas dos touros. Essa língua é falada pela maioria dos mais de 2.000 membros ouvintes e por 50 pessoas surdas desta comunidade.

Para Zeshan (2006, p. 48) o benefício da pesquisa tipológica diz respeito às muitas LS nas quais as estruturas linguísticas ainda não foram documentadas. Com o tempo, a documentação dessas pesquisas poderá gerar importantes recursos linguísticos. E, assim, a criação e a ampliação de bancos de dados na tipologia de LS poderão conduzir a pontos teoricamente desafiadores. As observações feitas por Zeshan são interessantes e fornecem motivação para a realização de novas pesquisas relacionadas à LS.

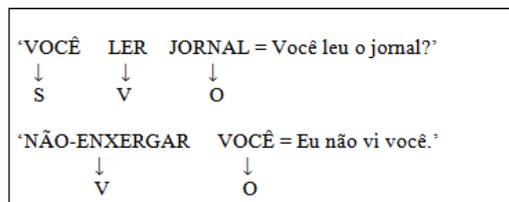
1.11 A língua brasileira de sinais (Libras)

No Brasil, as pesquisas da Libras, na década de 80, foram influenciadas pelos estudos da ASL divulgados pela Universidade Gallaudet (Gallaudet University). Assim, o estudo pioneiro da Libras, desenvolvido pela pesquisadora Lucinda Ferreira Brito, teve início há

menos de 30 anos e está representado na publicação *Por uma gramática de língua de sinais* (1995). Além desse estudo pioneiro, foram realizados alguns estudos como os de Felipe (2001), Quadros (1999 e 2003) e Quadros & Karnopp (2004). Mas ainda há numerosos aspectos da Libras que requerem investigação mais detalhada, pois as descrições linguísticas da Libras ainda são insuficientes.

O primeiro estudo descritivo dos aspectos estruturais da Libras foi realizado por Ferreira Brito (1997, p. 55-56). De acordo com a autora, costuma-se pensar que as orações nas LS são "completamente diferentes do ponto de vista estrutural daquelas do português [...] no que diz respeito à ordem das palavras ou constituintes, há diferenças porque o português é uma língua de base sujeito-predicado, enquanto que a Libras é uma língua do tipo tópico-comentário". No exemplo da figura 18, temos a ordem sujeito (S), verbo (V), e objeto (O). O sujeito da segunda sentença é omitido, é um argumento implícito; quando se refere à primeira pessoa, pressupõe-se que é conhecido pelo interlocutor.

Figura 18: Ordem dos constituintes em Libras



Fonte: Ferreira Brito (1997, p. 56)

Ferreira Brito (1997, p. 19-60) fez uma descrição de alguns aspectos da LIBRAS (fonológicos, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos). Evidenciou que é uma língua natural, com estrutura própria, regida também por princípios universais.

A autora (1997, p. 57), em seus estudos, observou que as orações na Libras são estruturadas sempre em torno de um núcleo com valência. Como, por exemplo, nos verbos com flexão (EMPRESTAR) podemos notar a restrição quanto à ordem. O sujeito e o objeto não surgem na forma de constituintes separados (sujeito+objeto), e sim na forma de flexão do próprio verbo com o uso da direcionalidade de seu movimento. Onde o **ponto de origem** do sinal no momento da sinalização se refere ao **sujeito**, e o **ponto final** do sinal se refere ao **objeto**. A direcionalidade dada a esses dois pontos (de origem e final) no momento da sinalização é chamada de flexão verbal.

Como exemplo temos o verbo EMPRESTAR. Vejamos como esse verbo é sinalizado na cidade de São Paulo (Brasil): (v. figura 19).

Figura 19: Verbo emprestar



‘EU-EMPRESTAR-VOCÊ’
Eu emprestei para você.

Fonte: Ferreira Brito (1977, p. 59)

Conforme Ferreira Brito (1997, p. 59), as marcas de flexão verbal são específicas da modalidade visual-espacial da língua, pelo fato de se apoiarem na direcionalidade do movimento do sinal no momento da sinalização. E geralmente ocorre o seguinte: o verbo é que possui valência e, como tal, é ele que determina o número e tipos de argumentos ou complementos necessários. De acordo com essa concepção, inclusive o sujeito é considerado um argumento. Assim, é possível concluir que um verbo como “enviar”, em português, e enviar, em LIBRAS, parecem ser verbos com a mesma valência porque os dois pedem três argumentos ou complementos (FERREIRA BRITO, 1997, p. 59-60).

(1) Paulo **enviou** o livro ao amigo.

(2) LIVRO AMIGO P-A-U-L-O **ENVIAR** (O livro ao amigo o Paulo enviou.).

A citação anterior trata do exemplo (1) que está em português, e do exemplo (2), que está em Libras. Nos exemplos, podemos observar que as orações são constituídas de um núcleo e de três argumentos.

A Libras não tem em suas formas verbais a marca de tempo, como há no português. Na Libras, as formas verbais de tempo, ainda segundo Ferreira Brito:

Podem se modular para aspecto. Algumas delas também se flexionam para número e pessoa. Dessa forma, quando o verbo refere-se a um tempo passado, futuro ou presente, o que vai marcar o tempo da ação ou do evento serão itens lexicais ou sinais adverbiais como ONTEM, AMANHÃ, HOJE, SEMANA-PASSADA,

SEMANA-QUE-VEM. Com isso não há risco de ambiguidade. (FERREIRA BRITO, 1997, p. 46)

Assim, não existe o risco de quem estiver envolvido na narrativa ter mais de uma interpretação ou interpretar alguma informação de forma errada, pelo fato de saber que o fato narrado começou com uma marca no passado. Além disso, a autora também aponta que os sinais com conceito de tempo, em geral, trazem uma marca de passado, futuro ou presente: "(i) Movimento para trás, para o passado; (ii) Movimento para a frente, para o futuro; (iii) Movimento no plano do corpo, para o presente. Alguns desses sinais [...] incorporam essa marca de tempo não precisando de uma marca isolada, como acontece com o sinal ONTEM, na figura 20.

Segundo Ferreira Brito (1997, p. 47), "uma linha do tempo constituída de coordenadas: passado (atrás), presente (no plano do corpo); futuro (na frente) pode ser observada também em línguas orais, como no português e no inglês."

Figura 20: ONTEM



Fonte: Ferreira Brito (1997, p. 46)

E também com relação à classificação verbal, citamos os estudos realizados por Felipe (1997, p. 147). Felipe observou na Libras a existência de dois tipos de verbos: (i) verbos que não possuem marca de concordância, embora possam ter flexão para aspecto verbal; (ii) verbos que possuem marca de concordância.

Os **verbos que não possuem marca de concordância (i)** comportam-se como se ficassem no **infinitivo**, destaca a autora (1997, p. 147), e que dá os seguintes exemplos:

- (1) "EU TRABALHAR FENEIS " "Eu trabalho na FENEIS"
- (2) "ELA TRABALHAR FENEIS" "ela trabalha na FENEIS"

(3) "ELE TRABALHAR FENEIS" "ele trabalha na FENEIS"

Este grupo pode ser **subdividido em outros** sub-grupos, como, os **verbos de movimento/locomoção**.

Os **verbos que possuem marca de concordância (ii)** podem ser subdivididos do seguinte modo:

(1) **Verbos que possuem concordância número-pessoal:** a orientação marca as pessoas do discurso. O ponto inicial do sinal concorda com o sujeito, e o ponto final, com o objeto. Os exemplos oferecidos pela autora são os seguintes:

(i) _{1s}PERGUNTAR_{2s} "Eu pergunto a você".

(ii) _{2s}PERGUNTAR_{1s} "você me pergunta".

No exemplo (i), o ponto inicial do sinal concorda com a primeira pessoa do singular (Eu), e o ponto final concorda com a segunda pessoa do singular (você). E no exemplo (ii), o ponto inicial do sinal concorda com a segunda pessoa do singular (você), e o ponto final com a primeira pessoa do singular.

(2) **Verbos que possuem concordância de gênero:** são verbos classificadores pois a eles estão incorporados usando-se uma configuração de mão, uma concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL ou COISA.

Exemplo: _{veículo}ANDAR/MOVER (configuração da mão em B, com a palma da mão para baixo)

(3) **Verbos que possuem concordância com a localização.** São verbos que começam ou terminam em um determinado lugar que se refere ao lugar de uma pessoa, coisa, animal ou veículo, que está sendo colocado, carregado etc. E o ponto de articulação marca a localização.

Exemplo: COPO MESA _{coisa arredondada} COLOCAR

Segundo Brito (1997), estes tipos de concordância verbal podem coexistir em um mesmo verbo. Existem verbos que possuem concordância de gênero e localização, como por exemplo o verbo COLOCAR (do exemplo acima), e concordância número-pessoal e de gênero, como o verbo DAR. A autora esquematiza o sistema de concordância verbal, na Libras da seguinte forma:

- | | |
|------------------------------------|-----------------------------------|
| 1. Concordância número-pessoal | => parâmetro orientação |
| 2. Concordância de gênero e número | => parâmetro configuração de mão |
| 3. Concordância de lugar | => parâmetro ponto de articulação |

Diferentemente de Felipe (1997), a classificação verbal de Quadros & Karnopp (2004, p. 116-126) com relação à LIBRAS está dividida em três classes:

(i) **Verbos simples** - são verbos que não se flexionam em pessoa e número e não incorporam afixos locativos. Alguns desses verbos apresentam flexão de aspecto. Exemplos dessa categoria são CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR, GOSTAR.

(ii) **Verbos com concordância** - são verbos que se flexionam em pessoa, número e aspecto, mas não incorporam afixos locativos. Exemplos dessa categoria são DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER, PROVOCAR.

(iii) **Verbos espaciais** - são verbos que têm afixos locativos. Exemplos dessa classe são COLOCAR, IR, CHEGAR.

Com relação aos estudos na Libras que tratam sobre a ordenação das palavras nas orações, Quadros & Karnopp (2004, p. 139 – 141) observam que existem várias possibilidades de ordenação das palavras nas orações, como, por exemplo:

(i) Na construção: sujeito (S), verbo (V) e objeto (O). Por exemplo: "*IX GOSTA FUTEBOL*" (SVO). Traduzindo esse exemplo, nós temos: Ele gosta de futebol.

- (i) Nas construções OSV e SOV, as orações apresentam concordância e marcas não manuais. (v. figura 21).

Figura 21: Concordância e marcas não manuais

‘FUTEBOL IX ²² GOSTA’ (OSV)
‘IX FUTEBOL GOSTA’ (SOV)
Ele gosta de futebol

Fonte: Quadro & Karnopp (2004, p. 40)

²² A autora usa "IX", nos seus exemplos, para indicar que o sinalizante (no momento da sinalizaçã) está apontando com o dedo indicador para alguma pessoa, coisa ou lugar. (QUADRO & KARNOPP, 2004, p. 40)

(iii) Na topicalização, para mudar a ordem dos constituintes de uma oração, a oração afirmativa dá uma ênfase especial ao tópico no início da oração, e em seguida os comentários a respeito desse tema são feitos. Na oração interrogativa, o tópico sempre será sinalizado junto com uma marca não manual (de dúvida/de pergunta) correspondente.

Para Quadros & Karnopp (2004, p. 149), na LIBRAS, "os tópicos normalmente estão associados com posições argumentais [...], é possível topicalizar o objeto e o sujeito de uma oração [...] e podemos gerar um tópico sem este estar ligado a qualquer posição argumental.". Por exemplo: "*FRANÇA EU VOU*", "*EU FRANÇA VOU*" e "*ANIMAIS EU GOSTO GATO*".

(iv) Nas construções com foco incluindo verbos sem concordância podem derivar estruturas como SOV ou S(V) OV. As autoras entendem que as construções com foco são aquelas que apresentam constituintes duplicados dentro da mesma oração. Essa duplicação do sinal pode ocorrer com os verbos, advérbios, modais e quantificadores. Quadros identificou essa situação nos seus estudos e considerou que o foco é gerado no momento em que uma informação é interpretada com uma entonação mais marcada.

(v) Na elevação do objeto nas construções contendo verbos com concordância, gera a ordem SOV.

(vi) Na omissão tanto do sujeito como do objeto, nas construções com verbos com concordância, gera a ordem (S)V(O). Como por exemplo: "*ELA DEU (ALGO) ELA*".

(vii) Na ordem VOS também pode ocorrer em contextos de foco contrastivo. Ex: "*QUEM COMPRAR CARRO JOÃO OU MARIA?*"

Assim, Quadros & Karnopp (2004, p. 155) destacam que "os dados apresentados indicam que a ordem básica na LIBRAS é SVO e que OSV, SOV e VOS são ordenações derivadas de SVO. As mudanças de ordens resultam de operações sintáticas específicas associadas a algum tipo de marca, [...] a concordância e as marcas não-manuais."

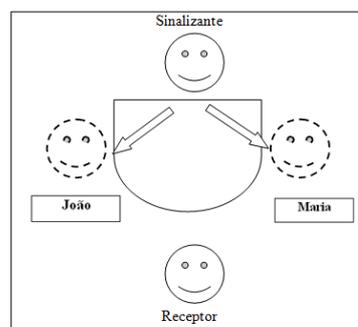
Viotti (2007, p. 21) também argumenta que a ASL e a LIBRAS têm sido consideradas línguas que contêm a ordem básica constituída de SVO, em que o **sujeito** aparece antes do verbo, e os **objetos**, tanto o direto quanto o indireto, aparecem depois do verbo. A autora (2007, p. 27) também faz algumas observações sobre a questão do espaço no momento da sinalização, pois "na criação de discursos, os surdos fazem a sobreposição de várias situações

de fala especialmente com a criação daquilo que tem sido chamado de 'espaço sub-rogado'. Esse espaço é aquele em que o surdo incorpora o personagem de uma história que ele está contando." Assim, quando o surdo sinaliza o pronome de primeira pessoa no espaço sub-rogado "ele não está se referindo a si mesmo, que é quem está contando a história, mas ao personagem que ele está representando." As línguas orais também mostram esse tipo de operação, por meio daquilo que chamamos de discurso direto. Nas LS, essa questão envolve o uso do espaço de sinalização e o mapeamento dos referentes dos pronomes nesse espaço.

Para Felipe (2001, p. 52 – 59), "as LS utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer os tipos de frases". E complementa que "as LS, por serem espaciais utilizam, bem mais acentuadamente, a tridimensionalidade para a comunicação".

Quadros & Pizzio (2009, p. 03), asseguram que, nas nominalizações, o sistema pronominal e a concordância verbal levam em consideração o espaço da sinalização na Libras. Os **nomes** podem ser relacionados a pontos específicos no espaço da sinalização. Essa relação dos referentes (ausentes ou presentes) com um ponto no espaço é chamada Determinante Nominal. Como indicam Quadros & Pizzio (2009, p. 04-05), os pronomes de terceira pessoa têm funções anafóricas e dêiticas, e para as autoras, podem tratar de referentes que não estão presentes fisicamente no contexto da narrativa do sinalizante. As autoras observam que, no exemplo dado por Lillo-Martin & Klima (1990, p.192), o sinalizante pode associar 'João' com um ponto à direita e 'Maria' à esquerda. Assim, João e Maria serão introduzidos na narrativa com seus respectivos sinais que os identificam, ou seu nome soletrado pelo alfabeto manual. As formas pronominais são, dessa maneira, associadas a esses pontos no espaço sinalizado, como podemos observar na figura 22.

Figura 22: Formas pronominais utilizadas com referentes que não estão presentes



Fonte: (Adaptada de Lillo-Martin & Klima 1990, p. 192)

Novas diretrizes estão sendo apontadas por trabalhos recentes na Libras, como por exemplo:

(i) Na dissertação de Resende (2012), que pesquisou sobre *A assimilação nas línguas de sinais brasileira*;

(ii) o artigo intitulado: “*Criação de sinais próprios de pessoas na língua de sinais brasileira*” Felten & Grannier (2013), que aborda a formação/criação dos sinais próprios para as pessoas que podem ser de dois tipos: características individuais mais salientes (com predomínios de características físicas), e letras do nome da pessoa na língua portuguesa. Nesse trabalho os autores apresentam um critério para identificar morfemas presos, ou seja quando dois ou mais morfemas (um radical e um ou mais afixos) constituem um único sinal. Esse critério será adotado neste trabalho para identificar os afixos que caracterizam a constituição interna de verbos.

(iii) a dissertação Mendonça (2012, p. 138), "*Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores*" considerou a Libras como uma língua mais isolante do que flexional. A autora (2012, p. 103-104) observou que existe uma diferenciação entre termo de classe e um classificador. E que em Libras ocorre a composição de sinais que reúnem os principais aspectos de suas categorias. Como por exemplo: “o sinal ‘leão’, dentre os sinais para animais, virou um protótipo para a categoria de animal. Quando composto com os sinais listra e bolinha, formará ‘tigre’ e ‘onça’, respectivamente”;

(ix) a dissertação de Pagy (2012) "*Reduplicação na língua brasileira de sinais (LIBRAS)*". A autora (2012, p. 167) apresentou aspectos importantes sobre estudos realizados sobre a reduplicação na Libras, como por exemplo, apontando conceitos, tipos e funções dessa língua. Segundo a autora, “os dados e as suas análises buscaram esclarecer conceitos ainda pouco distintos nas teorias linguísticas relacionadas aos estudos da Libras”.

Conforme Pagy (2012, p. 173-177), “a reduplicação não gera alteração no sentido do sinal, enquanto que nas formas derivacionais a reduplicação gera um novo sinal, com significados diferentes”. Segundo a autora “a reduplicação é um processo mais flexional ou mais derivacional dependendo do contexto em que ocorre ou da compreensão que é dada ao sinal reduplicado”. A autora observa que a reduplicação exerce um papel importante no processo de formação do léxico e na construção do vocabulário. A representação de um sinal e de sua reduplicação pode auxiliar na compreensão do contexto da narrativa.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Os dados foram coletados em uma escola pública da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Essa escola atende a trinta e sete turmas em dois turnos: matutino e vespertino. Trinta e três turmas são compostas por alunos ouvintes e quatro são compostas somente por alunos surdos profundos (usuários da Libras²³ como primeira língua). Nas quatro turmas exclusivas, um atendimento Educacional Especializado²⁴ é oferecido por docentes usuários da Libras (qualificados por cursos semestrais oferecidos pela SEDF). Essas turmas não necessitam de intérpretes educacionais, visto que todos os docentes são usuários da Libras. Assim, todas as matérias (matemática, ciências, arte, história, português como segunda língua, geografia, inglês etc.) são ministradas nessa língua.

2.1 Participantes da pesquisa

Entre os alunos surdos da escola, foram selecionadas para a nossa pesquisa duas participantes, que serão identificadas pelos pseudônimos: Violeta e Margarida. Na seleção das participantes, levamos em consideração o fato de serem surdas profundas congênitas²⁵ que atendessem aos seguintes requisitos: (1) não utilizar prótese auditiva; (2) ter idade na faixa etária entre 13 a 20 anos; (3) ter diagnóstico audiométrico que comprovam a surdez profunda bilateral; (4) ser usuárias da Libras como primeira língua.

As participantes da pesquisa, Violeta e Margarida, são as flores do nosso jardim, cada uma delas tem o seu encanto e a sua beleza. Elas são alunas do ensino fundamental. Na sequência, trataremos do perfil de cada participante.

Violeta tem 16 anos e sua mãe informou que teve rubéola na gravidez, do que decorreu a surdez profunda da filha. Seus pais e irmãos são ouvintes. Margarida tem 19 anos, sua mãe também teve rubéola na gravidez. Os pais e irmãos de Margarida são ouvintes. As

²³ Na Lei n. 10.436/02 e no Decreto n. 5.626/05, encontramos a nomenclatura Língua Brasileira de Sinais (Libras).

²⁴ Atendimento educacional especializado – "é uma forma de garantir que sejam reconhecidas e atendidas as particularidades de cada aluno com deficiência. São consideradas matérias do atendimento: Língua Brasileira de Sinais (Libras); interpretação de Libras; ensino de Língua Portuguesa para surdos; Código Braille; orientação e mobilidade; [...]". (FAVERO; PANTOJA; MANTOAN, 2007, p. 29).

²⁵ Surdo congênito – indivíduo com surdez congênita. A surdez congênita pode ser causada por qualquer infecção de vírus grave na mãe gestante durante os primeiros meses de gravidez. Casos de perda neural da audição são baseados na completa degeneração das células sensoriais essenciais e das fibras nervosas. Essas células, uma vez degeneradas, não podem ser restauradas. (DAVIS, 1961, p. 569).

duas mães afirmaram que as filhas sempre estudaram em turmas exclusivas de surdos nas escolas públicas do Distrito Federal.

Violeta e Margarida são comunicativas, alegres, inteligentes e gostam de estudar. Elas são maravilhosas. A seguir, trataremos sobre a coleta de dados.

2.2 Coleta de dados

Como já foi dito, a motivação para pesquisar a Libras surgiu da interação com os alunos surdos ao longo dos 18 anos de vida profissional como professora de alunos surdos profundos²⁶ falantes da Libras.

Assim, nesta pesquisa qualitativa, escolhemos o contexto escolar para a coleta de dados bem como os participantes em função de questões de interesse do estudo, da disponibilidade das participantes e de suas condições de acesso e permanência no contexto escolar escolhido, pois, segundo Dixon (2010a, p. 02), na pesquisa de campo, recomenda-se que o pesquisador viva ou trabalhe na comunidade de seis meses a um ano, ou mais, para aprender a língua e observar os padrões de comportamento do grupo investigado. Nessas condições, à medida que os dados são coletados, vão sendo analisados.

Nesta pesquisa qualitativa, o contexto para a coleta de dados bem como os participantes foram também escolhidos em função das questões de interesse do estudo, da disponibilidade das participantes e das condições de acesso e permanência das participantes no contexto escolar escolhido. Observamos que foi solicitado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (UnB) autorização para a realização do estudo (V. Autorização no Anexo A, p. (96).

Os dados para a pesquisa foram coletados por meio de gravações em vídeo (captação de imagens) com uma Câmera Digital W 610. De acordo com as observações de Fetterman (1998, p. 65), capturando cenários e episódios no início do estudo, o pesquisador tem como compreender melhor a situação, já que filmagens permitem interpretar eventos retroativamente, oferecendo uma rara segunda chance de observar detalhes que o olho humano pode ter perdido em um primeiro momento.

A coleta apresenta narrativas, frases e palavras elicitadas por duas surdas fluentes em Libras. Assim, solicitamos a elas que produzissem:

²⁶ Surdo profundo - indivíduo que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal, que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir naturalmente a linguagem oral. (RINALDI, 1997).

(1) Uma narrativa baseada em um desenho animado: *A história do patinho feio*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=aahhT5Sw8Gk>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

(2) Uma narrativa baseada no filme: *The pear film*. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=bRNSTxTpG7U>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

(3) Uma narrativa de uma aula instrucional dada na escola sobre como reciclar garrafas PET.

Na nossa perspectiva funcional-tipológica, essas filmagens foram consideradas como objeto de investigação, que, assim, oportunizaram a formação de um banco de dados.

Para uma análise sistematizada da língua, todos os arquivos do banco de dados foram importados para um sistema operacional da Microsoft²⁷ denominado Movie Maker. O Movie Maker é uma ferramenta tecnológica que oportuniza extenso suporte a vídeos em alta definição e é compatível com diferentes aparelhos eletrônicos. Esta ferramenta tecnológica foi escolhida em virtude de termos detectado uma necessidade de iniciarmos um procedimento de pesquisa que nos possibilitasse obter maiores informações sobre a Libras.

Ainda com relação ao Movie Maker, a ferramenta possibilita a visualização de cada filmagem por repetidas vezes e também oferece inúmeros recursos, dentre eles: (1) importação de filmagens de uma câmera fotográfica ou filmadora; (2) importação de arquivos de vídeos da internet; (3) visualização do filme no monitor do computador; (4) avanço e retrocesso de um filme quadro a quadro; (5) possibilidade de recortar a filmagem quadro a quadro etc.

Assim, os recursos disponibilizados pelo Movie Maker possibilitaram recortar as filmagens coletadas quadro a quadro. Após o procedimento de recorte, cada imagem foi importada para uma tabela de transcrição linguística (elaborada pela autora), como podemos observar ao longo dos capítulos deste estudo. Posteriormente as filmagens, os recortes e as tabelas de transcrição foram arquivados em um banco de dados no computador, em pastas individualizadas, para futuras consultas.

²⁷ Sistema operacional da Microsoft <http://www.baixaki.com.br/download/windows-movie-maker.htm>.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DESCRIÇÃO: NÍVEL DO DISCURSO

Verificamos, inicialmente, que, em diversos pontos das narrativas, ocorria a suspensão da sinalização por alguns segundos e que essas paradas, ou pausas, poderiam ser características linguísticas da estruturação do discurso na Libras. A análise dessa estruturação revelou-se importante para a análise sintática *stricto sensu* da língua. Além disso, verificamos que a sinalização de determinadas estruturas e de marcadores específicos também poderiam contribuir para delimitar constituintes de diversas naturezas.

3.1 A delimitação

As marcas de delimitação consistem em **paradas na sinalização** no decorrer das narrativas feitas no uso da Libras. Numa perspectiva funcional, entendemos que correspondem, em línguas orais, a pausas e contornos entonacionais específicos de limites de constituintes sintáticos, maiores ou menores. De acordo com a definição de Schiffrin (1987, p. 31), **marcadores** são “elementos sequencialmente dependentes que delimitam unidades de fala”²⁸. A autora explica ainda que as unidades de fala junto às quais ocorrem os marcadores podem ser constituídas por sentenças, proposições, atos de fala ou unidades tonais.

Na Libras, identificamos diferentes situações discursivas e sintáticas em que as paradas delimitam atos de fala ou estruturas sintáticas. Essas paradas podem se apresentar associadas ou não a marcadores constituídos por sinais. A análise demonstrou que há também fronteiras estruturais indicadas apenas pelos marcadores, sem paradas. Ou seja, os limites em estudo podem ser marcados (1) apenas por uma parada, (2) por uma parada e um sinal marcador e (3) apenas por um sinal marcador.

Trataremos, inicialmente, das diversas *paradas* que ocorrem ao longo de uma narrativa – em sentido amplo – em Libras, que doravante serão denominados *delimitadores do discurso* e *delimitadores de atos de fala*.

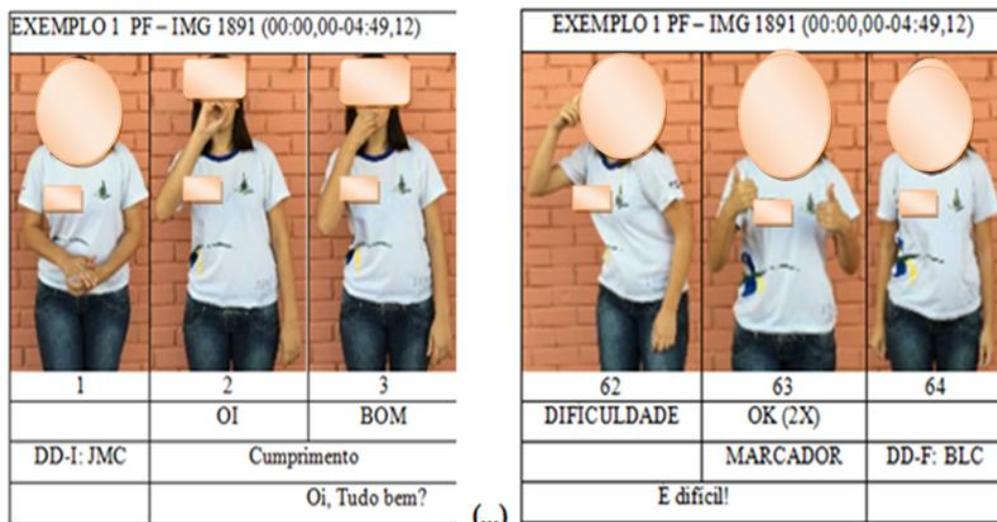
²⁸ "I operationally define markers as sequentially dependent elements which bracket units of talk". (Tradução nossa).

3.1.1. Paradas delimitadoras do discurso

Foram identificadas, nos dados, duas formas que preenchem a função de delimitador do discurso (doravante DD): a junção das mãos na frente do corpo (JMC) ou o abaixamento dos braços ao longo do corpo (BLC), que podem ocorrer tanto para marcar obrigatoriamente o início quanto o final do discurso. Interpretamos que BLC corresponde a uma pausa maior do que JMC, pois, além de ser mais frequente como DD do que JMC, este último, como veremos adiante (seção 3.2.2), também é usado para marcar mudanças de atos de fala no interior do discurso.

No exemplo (1)²⁹, que vai da foto 1 a 64, JMC delimita o início da narrativa da história *O patinho feio* (foto 1), com a junção das mãos na frente do corpo, e BLC indica seu término (foto 64), com os braços da participante ao longo do corpo.

Exemplo 1: JMC [Oi, tudo bem? (...) ‘é difícil!)] OK BLC

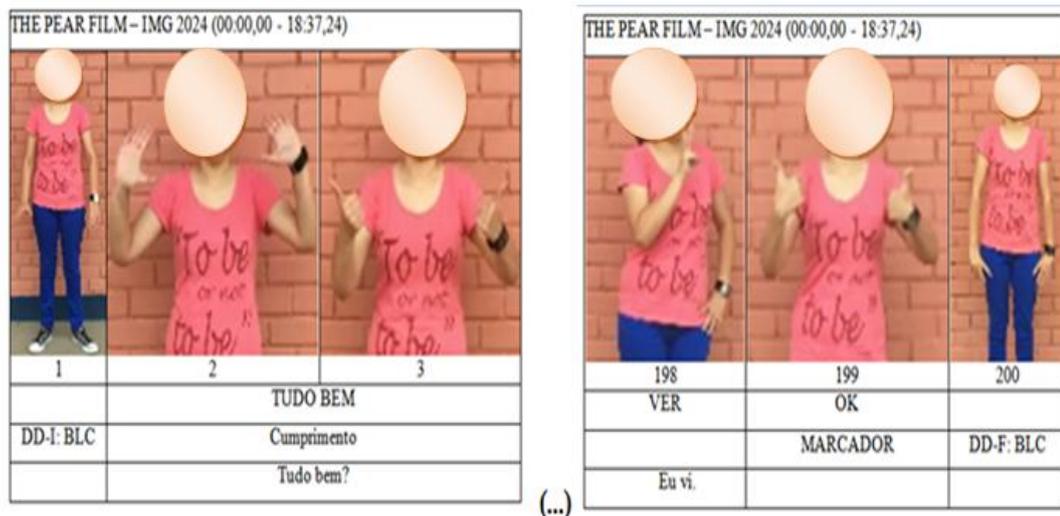


²⁹ Nesta pesquisa, adotamos na glosa as convenções sugeridas por Felipe (2001, p. 21-22). Logo, o sistema de convenção utilizado para transcrever os sinais será o “Sistema de notação em palavras”, no qual as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais. Assim, os sinais serão representados por itens lexicais da língua portuguesa (LP) em letras maiúsculas.

Já no exemplo (2), com 200 fotos, BLC também foi utilizado tanto para delimitar o início quanto o final da narrativa de *The pear film*³⁰.

Convém notar que, nesses dois exemplos, o final da narrativa também é marcado com OK, antes da pausa final, indicada por BLC, o que ocorre igualmente no exemplo (3), a seguir, antes de JMC.

Exemplo 2: BLC [Tudo bem? (...)] OK BLC

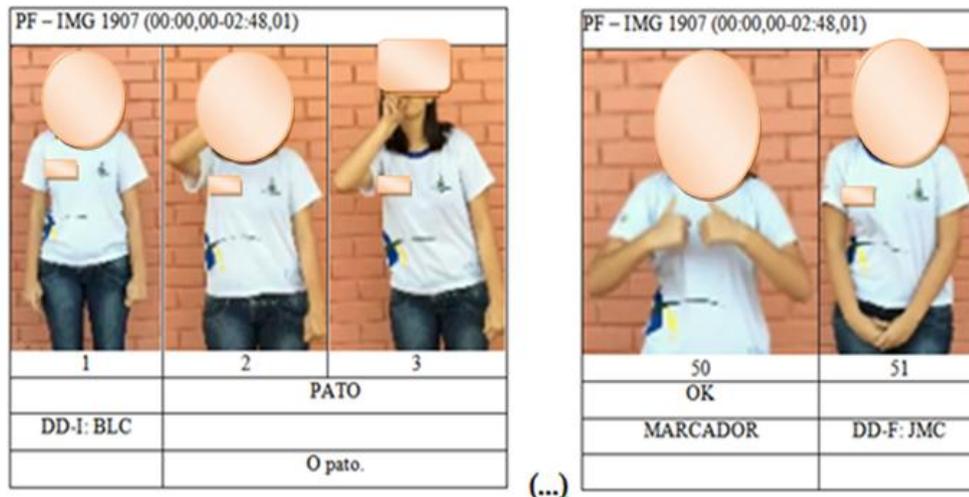


No exemplo (3), BLC foi utilizado para delimitar o início da narrativa da história *Ugly duckling film* (*O patinho feio*)³¹ (foto 1) e JMC (foto 51) para indicar o término da fala.

³⁰ *The pear film*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bRNSTxTpG7U>>. Acesso em 12 dez. 2013.

³¹ *Ugly duckling film* (*O patinho feio*). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=UleHGh7yOX8>>. Acesso em 12 dez. 2013.

Exemplo 3: BLC [O pato (...)] OK MC



São, portanto, duas formas variantes de DD: BLC e JMC, que podem ocorrer para delimitar o início ou o final de uma narrativa. É interessante notar que, nesses contextos, BLC é mais frequente que JMC.

3.1.2 Paradas e marcadores: delimitação de atos de fala

Com respeito aos atos de fala, Ilari (2001, p. 27) ressalta o seguinte: “ao fazermos uso de um determinado enunciado, estamos sempre realizando algum tipo de ação: informar, perguntar, mostrar perplexidade, prometer, autorizar etc.” Na Libras, no interior de uma narrativa, podem ocorrer pausas indicadas pelo delimitador JMC ou por marcadores sinalizados, que assinalam o início ou o final de unidades discursivas menores, que se constituem em atos de fala.

Convém notar, entretanto, que nem todos os atos de fala apresentam marcadores, tendo sua natureza identificada por sua própria constituição. Destacamos, além do *ato declarativo* da narrativa (história), os seguintes atos de fala: (1) cumprimentos, (2) anúncio de informação (meu nome é / meu sinal é / o título da história é / o nome da história é (datilologia) / eu vou explicar).

Salientamos que, no interior de um mesmo discurso, podem ocorrer atos de fala hierarquizados, desde os mais periféricos, que não têm relação com a história propriamente

dita, como os cumprimentos, passando por anúncios de informação, que podem exibir diferentes graus de ligação com a narrativa propriamente dita, tais como o nome ou o sinal do narrador (sem ligação direta com a história), o anúncio do título da história e o anúncio dos personagens, junto com a construção do cenário onde se desenrola a história. Note-se que o anúncio de informação pode ser seguido da informação em Libras ou da datilologia da expressão em língua portuguesa.

3.1.2.1 Cumprimentos

Na narrativa da história *O patinho feio*, no exemplo (4), a seguir, o cumprimento “Oi! Tudo bem?” (fotos 2 e 3) vem antecedido por JMC (foto 1), e tem seu limite final marcado por “OK!” (foto 4).

Exemplo 4: JMC [Oi! Tudo bem?] OK

EXEMPLO 1 PF – IMG 1891 (00:00,00-04:49,12)			
			
1	2	3	4
	OI	BOM	OK
DD-I: JMC	Cumprimento		MARCADOR
	Oi, Tudo bem?		

Além do cumprimento “Tudo bom?”, há outras possibilidades de cumprimentos, tais como as ilustradas nos exemplos anteriores: “Oi!”, como no exemplo (1), fotos 2 e 3 e “Tudo bem?” no exemplo (2), fotos 2 e 3.

3.1.2.2 Anúncio de informação

Todos os anúncios de informação seguem o padrão “X Y”, no qual X anuncia o que será informado, como “Nome / sinal é”, “O título / nome é”, “Eu explico”, seguido de Y, a informação em Libras ou da datilologia de uma expressão em português.

(i) “Nome / sinal é”

Os anúncios do **nome e do sinal** (exemplos 5 e 6) constituem um ato de fala pré-textual e, embora tenham relações com o texto, não fazem parte da narrativa propriamente dita. No exemplo (5) a seguir, o nome é introduzido da seguinte maneira: com o sinal MEU e segue-se com a datilologia³², que corresponde ao nome representado por *****³³. [MEU *****]. E, no exemplo (6), temos o sinal (do nome) da sinalizante em Libras.

Exemplo 5: [MEU *****]

MOV – 7157 (00:00,00-08:35,90)



6	7	8	9	10	11	12
MEU						
Pronome	Nome					
Meu						

³² Datilologia - Segundo BRITO (1995, p. 22), “a Libras desenvolveu um alfabeto manual que é constituído de Configurações de Mão constitutivas dos sinais, as quais representam as letras do alfabeto da língua portuguesa”.

³³ Para preservação da participante os sinais correspondentes ao seu nome foram ocultados.

Exemplo 6: SINAL *****

MOV - 7157 (00:00,00-08:35,90)

13	14	15	16	17	18
SINAL CM 11 (MD)					
Nome			Nome		
Sinal é					

(ii) “O título / nome é”

O anúncio do **título** da história também tem relação e constitui um ato de fala pré-textual como o Meu nome / sinal é, exemplo (i) acima. E da mesma forma que o exemplo (i) não faz parte da narrativa propriamente dita.

O exemplo a seguir é constituído de duas partes, uma, com a informação em Libras e a outra, com a datilografia correspondente ao título em português. Na primeira parte, ocorre, na posição X, o sinal TÍTULO (fotos 6 e 7) e, como Y, PATO FEIO (fotos 8, 9 e 10).

Exemplo 7: [O título é "Patinho feio"]

EXEMPLO 1PF - IMG 1891 (00:00,00 - 04:49,12)

5	6	7	8	9	10
MEU	TITULO		PATO		FEIO
O título é "Patinho feio".					

Nessa história, ao título em Libras, a narradora acrescentou a datilologia do nome próprio que constitui o título. A segunda parte do título é introduzida, como se pode verificar no exemplo (8), por NOME (foto 11), como X, seguido da datilologia, que corresponde ao Y do ato de fala, representada por P-A-T-I-N-T-O (sic) e F-E-I-O (fotos 12 a 23). Note-se que para indicar a mudança da primeira palavra para a segunda, ocorre o marcador MUDE-1 (foto 19). Esse é um dos marcadores de mudança que serão examinados na seção 3.3, adiante.

Exemplo 8: [NOME P-A-T-I-N-T-O] MUDE-1 [F-E-I-O]

ENTENDEU?

EXEMPLO 1 PF - IMG 1891 (00:00,00 - 04:49,12)



11	12	13	14	15	16	17	18
NOME	P	A	T	I	N	T	O
Nome: P-A-T-I-N-H-O							

EXEMPLO 1 PF - IMG 1891 (00:00,00 - 04:49,12)



19	20	21	22	23	24
MUDE-1	F	E	I	O	ENTENDEU
MARCADOR					MARCADOR
F-E-I-O					

(iii) “Eu explico”

O ato de fala “explicação”, no exemplo (9), ainda constitui um ato de fala pré-textual, pois anuncia metalinguisticamente o papel que a narradora vai passar a representar, a saber, o do pai preocupado do patinho feio. É notável, como se pode ver abaixo, que a passagem de X para Y, nesse caso, é fortemente assinalada por JMC, que ocorre, neste caso, como **delimitador de atos de fala**, sendo acompanhado pelo fechamento dos olhos (foto 31). Além disso, ocorre, entre os dois, outro ato de fala, “Espere!” (foto 32).

Exemplo 9: [Eu vou explicar] JMC ESPERE [eu sou o pai do Patinho Feio]

EXEMPLO 1 PF – IMG 1891 (00:00,00-04:49,12)

				
28 EU	29 EXPLICAR		31 JMC	32 ESPERE
	ATO DE FALA			ATO DE FALA
Eu vou explicar. Espere.				

EXEMPLO 1 PF – IMG 1891 (00:00,00-04:49,12)

						
33 EU (3X)	34 PAI		36 PERSONIFICANDO		38 PATINHO (2X)	39 FEIO
Eu sou o pai do Patinho Feio.						

Note-se que o ato de fala “Eu explico” não se limita à posição pré-textual, podendo ocorrer a qualquer momento, no próprio texto da narrativa.

3.2 Marcadores de mudança

Assim como o marcador MUDE-1 indica uma mudança de palavra no interior de um sintagma nominal, ocorre, na narrativa, entre constituintes maiores, o marcador MUDE-2, que indica mudança de assunto e pode corresponder, aproximadamente, a mudanças de orações, parágrafos ou cenas, em nível mais complexo que o do sintagma nominal.

Iconicamente, o sinal também é mais complexo: enquanto em MUDE-1 o sinal envolve apenas uma mão e o movimento é menor (v. exemplo 8, foto 19), em MUDE-2, as duas mãos movem-se de forma mais ampla, como se pode observar no exemplo (10), nas fotos 37 e 38.

No exemplo 10, a narrativa se inicia com a indicação do personagem principal, um homem que está colhendo peras (até a foto 36). Depois de MUDE-2, há a introdução de um novo personagem, um outro homem (indicado pelo sinal **HOMEM**, repetido cinco vezes).

Exemplo 10: [CORPO]-PEGAR^Clredondomédio] MUDE-2 HOMEM

EXEMPLO 5 PM – IMG 2024 (00:00,00 - 18:37,24)			
			
36	37	38	39
[CORPO]-PEGAR^ Clredondo médio	MUDE-2		HOMEM (5X)
	MARCADOR		
Ele ₁ (o homem) pega ele ₂ (pera).			Havia um homem.

Conclui-se, portanto, que os dados coletados na Libras apontam para a existência tanto de delimitadores quanto de marcadores discursivos. Identificamos dois tipos de delimitadores, que correspondem a pausas ou silêncio e não constituem itens lexicais propriamente ditos, ou seja, não são sinais passíveis de serem glosados. Nos nossos dados, ocorrem duas formas: BLC – braços ao longo do corpo – e JMC – junção das mãos em frente ao corpo. O primeiro

indica uma pausa relativamente maior e é mais frequente no início e no final do discurso. JMC também pode ocorrer nessas situações, mas ocorre igualmente na delimitação de atos de fala no interior de um discurso mais complexo.

Já os marcadores constituídos por sinais específicos podem ser de dois tipos: marcadores dos atos de fala e de mudanças (mudança de palavra ou de assunto). Os primeiros, glosados, como ENTENDEU? e OK, ocorrem opcionalmente no final de unidades discursivas de naturezas variadas, enquanto MUDE-1 e MUDE-2 ocorrem em posição de coordenação, entre dois constituintes de mesma natureza, dentro de um mesmo ato de fala.

Quanto aos atos de fala, além dos declarativos próprios da narrativa, que constituem o núcleo do discurso aqui analisado, há outros, periféricos, que têm suas ocorrências hierarquizadas de acordo com sua maior ou menor ligação com o núcleo narrativo. Esses atos periféricos são caracterizados (1) por suas constituições internas particulares – ou sinais específicos – como os cumprimentos, ou (2) por uma estrutura do tipo X-Y, na qual X anuncia uma informação e Y constitui a informação nova.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DESCRIÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO

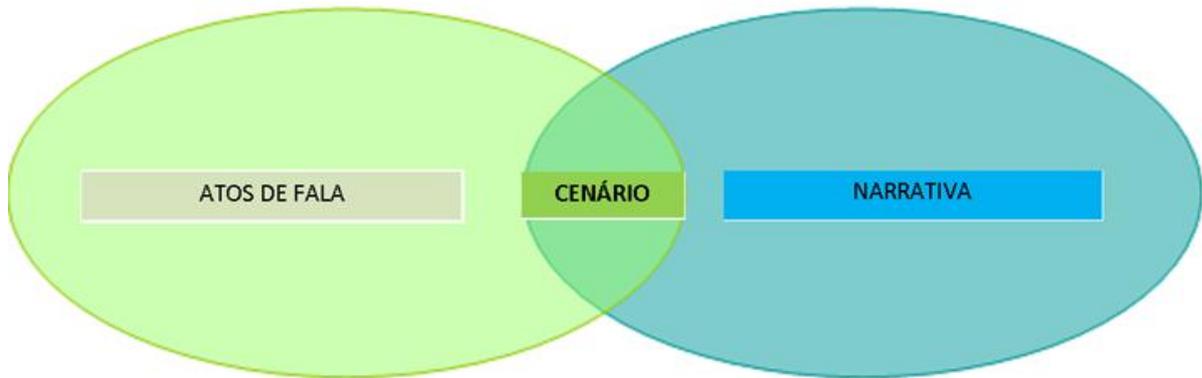
Em Libras, antes de se iniciar uma narrativa, é necessário situar os personagens e outros objetos que serão referidos ao longo da história, em uma espécie de cenário, no espaço de sinalização. Esse procedimento constitui a introdução da cena na qual se desenrola a ação e onde ficam localizados os personagens, que são, nesse momento, plenamente descritos por meio de características físicas.

A construção de um cenário anterior à narrativa propriamente dita constitui, de certa forma, uma ampliação da topicalização, própria de línguas com proeminência do tópico (Sp), na medida em que anuncia um contexto no qual as ações vão se desenrolar. Como veremos adiante, essa introdução à narrativa pode incluir **orações com núcleo verbal transitivo**, o que exclui a possibilidade da interpretação como uma listagem de tópicos, constituídos apenas por nomes. Essa análise alternativa poderia ser considerada, pois muitas orações do cenário são do tipo existencial, equativa ou estativa, constituídas apenas por um predicado nominal. No entanto, a presença de orações com núcleo verbal transitivo leva-nos a preferir a primeira alternativa, uma vez que sugere uma ampliação dos casos documentados na literatura.

Consideramos que esse componente, ao lado das evidências da análise sintática apresentadas no capítulo 5, reforça a interpretação da Libras como uma língua que tem um “espírito de proeminência de tópico” (ao lado de uma proeminência de sujeito, ou seja, uma língua do tipo 3 de Li e Thompson (1976, p. 460).

Esse cenário apresenta características comuns aos atos de fala, como se pode ver na interseção do gráfico 1, no qual está representado o conjunto de atos de fala examinados no capítulo 3 representado pelo primeiro conjunto (em verde amarelado): “Cumprimentos” ou “Anúncio da informação”. No entanto, a construção do cenário distingue-se dos demais atos de fala examinados até agora, porque essa construção tem uma ligação direta com o texto narrativo propriamente dito, representado pelo segundo conjunto (em azul). Ou melhor, a narrativa depende sintaticamente dos elementos “situados no cenário” para as manifestações anafóricas. Assim, na narrativa, as relações sintáticas dos sujeitos e dos objetos flexionados nos verbos passam a ser indicadas por morfemas que se referem a características marcantes dos personagens ou dos objetos físicos colocados no cenário, seja por meio de formas reduzidas dos sinais, seja por meio de classificadores.

Gráfico 1: Intersecção dos constituintes dos atos de fala



Fonte: gráfico elaborado pela autora.

O cenário situa-se, portanto, na intersecção dos atos de fala pré-textuais com a narrativa propriamente dita, representado no gráfico pelo terceiro conjunto, correspondente à intersecção (em verde azulado). As características do cenário comuns aos dos atos de fala baseiam-se na estrutura interna de seus predicados, de natureza existencial³⁴, o que os distingue da narrativa propriamente dita, que se caracteriza pela presença de verbos de ação.

Convém notar que, assim como o ato de fala “Eu explico”, a introdução de novos personagens ou objetos físicos secundários no cenário não se limita à posição pré-textual, podendo ocorrer incidentalmente também no interior da narrativa.

4.1 Componentes do cenário

Os componentes dos cenários são os personagens mais importantes da história e algum elemento locativo relevante no contexto. No exemplo (11), a seguir, para situar o interlocutor no contexto inicial da narrativa baseada no filme *Pearl Film*, introduz-se, na foto 1, a árvore ao redor da qual a história se desenvolve.

³⁴ Esse tema requer ainda uma pesquisa mais aprofundada. Por enquanto, observa-se que as sentenças encontradas nesses componentes são traduzidas, em português, por exemplo, por meio de verbos de ligação como *ser* ou *estar*, ou ainda com verbos existenciais como *haver* e *ter*, refletindo o caráter existencial dessas estruturas, que possivelmente serão identificadas como equativas ou estativas. Excepcionalmente, ocorrem orações com verbos de movimento na descrição do cenário, como “Há um homem pegando frutas”.

Exemplo 11: ÁRVORE ‘havia uma árvore.’

PM MOV 6458 (00:00,00)	
	
1	ÁRVORE (MD) CM – 60
	Nome
Havia uma árvore.	

E, na sequência, o personagem central, um homem de cavanhaque e bigode, (v. fotos de 2 a 4) é introduzido.

Exemplo 12: HOMEM CAVANHAQUE BIGODE ‘havia um homem com cavanhaque e bigode’(...) HOMEM BIGODE ‘o homem de bigode (...)

PM MOV 6458 (00:00,00 – 11:58,04)			PM MOV 6458 (00:00,00 – 11:58,04)	
				
2	3	4	108	109
HOMEM (3X)	CAVANHAQUE	BIGODE (2X)	HOMEM (2X)	BIGODE
	Nome	Nome	Nome	Nome
Havia uma árvore e um homem de cavanhaque e bigode.			Homem de bigode.	

(...)

As características físicas mais marcantes desse personagem central da história, o CAVANHAQUE e o BIGODE, são descritas na introdução do personagem e o sinal HOMEM é repetido três vezes no queixo, com a mão direita (MD), como podemos observar na glosa HOMEM (3X) (v. foto 2). As características associadas ao HOMEM permitem, mais adiante, que a narradora utilize uma ou outra dessas características para fazer referências anafóricas a esse personagem, como podemos observar na sequência da narrativa (v. foto

109), uma característica marcante **BIGODE** (v. foto 109) é usada para a referência anafórica (retomar o personagem na narrativa).

Vale observar que na sequência, na foto 108, o sinal **HOMEM** (2X) foi repetido agora somente duas vezes (2X) e não três vezes (3X) como no início da narrativa (v. foto 2). Assim, a quantidade de repetições na menção eventual do mesmo sinal (quando se trata do mesmo personagem) diminui ao longo da narrativa. A seguir, passaremos a tratar da transitividade na Libras.

4.2 Orações plenas e orações reduzidas

Nossos dados apontam para a necessidade de se distinguir em Libras dois subtipos de orações, com base na presença ou ausência de argumentos explicitados sintaticamente: (1) orações iniciais de narrativas, que denominamos **PLENAS** (que correspondem ao estabelecimento do cenário), e (2) orações com elementos fóricos, que denominamos **REDUZIDAS** e que apresentam a sequência de ações desenvolvidas na narrativa.

4.2.1 Orações transitivas plenas

As orações transitivas plenas, ou transitivas propriamente ditas, ocorrem predominantemente na construção do cenário, pois apresentam os argumentos **A** e **O** expressos sintaticamente. Essas orações contêm descrições detalhadas com informações como, por exemplo, a descrição do cenário inicial, as características físicas mais marcantes dos personagens, o locativo. Elas situam o interlocutor no contexto inicial da narrativa.

Exemplo 13: ÁRVORE HOMEM CAVANHAQUE BIGODE / [CORPO]-PEGAR-Clarredondado médio / FG_{pera} FRUTA FR_{pera} DIVERSAS. ‘havia uma árvore e um homem de cavanhaque e bigode ele₁ (o homem) pega (fruta) diversas peras.

PMMOV 6458 (00:00,00 – 11:58,04)

1	2	3	4
ÁRVORE	HOMEM (3X)	CAVANHAQUE	BIGODE (2X)
Nome	Nome	Nome	Nome
Havia uma árvore e um homem de cavanhaque e bigode.			

PMMOV 6458 (00:00,00 – 11:58,04)

5	6	7	8	9
[CORPO]- ENMOLHARPARACIMA- PEGAR (3X)	FIGURA GENEIRICA _{pera} (FG _{pera}) (MD e ME) - Configuração de mão (CM) 16	FIGURA GENEIRICA _{pera} (FG _{pera}) (MD e ME) - Configuração de mão (CM) 16	FRUTA-Cl arredondado médio (3X) (MD), CM 29 FR _{pera} (ME) CM 16	DIVERSAS
	Nome		Nome	Quantificador
Ele ₁ (o homem) pega (fruta) diversas peras.				

O exemplo (13) contém três orações, que constituem a construção do cenário: ÁRVORE / HOMEM CAVANHAQUE BIGODE / [CORPO]-ENMOLHARPARACIMA-PEGAR-Clarredondado médio FG_{pera} FRUTA FR_{pera} DIVERSAS e que podem ser traduzidas livremente por ‘havia uma árvore’, ‘havia um homem de cavanhaque e bigode’ e ‘o homem estava pegando diversas frutas, a saber, peras’. Uma tradução mais literal seria: ‘(havia) uma árvore (e) um homem de cavanhaque e bigode, ele₁ (o homem) pega (fruta) diversas peras.’

O sinal HOMEM é repetido três vezes. O sinal é feito no seu queixo, com a sua mão direita. Nas fotos (3) e (4), descrevem-se as características mais marcantes do personagem,

por meio dos sinais CAVANHAQUE e BIGODE. A característica BIGODE, da foto 4, é repetida duas vezes.

Com respeito ao objeto, ele também é explicitado sintaticamente pelo sinal de *forma genérica* (FG)³⁵ do contorno de uma pera, seguido pelo sinal FRUTA, correspondendo aproximadamente à tradução livre ‘fruta com forma de pera’. As características da pera também foram bem detalhadas. Assim, o $CI_{\text{arredondado}} \text{ médio}$, nesse exemplo, refere-se cataforicamente à FG_{pera} .

Podemos observar que, nas fotos (6) e (7), a configuração de mão³⁶ 14 (CM 14)³⁷ foi utilizada pelas duas mãos para fazer um desenho na forma de uma pera (fruta) no espaço de sinalização à sua frente. Posteriormente, na foto 8, sinalizou FRUTA com a mão direita e a sua mão esquerda ficou temporariamente com a CM 14. Os dados apontam que o resquício do sinal FG_{pera} , feito com a mão esquerda, afetou a sinalização do sinal DIVERSOS (foto 9). Nessa foto, verificamos um processo de assimilação que afetou a realização do sinal seguinte DIVERSOS. Os dados corroboram a pesquisa que tratou da descrição e análise dos processos fonológicos de assimilação na Libras, realizada por Resende (2012, p. 50). Segundo Valli & Lucas (2000, p. 46), a assimilação é um processo no qual um segmento assume as características de outro segmento próximo a ele, geralmente o que está antes ou depois dele.³⁸

As orações, que denominamos “plenas”, contrastam com as reduzidas, a seguir, não só pela presença do objeto sintático, como também pela quantidade de informação detalhada que apresentam sobre os elementos destacados e pela quantidade de repetições dos sinais que se referem aos personagens ou objetos constantes da história. Interpretamos essas repetições como marcas de topicalização geral, no sentido ampliado que estamos adotando, quando essas formas ocorrem na construção do cenário.

³⁵ Adota-se nesta análise a proposta de Grannier e Marinho (2012 (manuscrito)).

³⁶ Configuração da(s) mão(s) – segundo Brito (1995, p. 36) “são as diversas formas que a(s) mão(s) toma(m) na realização do sinal”.

³⁷ As configurações de mão (CM) utilizadas nos exemplos ao longo do texto, retiramos as imagens dessas configurações da tabela apresentada na terceira edição do livro Curso de LIBRAS - 1, de Nelson Pimenta e Ronice Muller de Quadros (2008, p.73), reproduzida no Anexo D.

³⁸ Assimilação – Assimilations means that a segment takes on the characteristics of another segment near it, usually the one just before it or after it. Valli et al. (2011, p. 46) (Tradução nossa).

4.2.2 Orações transitivas reduzidas

Nas orações transitivas reduzidas, não há objeto direto sintático e os argumentos são expressos morfologicamente, afixados ao verbo, constituindo um sinal só. Adotamos aqui o critério de Felten e Grannier, que consideram como um único sinal o conjunto de morfemas realizados simultaneamente num único gesto (FELTEN & GRANNIER, 2013, p. 6). Havendo introdução de novo personagem na narrativa (v. foto 2) e uma retomada de um personagem introduzido no cenário inicial, o sinal se apresenta apenas com uma repetição, ou seja, o sinal é realizado duas vezes (v. foto 108 abaixo).

Exemplo 14: UM HOMEM CAVANHAQUE E BIGODE '[...] um homem com cavanhaque e bigode'(...) **HOMEM BIGODE** 'o homem de bigode [...].'

PM MOV 6458 (00:00,00 – 11:58,04)			7 PM IMG 2018 (00:00,00 – 11:58,04)	
				
2	3	4	108	109
HOMEM (3X)	CAVANHAQUE	BIGODE (2X)	HOMEM (2X)	BIGODE
Nome	Nome	Nome	N	
Um homem de cavanhaque e bigode.			Nome	
			Homem de bigode.	

(...)

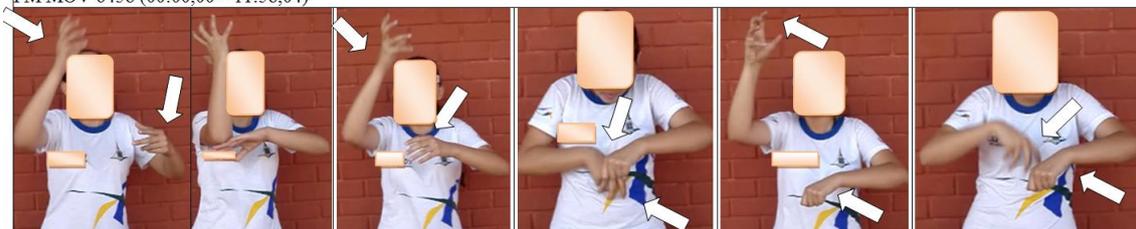
Na sequência do exemplo (14) da seção anterior, ocorre o exemplo (15), uma oração no espaço sub-rogado, onde [CORPO] 'ele₁' refere-se anaforicamente ao homem anunciado na construção do cenário. Nesse caso, [CORPO] 'ele₁' (o homem que pega a pera) é o sujeito agente da ação sinalizada por PEGAR, no exemplo (13), na foto (5).

Além disso, há uma referência anafórica ao objeto PERA, mencionado na oração plena exemplo (13), fotos (6) e (7), representado aqui por um afixo, o classificador Cl_{médio}, (configuração de mão 47), que indica um objeto arredondado de tamanho médio.

Na primeira oração, exemplo (15), [CORPO]-PEGAR-Cl_{arredondadomédio}-ÁRVORE, ‘ele (o homem) pega-as na árvore’, inicia-se a ação que é enfatizada, na continuidade (nas fotos 12 a 19), pela repetição da ação [CORPO]-PEGAR- Cl_{arredondadomédio}^COLOCAR-Cl_{recipientegrande}, que é repetido quatro vezes. Note-se que na repetição incide o sinal composto³⁹ PEGAR^COLOCAR e seus afixos.

Exemplo 15: [CORPO]-PEGAR-Cl_{arredondadomédio}-ÁRVORE [CORPO]-PEGAR-Cl_{arredondadomédio}^COLOCAR-Cl_{recipientegrande} ‘ele1 (o homem) pega ele2 (a fruta) na árvore e ele1 (o homem) coloca ele2 (a fruta) em recipiente grande.’

PM MOV 6458 (00:00,00 – 11:58,04)



10	11	12	13	14	15
[CORPO]-PEGAR-Cl _{arredondado médio} (MD) CM: 29	ÁRVORE	[CORPO]-PEGAR- Cl _{arredondado médio} (MD) CM 29 Cl _{recipiente grande} (ME) CM 60	[CORPO]-COLOCAR-Cl _{arredondado médio} (MD) CM 29 Cl _{recipiente grande} (ME) CM 60	[CORPO]-PEGAR -Cl _{arredondado médio} (MD) CM 29 Cl _{recipiente grande} (ME) CM 60	[CORPO]-COLOCAR-Cl _{arredondado médio} (MD) CM 29 Cl _{recipiente grande} (ME) CM 60)
Nome	Locativo	Verbo		Verbo	
Ele ₁ (o homem) pega ele ₂ (a fruta) na árvore e ele ₁ (o homem) coloca ele ₂ (a fruta) em recipiente grande.					

PM MOV 6458 (00:00,00- 11:58,04)



16	17	18	19
[CORPO]-PEGAR-Cl _{arredondado médio} (MD) CM 29 Cl _{recipiente grande} (ME) CM 60	[CORPO]-COLOCAR-Cl _{arredondado médio} (MD) CM 29 Cl _{recipiente grande} (ME) CM 60	[CORPO]-PEGAR-Cl _{arredondado médio} (MD) CM 29 Cl _{recipiente grande} (ME) CM 60	[CORPO]-COLOCAR -Cl _{arredondado médio} (MD) CM 29 Cl _{recipiente grande} (ME) CM 60
Verbo	Verbo	Verbo	Verbo

³⁹ A sequência de dois verbos com um mesmo sujeito, indicada aqui como sinal “composto” e que passa a ser repetida em conjunto na continuidade do exemplo, pode contribuir para uma análise dessa estrutura como uma construção com verbos seriais. Esse tópico deverá ser aprofundado em pesquisa futura.

Note-se que, na oração reduzida, não há mais ocorrência do sinal HOMEM, pois o foco passa a ser a ação – evidenciado pela repetição do sinal, enquanto na construção do cenário, as orações plenas enfatizam os personagens e, eventualmente, algum locativo. Ou seja, podemos concluir que os constituintes – sejam eles os verbos ou os argumentos – quando em foco, são repetidos três ou mais vezes.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DESCRIÇÃO: A TRANSITIVIDADE

Adotamos, nesta análise, os rótulos A, S e O, conforme Dixon (2010b), para representar, respectivamente, o sujeito de uma oração transitiva, o de uma oração intransitiva e o objeto de uma oração transitiva. Quanto à função e ao caso desses argumentos, de acordo com a classificação desse autor, examinada na seção 1.2 e reproduzida a seguir, encontramos, na Libras, a situação (ii) e, parcialmente, a situação (iii).

(ii) Os argumentos A e S são marcados da mesma maneira. Nessa situação, tem-se o caso nominativo na ocorrência de cada um deles. E se o objeto transitivo O for marcado diferentemente, identifica-se o caso acusativo nesse argumento.

(iii) o argumento A é marcado de maneira diferente de O e de S (linha III da figura 1). Nesse sistema, trata-se do caso ergativo e os argumentos S e O marcados da mesma maneira, tendo-se então o caso absolutivo. Um sistema menos comum é encontrado somente em um quarto das línguas do mundo.

5.1 Alinhamento de argumentos

Correspondendo à situação (ii), descrita por Dixon, temos, em Libras, A e S representados por [CORPO] nos exemplos (16) e (17), respectivamente. A identificação da função do *corpo como sujeito* se deve a Meir et al. (2006, p. 83), segundo os quais a função básica do corpo nas formas verbais em uma língua de sinais é a de representar o argumento sujeito.

Assim, o sujeito da oração transitiva (A), exemplificada em (16), é marcado da mesma maneira que o sujeito da oração intransitiva (S), do exemplo (17). Nessas estruturas, os dois sujeitos são representados por todo o corpo do falante e os dois são diferentes de O, que é marcado por um classificador, sinalizado apenas com a configuração de mão.

Exemplo 16: [CORPO]-PEGAR-Clarredondado médio ÁRVORE.

PM MOV 6458 (00:00,00 – 11:58,04)	
	
10	11
[CORPO]-PEGAR- Cl _{arredondado médio} (MD) CM: 29	ÁRVORE
Nome	Locativo
Ele ₁ (o homem) pega ele ₂ (a fruta) na árvore.	

Exemplo 17: [CORPO] ESPERA. 'ele1 (Pato) espera'

EX 1 - IMG 1891 (00:00,00-04:49,12)

52
[CORPO] ESPERAR (2X)
Verbo
Ele (Pato) espera.

Os argumentos A e S (sujeitos de transitiva e de intransitiva) têm relação com agência, animacidade e controle da ação dentro da oração. Os argumentos A e S são os **agentes**, tanto no exemplo (16) como no exemplo (17) e o O, do exemplo (16), é o **paciente** de PEGAR. Essas representações revelam informações importantes no ato de comunicação.

Quanto ao caso, o [CORPO] corresponde ao caso nominativo, pois ele ocorre como sujeito tanto de orações transitivas, em A no exemplo (16), quanto em orações intransitivas, em S no exemplo (17) – S_a, nos termos de Dixon (2010b). Nessa oração, entretanto, não podemos considerar o objeto Cl_{arredondado médio} como acusativo, pois essa marcação é

compartilhada por um segundo tipo de S – S_o, nos termos de Dixon (2010b), como vemos no exemplo (18), que corresponde, portanto, ao caso absolutivo.

Exemplo 18: HOMEM Clhumano-2-DESCER-Clcilíndrico ‘o homem desce’

PM 2012 (00:00,00-03:03,24)		
		
31	32	33
HOMEM Clhumano-2 (2X)	DESCER (5X) CM 48 (MD)-Clcilíndrico	
Nome	Verbo	
O homem desce.		

Nesse exemplo, HOMEM (2X) encontra-se topicalizado, não havendo, portanto, uma conexão argumental com o verbo. O sujeito, nessa oração, é Clhumano-2 (MD), um S_o, no caso absolutivo.

Convém notar que existe o caso acusativo em Libras, em estruturas transitivas realizadas no espaço real, como o correspondente a ‘eu te telefono’. Nessa situação, as pessoas são predominantemente as pessoas do discurso – a 1^a. ou a 2^a. pessoa, do singular ou do plural e, nesse espaço, a apontação pode envolver também uma 3^a. pessoa que esteja presente na situação do ato de fala. Tanto o sujeito agente (A) quanto o objeto paciente (O) são indicados pela apontação da pessoa em questão. A pessoa apontada no início do sinal é o A, nominativo, e a apontada no final é o O, acusativo. Neste trabalho, entretanto, não examinaremos esse tipo de ocorrência, frequente em diálogos, pois restringimos o nosso *corpus* aos textos narrativos ou instrucionais.

Além disso, não foi encontrado nos textos narrativos ocorrências de argumentos no caso ergativo. Por essa razão consideramos que o caso (iii) de Dixon (2010b) está representado apenas parcialmente pela existência de S_o ou de sujeitos do tipo S_o, no caso absolutivo, o mesmo caso do O.

5.2 Flexões dos verbos

Em Libras, observamos que nos verbos ocorrem morfemas indicadores de sujeito e objeto. Brito já os havia analisado, considerando-os como “um caso especial de incorporação” (1995, p. 54), explicada anteriormente como uma informação morfossintática que duplica uma informação lexical de ordem sintática e se soma ao verbo (1995, p. 50). Consideramos que essas formas são constitutivas do vocábulo verbal, ou seja, que são flexões, visto que o sujeito e o objeto são realizados (sinalizados) ao mesmo tempo em que o sinal do verbo é realizado, em um sinal só.

Esses afixos ocorrem na estrutura verbal, que pode ser representada da seguinte maneira:

Afixos pessoais/s V Afixos pessoais/o
--

Nessa representação, **Afixos pessoais /s** é uma forma pronominal nominativa específica para a função de sujeito, conforme (MEIR *et al.*), que a denomina *corpo-como-sujeito*, um pronome anafórico, realizado por um giro do corpo na direção do local onde foi situado o nome referido (com três formas alternativas possíveis: no centro, para a direita ou para a esquerda); e **Afixos pessoais /o** é outra forma pronominal que corresponde a uma classe de pronomes absolutivos, constituída por um conjunto de classificadores que distinguem por características físicas aos seres referidos.

Reinterpretamos esse conjunto, denominado na literatura sobre Libras como “classificadores” por Brito (1995) ou “termos de classe” por Mendonça (2012), como sendo constituído por dois subgrupos: os que são usados na função de sujeito de verbos intransitivos, que passamos a denominar “classificadores-sujeito” (Cl-s) e os usados como objeto, os “classificadores-objeto” (Cl-o).

Segundo Brito (1995, p. 110), “as funções de um classificador são principalmente as de descrever, localizar e representar objetos quanto a sua forma e tamanho”. Os Cl-o são diferenciados, portanto, de acordo com o tamanho do objeto apreendido: Cl_{pequeno}, como podemos ver no exemplo (19), indicado pela configuração de mão 60 (CM 60); e Cl_{médio}, exemplificado em (20), onde vemos a configuração de uma mão 59 (CM 59), e Cl_{grande}, como no exemplo (21), indicado pela configuração de duas mãos 60 (CM 60).

Exemplo 19: FIO BRANCO ‘fio branco’

RECICLAGEM IMG 0178 (00:00,07 – 06:3	
	
13	14
FIO (MD e ME) CM 44	BRANCO
Nome	Adjetivo
Fio branco.	

No exemplo acima, na foto 13, podemos observar o Cl, que representa uma maneira de segurar um objeto pequeno e fino com as duas mãos (uma em cima e outra embaixo no espaço de sinalização).

Exemplo 20: [CORPO]-ENMOLHAR PARA CIMA-PEGAR-Clarredondado médio ‘ele1pega ele2’

PM MOV 6458 (00:00,0

5
[CORPO]- ENMOLHAR PARA CIMA- PEGAR (3X)- Clarredondado médio
Mão Direita (MD) CM: 29
Ele ₁ (o homem) pega ele ₂ (a fruta).

No exemplo anterior temos a referência anafórica ao objeto mencionado anteriormente na seção 4.1, por meio da CM 59, que indica um objeto arredondado de tamanho médio. Note-se que, nesse exemplo, a ENMOLHAR PARA CIMA ocorre no contexto em que o sujeito que segura o recipiente arredondado grande se prepara para pegar frutas, antecipando a relação com o objeto.

No exemplo a seguir, temos a representação de um Cl_{arredondado grande} com as duas mãos (CM 60).

Exemplo 21: [CORPO] ENMOLHAR PARA CIMA-SEGURAR-Clarredondado grande



54

[CORPO]
ENMOLHARPARACIMA-
SEGURAR-
Cl_{arredondado} grande
CM 60

Verbo

Os Cl-s indicam seres animados e inanimados que se movem, pois ocorrem como sujeitos de verbos de movimento e subdividem-se em humanos e veículos.

Os classificadores humanos: Cl_{humano1}, Cl_{humano2} e Cl_{humano3} encontram-se representados nos exemplos 22, 23 e 24, respectivamente. Os Cl_{veículo}s podem ser Cl_{veículo1} e Cl_{veículo2}. Este último representado no exemplo 25.

Exemplo 22: HOMEM ANDAR-Cl_{humano1} 'o homem (vem) andando'

PM – 2021 (00:00,07 – 04:37,61)		
		
24	25	26
HOMEM (2X) (MD)	ANDAR-Cl _{humano1} (MD)	
Nome	Verbo	
O homem (vem) andando.		

Exemplo 23: Clhumano2-DESCER-FRárvore ‘ ele1 (o homem) desce’

PM 2012 (00:00,00-03:03,24)	
	
21	22
Clhumano2-DESCER CM 48 (MD) (5X) -FRárvore (ME)	
Verbo	
Ele ₁ (o homem) desce.	

Exemplo 24: TRÊS HOMEM Clhumano3-VEM. ‘ três homens (vem) vindo’

PM – IMG 2024 (00:00,00 - 18:37,24)			
			
120	121	122	123
TRÊS	HOMEM (2X)	Clhumano3 -VIR (3X) CM 14	
Numeral	Nome	Verbo	
Três homens (vem) vindo.			

Exemplo 25: Clveículo2-IR ‘a bicicleta (está) indo’


80
Clveículo IR (MD) CM 56
A bicicleta está indo.

Conforme Brito (1995, p. 109), o classificador que denominamos $Cl_{\text{veículo}2}$ “representa veículo (caminhão, avião, bicicleta, trem, motocicleta, ônibus), teto de uma casa, pé dentro de um sapato etc.”. Neste trabalho distinguimos, entre os ‘veículos’ referidos por Brito, um primeiro conjunto: o carro, o caminhão e o trem, como $Cl_{\text{veículo}1}$, no qual a orientação da mão se encontra na horizontal, e um segundo conjunto: a bicicleta e o cavalo, $Cl_{\text{veículo}2}$, nos quais a orientação de mão encontra-se na vertical.

Brito (1995, p. 102) considera que, as línguas de sinais, provavelmente por serem línguas espaço visuais, utilizam frequentemente vários tipos de classificadores. Para a autora, “cada Configuração de Mão (CM) utilizada como classificador é um morfema.” E argumenta, ainda, que os classificadores (Cls) funcionam como partes dos verbos em uma oração e são chamados de verbos de movimento ou de localização. Eles podem mostrar a relação espacial entre pessoas e coisas. A CM e a orientação da mão (OM) constituem os classificadores.

5.3 Formas genéricas e formas reduzidas

Consideramos as classes de classificadores como realizações morfológicas de sujeito e de objeto. Convém salientar que esses se distinguem das formas genéricas, que são itens lexicais plenos, e das formas (genéricas) reduzidas, como já apontado por Grannier & Marinho (no prelo).

Segundo Grannier & Marinho (manuscrito), formas reduzidas (FR) ocorrem quando um sinal articulado ao mesmo tempo com as duas mãos é parcialmente desconstruído no momento da sinalização: uma das mãos fica paralisada no espaço de sinalização, “enquanto a outra é retirada, ficando livre para a realização de outro item lexical ou de um enunciado em que a mão paralisada participa como um constituinte frasal”. Nos nossos dados, as FR ocorrem na função de adjunto adnominal ou locativo. A seguir, ilustramos esse ponto com exemplos.

(a) Na função de adjunto adnominal:

Exemplo 26: [CORPO]-Cl_{roliço fino}-SACUDIR / [...] / [CORPO]-FRBATER ‘ele (o homem) do bate-bate.’

EXEMPLO 7 PF – IMG 2018	
	
14 [...]	27
[CORPO]-Cl _{roliço fino} -SACUDIR(7X) (MD)	[CORPO]-FRBATER (MD)
Contínuo	
Verbo	Verbo
Ele (o homem) do bate-bate.	

No exemplo acima, na foto 14, o [CORPO] refere-se a um HOMEM, topicalizado anteriormente, e é o sujeito do verbo SACUDIR, realizado com um movimento repetido. Nesta oração, o verbo completa sua valência com Cl_{roliço fino} (referindo-se a um bate-bate). Na continuidade da narrativa, a foto 27 é uma nova topicalização, na qual se qualifica a pessoa referida por [CORPO] (o mesmo homem mencionado anteriormente) com um adjunto adnominal, FR_{SACUDIR}, e se traduz, mais literalmente, como ‘ele (o homem) que sacode ele (o bate-bate)’ e, mais livremente, como ‘o homem do bate-bate’.

(b) Na função de locativo:

Exemplo 27: Cl_{humano-2}-DESCER-FRÁRVORE ‘ele₁ (o homem) desce’

PM 2012 (00:00,00-03:03,24)	
	
21	22
Cl _{humano-2} -DESCER CM 48 (MD) (5X) -FRÁRVORE (ME)	
Contínuo	
Verbo	
Ele ₁ (o homem) desce.	

Nos exemplos acima, a referência anafórica à árvore passa a ser representada pela FR_{ÁRVORE}, caracterizada pela ausência de movimento da forma plena ÁRVORE.

5.4 A expressão da transitividade

Em Libras, temos dois tipos de objetos – um caracterizado pelo traço semântico [animado], que pode vir a se tornar sujeito de uma oração passiva, e o outro, [inanimado], que não apresenta essa possibilidade. Há também orações em que ocorrem os dois objetos, o [animado] e o [inanimado], como no exemplo a seguir.

Exemplo 28: CHIFRE^BARBA(tópico) [CORPO]-OLHAR- ENMOLHARPARABAIXO - PUXAR-Cl_{roliço fino} / [CORPO]-OLHAR-ENMOLHARPARACIMA-PUXAR-Cl_{roliço fino} - BRAÇO/MÃODIREITA -PASS ‘ bode, ele1 (o homem) puxa ele2 (o bode) por ele3 (a corda), ele2 (o bode) está sendo puxado pela corda.

PMMOV 6458 (00:00,00 – 11:58,04)					
23	24	25	26	27	28
CHIFRE^BARBA		[CORPO] OLHAR-ENM _{OLHARPARABAIXO} -PUXAR-Cl _{roliço fino} (1X) CM-1(MD e ME)		[CORPO]-OLHAR-ENM _{OLHARPARACIMA} -PUXAR-Cl _{roliço fino} - BRAÇO/MÃODIREITA -PASS (1X)	
Bode.		Ele ₁ (o homem) puxa pela corda.		Ele ₂ (o bode) está sendo puxado pela corda.	

O trecho em questão é constituído por três segmentos:

(i) CHIFRE^BARBA⁴⁰ ‘bode’ (Fotos 23 e 24) – elemento topicalizado;

(ii) [CORPO]-OLHAR-ENM_{OLHARPARABAIXO}-PUXAR-Cl_{roliço-fino} ‘Ele₁ (o homem) puxa pela corda’’ (Fotos 25 e 26) – oração reduzida ativa e,

⁴⁰ CHIFRE^BARBA – Um sinal formado por dois ou mais sinais será representado por duas ou mais palavras com a ideia de uma única coisa e serão separados pelo símbolo ^, de acordo com Felipe (2001, p. 22).

(iii) [CORPO]-OLHAR-ENM_{OLHARPARACIMA}-PUXAR-Cl_{roliço-fino}- BRAÇO/MÃO_{DIREITA}-PASS ‘Ele₂ (o bode) está sendo puxado pela corda’ (Fotos 27 e 28) – oração reduzida passiva.

No primeiro segmento, CHIFRE^BARBA, introduz-se o personagem BODE (fotos 23 e 24) por meio dos sinais (CHIFRE^BARBA).

Nos dois segmentos seguintes, (ii) e (iii), são orações derivadas que sofrem redução de valência: as orações apresentam um sujeito e um verbo com um instrumento, representado pelo classificador Cl_{roliço-fino}, [inanimado].

Como veremos adiante, Cl_{roliço-fino} tem um papel especial na justaposição das orações, nas quais a primeira é ativa e a segunda é passiva, pois é o único elemento que mantém a mesma função nas duas orações.

Adotando a interpretação de Janzen et al (1997, p. 436), consideramos que ENM_{OLHAR} (para cima ou para baixo) não representa um argumento especificado na oração, mas indica apenas um *locus*, que nesse caso está vazio.

Assim, nesse exemplo, há a topicalização de CHIFRE^BARBA ‘bode’, ligado a duas orações, sendo a primeira [CORPO]-OLHAR-ENM_{OLHARPARABAIXO}-PUXAR-Cl_{roliço-fino} ‘Ele₁ (o homem) puxa pela a corda’’ (Fotos 25 e 26) – uma *oração reduzida ativa*, derivada de uma oração transitiva plena subjacente – HOMEM [CORPO]-PUXAR-Cl_{roliço fino} CHIFRE^BARBA. Nessa oração reduzida, a ENM_{OLHARPARABAIXO}, indica um *locus* vazio, visto que não ocorre nem BODE nem um classificador que se refira anaforicamente a ele.

A oração seguinte, *passiva*, também reduzida, deriva de uma ativa plena subjacente, do tipo descrito na seção 4.2.2 (capítulo 4), na qual há um objeto paciente [animado] explícito. A oração subjacente tem a mesma forma citada acima (HOMEM [CORPO]-PUXAR-Cl_{roliço fino} CHIFRE^BARBA), e, na derivação, o objeto paciente é promovido a sujeito da oração passiva, passando a ser expresso por [CORPO].

5.5 Processos de redução de valência

Os processos de redução de valência encontrados têm como base orações subjacentes transitivas plenas com objeto direto [animado]. A redução pode aplicar-se ao argumento agente ou ao paciente, derivando dois tipos de oração – uma ativa e uma passiva, que ocorrem justapostas, complementando-se, permitindo assim a especificação dos dois argumentos envolvidos na transitividade.

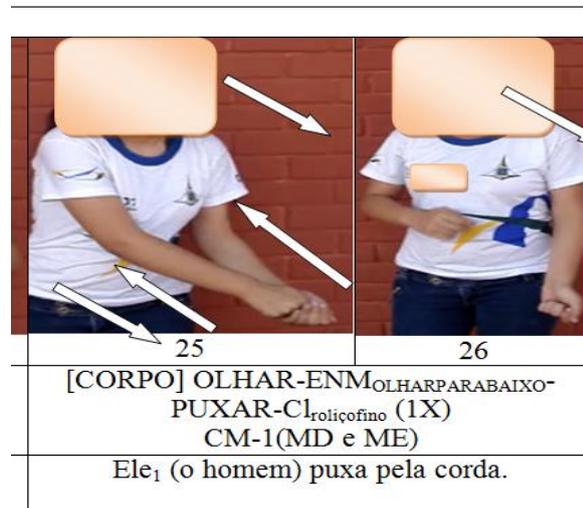
Tomando como base o exemplo (29), que reproduzimos a seguir, podemos observar que, antes de tudo, há a **topicalização** do objeto paciente da oração subjacente – CHIFRE^BARBA, que ocorre como o primeiro elemento da sequência.

CHIFRE^BARBA [CORPO]-OLHAR- ENM_{OLHARPARABAIXO} -PUXAR-CI_{roliço fino} / [CORPO]-OLHAR-ENM_{OLHARPARACIMA}-PUXAR-CI_{roliço fino}-BRAÇO/MÃO_{DIREITA}-PASS ‘(quanto ao) bode, ele₁ (o homem) puxa pela corda; ele₂ (o bode) é puxado pela corda.

PM MOV 6458 (00:00,00 – 11:58,04)					
23	24	25	26	27	28
CHIFRE^BARBA		[CORPO] OLHAR-ENM _{OLHARPARABAIXO} -PUXAR-CI _{roliço fino} (1X) CM-1(MD e ME)		[CORPO]-OLHAR-ENM _{OLHARPARACIMA} -PUXAR-CI _{roliço fino} - BRAÇO/MÃO _{DIREITA} -PASS (1X)	
Bode.		Ele ₁ (o homem) puxa pela corda.		Ele ₂ (o bode) está sendo puxado pela corda.	

A oração reduzida ativa é derivada com a omissão do objeto paciente, como podemos observar no exemplo anterior, exemplo (29) – [CORPO]-OLHAR-ENM_{OLHARPARABAIXO}-PUXAR-CI_{roliço-fino} ‘Ele₁ (o homem) puxa pela corda’ (Fotos 25 e 26) – reproduzido a seguir.

Exemplo 29: [CORPO]-OLHAR-ENMOLHAR PARA BAIXO-PUXAR-CI_{roliço fino} fino ‘ele₁ (o homem) puxa ela₂ (a corda) (Foto 25).



Nessa oração, [CORPO] representa o sujeito agente, no caso nominativo, associado a uma expressão não manual, o olhar para baixo, que indica o *locus* do paciente, mas que se encontra vazio. O classificador CI_{roliço-fino}, por sua vez, indica o instrumento com o qual a ação é realizada.

A função do [CORPO] como sujeito corrobora a análise de Meir *et al.*, que afirmam “a função básica do corpo nas formas verbais em uma língua de sinais é representar o argumento sujeito” (MEIR *et al.*, 2008, p. 82). Segundo os autores (2008, p. 83), “nas línguas de sinais, os meios linguísticos empregados para comunicar um evento são as mãos, o corpo do sinalizador e o espaço ao seu redor”.

Oração reduzida passiva

A oração seguinte, reproduzida no exemplo (30), apresenta-se na voz passiva: [CORPO]-OLHAR-ENM_{OLHARPARACIMA-}PUXAR-CI_{roliço fino}-BRAÇO/MÃO_{DIREITA-}PASS está sendo puxado por ele₃ (a corda) e por ele₁ (o homem)’ na qual [CORPO], associado à expressão não manual do olhar para cima, passa a representar o *sujeito paciente*, também nominativo.

Esse exemplo evidencia as características essenciais de uma oração passiva prototípica, de acordo com a teoria funcionalista, encontrada, entre outros, em Givón (1990), Payne (1997) e Dixon (2010), que sintetizamos, a partir da formulação de Dixon (2010a, p.

165-166), pois (1) “aplica-se a uma oração transitiva subjacente e forma uma oração intransitiva derivada”, ou seja, na qual há apenas um argumento sujeito – o paciente – indicado por [CORPO]; (2) “o argumento sujeito corresponde ao O subjacente”; (3) “o argumento A subjacente vai para uma função periférica ou pode ser omitido” – no nosso caso, o agente é omitido; (4) “há uma marcação formal explícita para a construção passiva, que pode ser um processo morfológico aplicado ao verbo, entre outros”, o que se manifesta, na Libras, pela mudança do *locus* onde se inicia a ação de PUXAR – longe do sujeito, na ativa, e perto do sujeito, na passiva. Além disso, há o morfema específico da morfologia passiva BRAÇO/MÃO_{DIREITA}-PASS e a mudança da ENM de “ENM_{OLHARPARABAIXO}” para “ENM_{OLHARPARACIMA}”.

A mudança de voz caracteriza-se por um espelhamento, que tem como eixo o objeto instrumento e como elementos opostos, os morfemas representados pelas ENMs, ENM_{OLHAR PARA BAIXO} e ENM_{OLHARPARACIMA}. O agente é omitido.

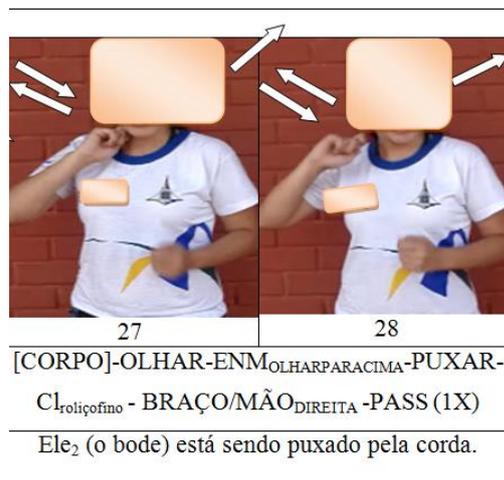
Assim, a estrutura examinada acima corrobora o elenco de características da estrutura passiva definidas por Janzen et al. (1997, p. 435-436) para a ASL: (1) há a demissão do agente, de modo que ele não é mencionado, conforme vimos no exemplo (31); (2) nesse mesmo exemplo, podemos observar que o evento é visto pela perspectiva do paciente mais do que pela perspectiva do agente – a expressão morfológica do sujeito por [CORPO] caracteriza nitidamente o ponto de vista adotado pelo narrador: no exemplo (30) o sujeito [CORPO] indica o agente, enquanto no exemplo (31), o sujeito [CORPO] indica o paciente e, por fim, (3) a demissão prototípica do agente (*defocusing*) em vez de ser especificada sintaticamente em associação com um *locus*, é indicada por um *locus* vazio. Assim, nessa estrutura passiva, o agente não é especificado.

Convém salientar que na análise de Janzen et al., a perspectiva do paciente também é indicada na ASL pelo recurso gramatical no qual o sinalizador usa o seu próprio corpo como o *locus* para a terceira pessoa referida (JANTZEN et al, p. 439).

Esse exemplo ilustra a necessidade de se recorrer à estrutura passiva para especificar o paciente, a fim de expressá-lo por meio de [CORPO] e acrescentar informações referentes a ele. Brito (2010, p. 112) afirma que, as expressões faciais acompanham frequentemente os CIs, como, por exemplo, olhos bem abertos e bochechas estufadas etc. No exemplo (30), o

conjunto de ENMs, olhos arregalados e a língua para fora, indicam a resistência do bode à ação do homem.

Exemplo 30: [CORPO]-OLHAR-ENM_{OLHARPARACIMA}-PUXAR-Cl_{roliçofino}-BRAÇO/MÃO_{DIREITA}-PASS ‘ele₂ (o bode) é puxado pela corda’



Uma diferença marcante da oração ativa para a passiva, essencial na mudança de morfologia própria desse tipo de derivação, como já mencionado, é que o sinal PUXAR, na oração ativa é realizado por um movimento repetido que se inicia longe de [CORPO] e termina perto dele, quando indica o agente e se inicia perto do [CORPO], ou seja, junto ao pescoço do narrador, terminando longe dele, quando este indica o paciente. Além disso, a ENM_{OLHAR PARA BAIXO}, que, na oração ativa (fotos 25 e 26), indica o lugar onde estaria o animal que está sendo puxado, e é substituída, na oração passiva, pela ENM_{OLHAR PARACIMA} (fotos 27 E 28). Esse OLHAR, em si, indica o *locus* onde estão situados, respectivamente, os dois argumentos ausentes: o paciente e o agente, corroborando Valli & Lucas, afirmam “O espaço também é utilizado para funções referenciais. [...] um lugar no espaço pode ser associado a um nome [...] esse ponto no espaço pode continuar a ser referido durante a conversa.” (VALLI & LUCAS, 2000, p. 77)

Na Libras, a topicalização não exclui a passivização, pois ela precede, como processo, as derivações de orações reduzidas, abrangendo tanto a ativa como a passiva. Os três processos podem ser considerados um desdobramento da oração transitiva subjacente, o que é esquematizado na figura a seguir.

Figura 23: Topicalização e redução de valências

Estrutura derivada

CHIFRE^BARBA		[CORPO/ agente] ENMOLHARPARABAIX PUXAR-Cl _{roligo fino}	[CORPO/ paciente] -BRAÇO/MÃO _{DIREITA} -PASS ENMOLHARPARACIM PUXAR-Cl _{roligo fino}	
Topicalização		Reduzida ativa	Reduzida passiva	

Resultado de três processos:

Topicalização da oração subjacente

	Oração subjacente		
	HOMEM	[CORPO]-PUXAR-Cl _{roligo fino}	CHIFRE^BARBA

CHIFRE^BARBA		[CORPO/ agente] ENMOLHARPARABAIX PUXAR-Cl _{roligo fino}	[CORPO/ paciente]- -BRAÇO/MÃO _{DIREITA} -PASS ENMOLHARPARACIM PUXAR-Cl _{roligo fino}	
Topicalização				

Processo de redução (ativa)

	Oração subjacente		
	HOMEM	[CORPO]-PUXAR-Cl _{roligo fino}	CHIFRE^BARBA

CHIFRE^BARBA		[CORPO/ agente] ENMOLHARPARABAIX PUXAR-Cl _{roligo fino}	[CORPO/ paciente]- -BRAÇO/MÃO _{DIREITA} -PASS ENMOLHARPARACIM PUXAR-Cl _{roligo fino}	
		Reduzida ativa		

Processo de redução passiva (passivização)

	Oração subjacente		
	HOMEM	[CORPO]-PUXAR-Cl _{roligo fino}	CHIFRE^BARBA

CHIFRE^BARBA		[CORPO/ agente] ENMOLHARPARABAIX PUXAR-Cl _{roligo fino}	[CORPO/ paciente]- -BRAÇO/MÃO _{DIREITA} -PASS ENMOLHARPARACIM PUXAR-Cl _{roligo fino}	
			Reduzida passiva	

A necessidade desses processos parece dever-se à restrição de ocorrência de um objeto paciente [animado], de modo que uma oração transitiva plena subjacente passa por um processo de topicalização do paciente e se desdobra em duas orações intransitivas – a primeira, ativa, e a segunda, passiva.

O vínculo entre as duas orações é reforçado pela imagem em espelho: a primeira imagem correspondendo ao exemplo (29) em contraste com a segunda imagem que corresponde ao exemplo (30). Na figura 24 podemos ver uma representação do espelhamento, na qual se destacam, além dos elementos comuns, os olhares – para baixo, na primeira oração, e para cima, na segunda oração – ambos direcionados para o argumento menos saliente sintaticamente.

Figura 24: Espelhamento da oração ativa e passiva



Fonte: figura elaborada pela autora (desenho de Riquelme Araújo Ferreira - 2016).

Convém lembrar que a referência ao instrumento, que também se manifesta como flexão verbal, é realizada ao mesmo tempo que o sinal do verbo. Ela indica o instrumento com que o animal é puxado e é sinalizado pela configuração de mãos 1 (CM 1) (das duas mãos, na oração ativa e apenas da mão direita na oração passiva). Nas duas orações, temos CI_{roliço-fino} como indicador de algo que pode ser uma corda.

De certa forma, esse instrumento reforça o vínculo entre orações justapostas, nas quais a primeira é ativa e a segunda é passiva.

5.6 A reciprocidade

Segundo Valli & Lucas (2000, p. 97), os verbos recíprocos na ASL incluem informações sobre um sujeito e um objeto simultaneamente. Assim, para os autores, no espaço token, cada mão mostra um argumento, a localização das mãos indica os sujeitos e orientação das mãos indica os objetos. A orientação das mãos em espelho representa as ações recíprocas.

No exemplo seguinte, temos um caso de ação recíproca. A oração se inicia com a topicalização dos dois personagens (fotos 3 a 6), seguida pela oração que contém o verbo BEIJAR, com a indicação de sujeito e objeto recíprocos pelas mãos em espelho (fotos 7 a 10), e finalizada com o locativo ALI (foto 11).

Exemplo 31: HOMEM^PATO MULHER^PATO (tópicos) BEIJAR (2X) BEIJAR (2X) LOCALI
 ‘quanto ao pato e à pata, eles se beijavam ali’

EXEMPLO 26 PATINHO FEIO (00:00,00- 00:17,33)			
2 HOMEM^PATO (2X)		4 MULHER^PATO (2X)	
Nome		Nome	
Quanto ao pato e à pata,			

EXEMPLO 26 PATINHO FEIO (00:00,00- 00:17,33)				
6 BEIJAR (2X)		8 BEIJAR (2X)		10 LOCALI
Verbo		Verbo		Locativo
eles se beijavam ali.				

Assim como no exemplo (30) com o verbo PUXAR, examinado na seção 5.5 Processos de redução de valência, a estrutura com o verbo BEIJAR (entre outros como EMPURRAR e DAR, que requerem argumentos [animados], que possam ocupar a posição de sujeito-agente ou de sujeito-paciente) pode desdobrar-se em duas orações: a primeira, ativa (exemplo 31) e a segunda, passiva, como podemos ver no exemplo a seguir.

Exemplo 32: [CORPO]-ENM_{INTENSO}-BEIJAR-LOC_{BOCHECHA}-COMPL_{AGENTE} ‘ela (a pata) foi beijada intensamente na bochecha por ele (o pato)’

EXEMPLO 26 PATINHO FEIO (00:00,00- 00:17,33)			
			
11	12	13	14
[CORPO]-ENM _{INTENSO} -BEIJAR-LOC _{BOCHECHA} -COMPL _{AGENTE}			
Verbo			
Ela (a pata) foi beijada intensamente na bochecha por ele (o pato).			

Na sequência da oração ativa, ocorre, justaposta, a oração passiva [CORPO]-ENM_{INTENSO}-BEIJAR-LOC_{BOCHECHA}-COMPL_{AGENTE} ‘ela (a pata) foi beijada intensamente na bochecha por ele (o pato)’, para poder acrescentar informações relativas ao *modo* como o paciente animado recebe a ação. Para isso, o paciente deve vir a ser expresso como sujeito, ou seja, pelo *corpo-como-sujeito*, porque somente a esse tipo de sujeito podem ser acrescentadas expressões não manuais (ENM).

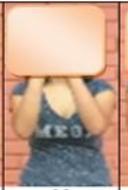
5.7 O beneficiário

Para Valli & Lucas (2000, p. 9-94), a localização e a orientação das mãos na realização dos sinais de alguns verbos incluem informações sobre sujeito e objeto. Segundo os autores, não existem sinais separados para EU DOU ALGO pelo fato de as informações sobre o sujeito e o objeto estarem incluídos somente na orientação do sinal do verbo DAR. A localização e a orientação do verbo DAR são dadas pelas mãos, que mostram quem é o sujeito agente e quem é o objeto paciente.

De acordo com Sandler & Lillo-Martin (2006, p. 27), nas línguas de sinais, um verbo que concorda com sujeito e objeto (no espaço real) geralmente faz uso de espaço referencial usando o *locus* para o sujeito (Ver lista obs.) como localização inicial do verbo e o *locus* do objeto como ponto final. Ao sinalizar os verbos, a mão move-se a partir do lugar do sujeito para o lugar do objeto. Segundo esses autores, o verbo DAR tem informações sobre o sujeito transitivo e o objeto transitivo e estas informações são incluídas na sua estrutura de sinalização.

No exemplo a seguir, a trajetória do movimento do verbo DAR inicia-se no sujeito agente e segue em direção ao objeto indireto beneficiário. O objeto direto, FG_{para} TRÊS, aparece topicalizado e fica representado (implicitamente, porque não corresponde a um classificador especificado) no verbo pela configuração de mãos que sinaliza ‘ALGO’ em DAR^ALGO, sinal que tem seu significado realizado por meio do movimento que vai do *locus* do sujeito agente para o do objeto beneficiário, correspondendo à estrutura argumental prototípica de um verbo bitransitivo.

Exemplo 33: FG_{pera} TRÊS AQUI [CORPO]-PEGAR-ALGO-AQUI ENMOLHAR PARA A ESQUERDA [CORPO]-DAR-ALGO ENMOLHAR PARA A ESQUERDA [...] [CORPO] OBRIGADO.
 ‘Ele₁ deu três peras para ele₂. [...] a outra pessoa agradece ’

EXEMPLO 7 PF – IMG 2018								
								
34 FRUTA (MD) CM 25	35	36 FRUTA GENERICA _{pera} (FG _{pera}) MD e ME (CM 16)		37	38	39 TRES (MD) AQUI (ME) CM 16	40 [CORPO]- PEGAR-ALGO- AQUI (MD e ME) CM 27 ENMOLHARPARA AESQUERDA	41 [CORPO]-DAR-ALGO (MD e ME) CM 60 ENMOLHARPARAA ESQUERDA
Nome	Nome				Numeral	Verbo		
Ele ₁ deu três peras para ele ₂ .								

PF – IMG 2018 (00:00,00 – 00:34,93)	
	
43	44
OBRIGADO!	

(...) [...] a outra pessoa agradece.

Dessa maneira, a transitividade se realiza plenamente, pois os dois argumentos podem ocorrer em toda sua especificação. Esse recurso é necessário porque esses verbos permitem a ocorrência de elementos explicativos (ENM) apenas no argumento especificado pela flexão CORPO (o corpo como sujeito). Portanto, para referir-se a qualquer especificação do beneficiário como do paciente, é preciso que ele ocorra como sujeito de uma oração. Daí, no caso do paciente, a necessidade da voz passiva, justaposta à oração ativa, como se viu no exemplo (29), nas fotos (25) e (26). Para poder acrescentar informações sobre o modo como reage o paciente, recorre-se à estrutura passiva, na qual o paciente ocupa a posição de sujeito, nas fotos (27) e (28) do mesmo exemplo. A transitividade plena, que resulta da ligação das duas orações, expressa-se por meio de marcas morfológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma característica geral das narrativas na Libras é a delimitação de constituintes por meio de marcadores, tanto no nível do discurso como nos limites de alguns constituintes sintáticos menores, indicando mudanças de palavras ou de assuntos.

Os aspectos da transitividade da Libras examinados neste estudo apontam para uma língua de proeminência tanto de tópico quanto de sujeito, como o japonês e o coreano, correspondendo ao segundo tipo de Li e Thompson (1976), o que é evidenciado, por um lado, pela presença de topicalização e, por outro lado, pela existência de processos em que se requer do sujeito uma função destacada.

A topicalização é caracterizada pela posição inicial nos enunciados e por marcas morfológicas – a repetição do sinal. Além disso, os dados indicaram que, na Libras, há uma construção de cenário no início de narrativas, necessária para a referenciação anafórica nas orações que o seguem. A existência desse tipo de componente reforça o caráter de língua de tópico proeminente, como se o cenário constituísse um “supertópico”, pois vemos aí um paralelismo: assim como uma das propriedades que permitem identificar o tópico é a não necessidade de ter sido selecionado pelo verbo, a construção do cenário, ou supertópico, também tem um caráter periférico da mesma maneira que o tópico é periférico para as relações de valência da oração. Consideramos essa característica uma espécie de “espírito da língua” que se reflete também nos atos de fala do tipo “anúncio da informação”. Pretendemos aprofundar essa hipótese em pesquisas futuras.

A proeminência do sujeito se estabelece pela existência do processo de passivização. Algumas ocorrências de verbos em conjuntos, que denominamos provisoriamente “compostos”, podem vir a contribuir nesse sentido, caso se demonstre em pesquisas futuras que esses casos se caracterizam como verbos seriais.

A repetição de sinais (ou de conjuntos de sinais), em todos os casos, indica, por sua vez, qual é o foco da estrutura em questão. Tanto os os nomes como os verbos podem ser destacados pela repetição (de três a quatro vezes) se estiverem em foco: os predicados nominais na construção do cenário, e os predicados verbais na narrativa, em que a atenção se concentra na ação.

Quanto aos casos gramaticais, os dados apontam que, a Libras é uma língua de transitividade complexa, já que apresenta estruturas transitivas nominativas/acusativas (no espaço real) e estruturas nominativas/ absolutivas, como as examinadas neste trabalho, que ocorrem predominantemente nos espaços sub-rogado e *token* das narrativas. A transitividade se apresenta cindida, pois há sujeitos do tipo A e S_a, nominativos, com o mesmo tipo de marcação de sujeito, o [CORPO], assim como do tipo S_o, absolutivos, nos quais a marca que os caracteriza é idêntica à dos objetos (O) de verbos transitivos, os classificadores, representados por configurações de mão.

A função da oração passiva na Libras é basicamente a mesma que nas línguas orais, ou seja, a de permitir que se acrescentem informações sobre o paciente.

Nas línguas orais, a voz passiva ocorre independentemente da voz ativa e nem sempre omite o agente, podendo apenas demovê-lo da estrutura argumental, colocando-o como um adjunto. Já, na Libras, a voz passiva ocorre como uma parte do desdobramento de uma oração transitiva plena, justapondo-se à expressão da ativa, que também ocorre reduzida. O desdobramento da oração ativa plena pode incluir um processo de topicalização do paciente, o que não elimina a necessidade do desdobramento da oração plena em duas orações reduzidas, ativa e passiva, pois a antecipação do paciente abrange as duas, que são realizadas nessa sequência.

É importante registrar que os resultados apresentados aqui são preliminares e que carecem de aprofundamento em pesquisas subsequentes. Consideramos, entretanto, que o conhecimento das estruturas e das funções dos fatos observados neste estudo poderão fornecer subsídios para uma melhor reflexão sobre a Libras, o que certamente será relevante tanto para o ensino de Libras como para o ensino de português como segunda língua a surdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKHENVALD, A. Y. *Classifiers: a typology of noun categorization devices*. New York: Oxford University Press, 2008.

BRASIL. Constituição (2005). Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Brasília, DF.

BRASIL. Decreto-lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 abr. 2005. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>>. Acesso em: 30 ago.2011.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/2002/L10436.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. *Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais: orientações gerais e marcos legais*. Organização e coordenação Marlene de Oliveira Gotti & et. al. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação especial. *A educação dos surdos*. Organizado por Giuseppe Rinaldi et al. Brasília: MEC/SEESP, 1997. V. II. – (Série Atualidades Pedagógicas; n. 4) 361 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. *Deficiência auditiva*. Organizado por Giuseppe Rinaldi et al. Brasília: SEESP, 1997. V. I – (Série Atualidades Pedagógicas; n. 4) 337 p.

BRITO, L. F.. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1995.

_____. Língua brasileira de sinais – LIBRAS. In: BRASIL, Secretaria de Educação Especial. *Língua Brasileira de Sinais/* organizado por Lucinda F. Brito Et. AL. Brasília: SEESP, 1997. VIII. (série Atualidades Pedagógicas, n.4). p. 19-61.

_____. Língua brasileira de sinais – LIBRAS. In: BRASIL, Secretaria de Educação Especial. *Língua Brasileira de Sinais/* organizado por Lucinda F. Brito Et. AL. Brasília: SEESP, 1997. VIII. (série Atualidades Pedagógicas, n.4). p. 19-61.

CRYSTAL, D. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 6ª ed. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2008.

DAVIS, H. *Hearing and deafness*. 3ª ed. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc. New York, 1961.

DE LEON, M. De L. *Noun and numeral classifiers in Mixyec and Tzotzil: a referential view*. PhD thesis, University of Sussex, 1987.

DIXON, R. M. W. *Basic linguistic theory: grammatical topics*. New York: Oxford University press, v. 1, 2010.

_____. *Basic linguistic theory: grammatical topics*. New York: Oxford University press, v. 2, 2010.

DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (COORD.). *Changing valency: case studies in transitivity*. Cambridge, UK. Cambridge University Press, 2000.

EVANS, N. *The problem of body parts and noun class membership in Australian Language*. University of Melbourne Working Papers in Linguistics 14: 1-8. 1996.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge, UK. Cambridge University Press, 1994..

FÁVERO, E. A. G.; PANTOJA, L. M. P.; MANTOAN, M. T. E. *Aspectos legais e orientação pedagógica*. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

FELIPE, T. *Libras em contexto: curso básico, livro do estudante cursista*. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC; SEESP, 2001.

_____. *Introdução à gramática da LIBRAS*. 2010. Disponível em: <http://www.arteLibras.com.br/ewadmin/download/Gramatica_da_Libras.pdf>. Acesso em 13 abr 2016.

FELTEN, E. F. & GRANNIER, D. M. *Criação de sinais próprios de pessoa na língua de sinais brasileira*. Trabalho de conclusão de curso (ProIC-UnB). Universidade de Brasília, Instituto de Letras: Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, 2013.

FETTERMAN, D. M. *Ethnography: step by step: Applied social research methods*. 2 ed. London: SAGE Publications, 1998. v. 17, p.165.

FRISHBERG, N. *Arbitrariness and iconicity: historical change in American Sign Language*, 51. 1975, p. 676-710.

GRANNIER, D. M. *Aspectos da morfossintaxe do guarani antigo*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Alagoas, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras Clássicas e vernáculas. Programa de Pós-Graduação em Letras e linguística, 2002.

GIVÓN, T. *A compreensão da gramática*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Maria Alice Tavares, Edvaldo Balduino Bispo. São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: J. Benjamins, 1984. v. 2.

ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.

JANZEN, T.; O'DEA, B.; SHAFFER, B. Passive constructions in American Sign Language. In: TWENTY THIRD ANNUAL MEETING OF BERKELY LINGUÍSTIC SOCIETY: GENERAL SESSION AND PARASESSION ON PRAGMATICS AND GRAMMATICAL STRUCTURE, 1997, Berkeley, CA: The Annual Proceeding of the Berkeley Linguistics Society is published online via eLanguage, the Linguistic Society of America's digital publishing platform, 1997. p. 434-445.

LASSANCE, A. *Brasília & Distrito Federal: imperativos institucionais*. Brasília: Verano Editora, IHGDF, 2002

LI, C. & THOMPSON, S. A. Subject and topic: a new typology of language In: LI, C. *Subject and topic*. New York: Academic, 1976. p. 457-489.

LIDDELL, S. K. Real, surrogate, and token space: grammatical consequences. In: EMMOREY, K.; REILLY, J. S. (Coord.) *Language, gesture, and space*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 19-41.

LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language*. New York: Cambridge University Press, 2003.

LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. E. Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory. In *Theoretical issues in sign language research, V. 1: Linguistics*, eds. Susan D. Fischer and Patricia Siple, 191-210, Chicago: University of Chicago Press, 1990.

McDONALD, B. H. Aspects of the American Sign Language predicate system. Unpublished doctoral dissertation, University of Buffalo, 1982.

MEIR, I. et al. Re-Thinking sign language verb classes: the body as subject. In: QUADROS, R. M. de.; VASCONCELLOS, M. L. B. de (Org). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. TISLR 9º THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH CONFERENCE. Tradução de Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Elaine Espíndola, Thiago Blanch Pires, Carolina Vidal Ferreira. Florianópolis, SC: Editora Arara Azul, 2006. p. 82-101. Disponível em: < http://editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/completo_port.pdf >. Acesso em: 09 mai. 2012.

MEIR, I. et al. Re-Thinking Sign language Verb Classes: The Body as Subject. In: QUADROS, R. M. de.; VASCONCELLOS, M. L. B. de (Org). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. TISLR 9º THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH CONFERENCE. Tradução de Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Elaine Espíndola, Thiago Blanch Pires, Carolina Vidal Ferreira. Florianópolis, SC: Editora Arara

Azul, 2008. p. 82-101. Disponível em: < http://editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/completo_port.pdf >. Acesso em: 09 mai. 2012.

MENDONÇA, C. S. S. S. *Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores*. 2012. Vii 155 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras: Departamento de Língua Portuguesa e Línguas Clássicas, 2012.

PAGY, F. E. *Reduplicação na língua brasileira de sinais (LIBRAS)*. 2012. xvi 187 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras. Departamento de Língua Portuguesa e Línguas Clássicas, 2012.

PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax: a guide for Field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PADDEN, C. A. Grammatical theory and signed languages. In: NEWMWYER, F. J. (Org.). *Linguistics: The Cambridge Survey*. Vol. 2: *Linguistic Theory: extensions and Implication*. Washington: Cambridge University Press, 1996. P. 250 - 266.

PADDEN, C. et al. The grammar of space in two new Sign Languages. In: BRENTARI, D. (Org.). *Sign Languages: A Cambridge Language Survey*. New York: Cambridge University press, 2010. p. 570 - 607.

PIMENTA, N.; QUADROS R. M. *Curso de língua de sinais brasileira, v.1, Iniciante*. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, R. M. de. *Phrase structure of Brazilian Sign Language*. 1999. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1999.

_____. *Phrase structure of Brazilian Sign Language*. In: *Cross-linguistic perspectives in sign language research*. Selected papers from TISLR 2000. Signum Press: Hamburg. 2003. p.141-162.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, R. M. PIZZIO, A. L. *Língua brasileira de sinais II*. Apostila do curso de Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2009.

RESENDE, C. S. *Assimilação na língua de sinais brasileira*. 2012. 96 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2012.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. Natural sign languages. In: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (Eds.). *Handbook of linguistics*. 2001. pp. 533-562. Disponível em: <sandlersignlab.haifa.ac.il/html/html/_eng/pdf/Natural%20Sign%20Languages.pdf%20.pdf> Acesso em: 24 nov. 2012.

SANDLER, W. & LILLO-MARTIN, D. *Sign language and linguistic universals*. New York: Cambridge University Press, 2006.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. New York: Cambridge University Press, 1987.

SCHEMBRI, A. The syntax and morphology of classifiers in Sign Language: rethinking 'classifiers' in signed languages. In: EMMOREY, K. *Perspectives on classifier construction in sign languages*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003. P. 03-34.

SEILER, W. *Imonda, a Papuan Language*. Canberra: Pacific Linguistics, 1985.

SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description*. Vol. 1: Clause structure. New York: Cambridge University Press, 2008.

STOKOE, W. *Sign Language structure: an outline of the visual communication systems of the american deaf*. *Studies in linguistics: occasional papers* (Nº 8). Buffalo: Dept. of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo, 1960.

STOKOE, W. C., Jr., CASTERLINE, D.; CRONEBERG, C. *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*. Washington DC: Gallaudet College Press, 1965.

SUPALLA, T. Morphology of verbs of motion and location in American Sign Language. In: F. Caccamise & D. Hicks (Eds.), *American Sign Language in a bilingual, bicultural context: proceedings of the Second national symposium on sign language research and teaching* (pp. 27-46). Coronado CA: National Association of the Deaf, 1978.

THE PEAR STORIES: Cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production. Direção de Wallace Chafe. Norwood, New Jersey: Ablex, 1980. 1 vídeo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=bRNSTxTpG7U>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

THOMPSON, R. *Eye gaze in American Sign Language: linguistic functions for verbs and pronouns*. 2006. Disponível em: <<http://benjamins.com/series/sll/11-1/art/18tho.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

VALLI, C. & LUCAS, C. *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. Washington, D. C.: Clerc Books/Gallaudet University press (2002). 1989.

VALLI, C.; LUCAS, C. *Linguistics of American Sign Language: an introduction* (3ª ed.). Washington, D.C: Gallaudet University Press, 2000.

VIOTTI, E. *Introdução aos estudos linguísticos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão/UFSC, 2007. ISBN: 85-60522-03-4. Disponível em: <[.http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/introducao_aos_estudos_linguisticos/1_O%20que%20E9%20lingu%EDstica.pdf](http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/introducao_aos_estudos_linguisticos/1_O%20que%20E9%20lingu%EDstica.pdf)>. Acesso em: 11 jan 2013.

ZESHAN, U. Roots, leaves and branches: the typology of sign languages. In: QUADROS, R. M. de.; VASCONCELLOS, M. L. B. de (Org). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. TISLR 9º THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH CONFERENCE. Tradução de Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Elaine Espíndola,

Thiago Blanch Pires, Carolina Vidal Ferreira. Florianópolis, SC: Editora Arara Azul, 2006. p. 82-101. Disponível em: < http://editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/completo_port.pdf >. Acesso em: 09 mai. 2012.

SITES CONSULTADOS

A Língua Brasileira de Sinais (Microsoft Word – MEC – parte 7. Doc)

<[http://www.arteLibras.com.br/ewadmin/download/Gramatica da Libras.pdf](http://www.arteLibras.com.br/ewadmin/download/Gramatica_da_Libras.pdf)> . Acesso em: 25 jan 2016.

<http://dieselpardal.blogspot.com.br/2011/08/problema-de-quantidade-de-configuracao.html>.

Acesso em: 26 jan. 2012

<http://www.youtube.com/watch?v=aahT5Sw8Gk>. Acesso: 08 06 2014

<https://www.youtube.com/watch?v=bRNSTxTpG7U>. Acesso em 12 de junho de 2011.

Windows movie maker <<http://www.baixaki.com.br/download/windows-movie-maker.htm#ixzz3ydkIabk4>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

Windows movie maker < <http://www.baixaki.com.br/download/windows-movie-maker.htm>>.

Acesso em: 25 jan. 2012.

<https://www.youtube.com/watch?v=bRNSTxTpG7U>. Acesso em 12 de junho de 2011.

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO EMITIDA PELO COMITÊ DE ÉTICA



Comitê de Ética em Pesquisa
Instituto de Ciências Humanas
Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Campus Universitário Darcy Ribeiro

ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DOS PREDICADOS VERBAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Número do projeto: 20-06/2012

Com base nas Resoluções 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos, resolveu **APROVAR** o projeto intitulado " ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DOS PREDICADOS VERBAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA".

O pesquisador responsável fica notificado da obrigatoriedade da apresentação de um relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (itens VII.13 letra "d" e IX.2 letra "c" da Resolução CNS 196/96).

Brasília, 15 de agosto de 2012.

Debora Diniz
Coordenadora Geral – CEP/IH

ANEXO B – CONFIGURAÇÃO DE MÃOS



Fonte: Pimenta e Quadros (2008, p. 73)

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PAIS OU RESPONSÁVEIS)

Prezado (a) Senhor (a),

O (A) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Aspectos morfossintáticos dos predicados verbais da língua de sinais brasileira”. Esclareço que a presente pesquisa visa à elaboração de uma tese de doutorado, por mim, Noriko Lúcia Sabanaí, sob a orientação da Prof^a Dr^a Daniele Marcelle Grannier.

Informo que o (a) senhor (a) foi selecionado (a) por ser responsável legal pelo (a) aluno (a): _____, regularmente matriculado (a) no Centro de Ensino Fundamental 07 de Ceilândia (EQNM 05/07 – AE) da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF.

Justificativa da pesquisa: gerar conhecimento científico realizando a análise e a descrição das características morfossintáticas das orações transitivas e intransitivas da Língua de Sinais Brasileira (LSB), variedade falada em Brasília.

Objetivos: Na pesquisa, examinaremos os predicados verbais transitivos e intransitivos da Língua de Sinais Brasileira (LSB). Serão examinados também, em LSB, os argumentos que satisfazem as valências dos verbos. Consideraremos suas funções sintáticas, como sujeito e objeto direto, entre outros; seus papéis semânticos, tais como: agente, paciente, beneficiário, além das marcas de caso, quando houver. Serão enfocadas as formas como são marcadas as relações morfossintáticas entre o verbo e seus argumentos, em especial a apontação, marcas não manuais, expressões faciais.

Procedimentos da Coleta de dados: Os dados serão coletados por meio de filmagens (captações de imagens) de narrativas, frases e palavras elicitadas por auxiliares de pesquisa surdos fluentes na Língua de Sinais Brasileira (LSB), além da gravação de conversas entre surdos. A temática será sugerida pelo filme (mudo com ação):

(1) Uma narrativa baseada em um desenho animado: *A história do patinho feio*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=aahhT5Sw8Gk>>. Acesso em: 08 jun. 2014; (2) Uma narrativa baseada no filme: *The pear film*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bRNSTxTpG7U>>. Acesso em: 12 jun. 2011. (3) Uma descrição de uma aula instrucional dada na escola sobre como reciclar garrafas PET.

Solicitaremos que cada participante surdo use a língua de sinais brasileira (LSB) em diversas situações:

Procedimento (1):

(1.1) Individualmente, em pé, diante de um fundo neutro, de frente para a câmera, o participante surdo A (este participante será filmado), que assistiu ao filme sugerido acima, irá contar em LSB o que viu no filme para o participante surdo B, que não viu o filme (o participante B ficará por trás da câmera e não será filmado).

Para verificar a compreensão, adotaremos o teste proposto por Padden (2010, p. 570), no qual, após a sinalização da história pelo surdo A, ao surdo B será solicitada a identificação de uma foto, dentre três fotos, que corresponda à ação que foi descrita pelo surdo A.

Uma das três fotos descreve corretamente a ação. Caso o surdo B escolha uma foto incorreta, pediremos ao surdo A que repita a descrição do que viu no filme e, assim, repetiremos o mesmo procedimento inicial.

(1.2) Em duplas, em pé, diante de um fundo neutro, cada um dos participantes, de frente para a câmera, dialogará sobre o filme. Para filmar os diálogos utilizaremos duas câmeras (Sony – Câmera Digital W 610) de gravação de vídeo para registrar cada participante de frente no diálogo.

Procedimento (2):

Com relação às cartelas de figuras com histórias em sequência A, B e C, o procedimento utilizado será o mesmo do filme: *The Pear film*. Um participante surdo A terá acesso a uma cartela de histórias e repassará o que viu na cartela para o outro participante surdo B. E o participante surdo B escolherá, dentre três cartelas de figuras, uma que corresponda à ação que foi descrita pelo participante surdo A.

Uma das três cartelas descreve corretamente a ação. Caso o participante surdo B escolha uma cartela incorreta, pediremos ao participante surdo A que repita a descrição do que viu na cartela de figuras. E assim repetiremos o mesmo procedimento inicial.

Para a triangulação de dados, num segundo momento, os informantes assistirão às suas gravações e diálogos juntamente com o pesquisador, comentando o que os participantes sinalizaram.

Resultados esperados: Estima-se que, com base nesta investigação, novos conhecimentos sejam gerados para as futuras pesquisas de natureza funcional-tipológica. Os produtos e as informações obtidos desta pesquisa serão analisados e divulgados somente em congressos e em publicações científicas, respeitando-se o anonimato dos (as) participantes. Podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do *e-mail* do CEP/IH cep_ih@unb.br.

Pelo presente instrumento, solicitamos o consentimento, esclarecendo que:

a colaboração nesta pesquisa é uma contribuição voluntária sem remuneração; a pesquisa não prevê nenhuma forma de pagamento/recompensa que viole as disposições Resolução CNS 196/96;

✓ serão previstos procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico-financeiro;

o consentimento em participar é livre, podendo o/a participante não aceitar ou desistir a qualquer tempo, sem necessidade de exposição de motivos;

o (a) participante poderá solicitar informação sobre a pesquisa e seu andamento em qualquer tempo, e a pesquisadora compromete-se a esclarecer as dúvidas que houver;

em hipótese alguma, será divulgado o nome/identificação dos participantes, assegurando-se a sua privacidade quanto aos dados envolvidos no estudo: serão utilizados pseudônimos;

✓ será assegurada a inteira liberdade de participar ou não da pesquisa, sem quaisquer represálias;

✓ os dados obtidos a partir dos participantes da pesquisa não poderão ser usados para outros fins que os não previstos no protocolo e/ou no consentimento;

a pesquisadora compromete-se a utilizar os resultados obtidos, bem como as imagens dos participantes filmados, somente em publicações científicas, como em artigos científicos de revistas especializadas, dissertações e teses, em encontros científicos e/ou congressos;

os resultados da pesquisa serão compartilhados com os/as participantes da pesquisa, por meio de contato da pesquisadora com os participantes; além disso, a qualquer tempo os/as participantes poderão entrar em contato com a pesquisadora e solicitar informações sobre a pesquisa.

Após apresentar o Termo de Consentimento Livre e esclarecido, eu, Noriko Lúcia Sabanai, solicito a sua autorização para que o seu filho (a): _____ possa participar da pesquisa intitulada: Aspectos morfossintáticos dos predicados verbais da língua de sinais brasileira.

Informo que todas as informações obtidas com esta pesquisa terão destinação unicamente científica. Caso tenha alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, o senhor (a) poderá entrar em contato com o pesquisador responsável.

Este termo está redigido em duas vias, ficando uma em posse do (a) participante e uma em posse da pesquisadora. Os dados para contato com a pesquisadora responsável são: - Universidade de Brasília (UnB) - tel.: (061) 3107-7049. Endereço eletrônico da pesquisadora - norikosabanai@gmail.com. Antecipadamente, agradeço a sua colaboração.

Brasília, ____/_____/2012.

Eu, _____, declaro que li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido referente à pesquisa e, concordando com o seu conteúdo, declaro meu consentimento, podendo dela me ausentar a qualquer tempo.

Assinatura do (a) participante

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA O PARTICIPANTE SURDO)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
 INSTITUTO DE LETRAS – IL
 DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

Brasília, _____ de _____ de 2012.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (**para o Participante surdo**).

Oi, tudo bem?

Eu sou doutoranda da Universidade de Brasília (UnB).

Eu vou pesquisar a Língua de Sinais Brasileira, que você fala.

Eu preciso coletar dados.

Eu vou conversar sempre com você nesta língua.

Você pode me ajudar nesta pesquisa, por favor?

Eu posso filmar você falando Língua de Sinais Brasileira, na sua sala de aula, na escola em que você estuda?

Se você aceitar participar da minha pesquisa, você participará de duas (02) maneiras:

(1) Você irá assistir a um filme chamado: **Filme da pera**.

Depois, você contará para um outro **Participante surdo** o que viu no filme olhando para a câmera digital. A câmera digital estará filmando você.

O outro **Participante surdo** estará atrás da câmera digital.

(2) Você receberá três (03) cartelas de papel A, B e C.

Cada cartela terá um (01) desenho diferente.

Você irá escolher uma (01) cartela e depois você contará para o Participante surdo que está atrás da câmera o que você viu na cartela.

Você pode ficar calmo e tranquilo.

O seu nome não irá aparecer na pesquisa, eu vou usar um nome que eu vou inventar;

Você só participará da pesquisa se você quiser;

Você não é obrigado a participar;

Você não ganhará dinheiro para participar da pesquisa (Resolução CNS 196/96);

Se você quiser saber alguma coisa sobre a pesquisa, você poderá perguntar. O meu e-mail é: norikosabanai@gmail.com. O telefone da Universidade de Brasília é: (061) 3107-7049;

Se você quiser ver os resultados da minha pesquisa e saber sobre eles, eu vou mostrar e tirar as suas dúvidas quando você quiser;

Você poderá desistir quando quiser e não precisará explicar o motivo.

Você pode e quer participar desta minha pesquisa?

() Sim () Não

Nome do aluno surdo: _____

Assinatura: _____

Nome da pesquisadora: Noriko Lúcia Sabanai

Assinatura: _____